



O MAGO

A SERVA DO IMPÉRIO





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *A Serva do Império / n.º 214 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Raymond E. Feist e Janny Wurts*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original Servant of the Empire © 1990 Raymond E. Feist e Janny Wurts.

Publicado originalmente em Inglaterra por HarperCollins Publishers, 2010

TRADUÇÃO: *José Remelhe e Rui Azeredo*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa, Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Setembro, 2013*

ISBN: *978-989-637-556-0*

DEPÓSITO LEGAL: *362692/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



O MAGO

A SERVA DO IMPÉRIO

RAYMOND E. FEIST
& JANNY WURTS

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina





*Dedicado à memória de Ron Faust,
eternamente amigo*



ESCRAVO

Abrisa esmoreceu. O pó elevou-se em pequenos redemoinhos, lançando areia para cima da paliçada que cercava o mercado de escravos. Apesar das correntes caprichosas, a atmosfera estava quente e densa, tresandando a homens encarcerados e imundos e ao mesmo tempo ao odor dos esgotos do rio e a lixo apodrecido proveniente da lixeira situada atrás do mercado.

Abrigada atrás das cortinas da sua liteira decorada com lacados brilhantes, a Senhora Mara afastou o ar do rosto com um leque perfumado. Se aquela pestilência a perturbou, não deu sinais disso. A Governatriz dos Acoma fez sinal à sua escolta para que parasse. Soldados envergando armaduras esmaltadas de verde detiveram-se e os transportadores transpirados baixaram a liteira.

Um oficial com o elmo emplumado de Líder de Ataques deu a mão a Mara e ela saiu da liteira. Estava com as faces bastante rosadas; Lujan não foi capaz de perceber se enrubescou devido ao calor ou por estar ainda zangada por causa da discussão que acontecera antes de sair da sua herdade. Jican, o *hadonra* da casa, passara grande parte da manhã a contestar vigorosamente o plano dela de adquirir escravos que, achava ele, não tinham qualquer valor. A discussão terminara apenas quando ela ordenou que se calasse.

Mara dirigiu a palavra ao Primeiro Líder de Ataques. — Lujan, acompanhai-me, e indicai aos outros que devem aguardar aqui. — O azedume dela levou Lujan a abster-se das habituais brincadeiras que, ocasionalmente, raiavam os limites toleráveis do protocolo; além disso, a sua tarefa principal era protegê-la — e o mercado de escravos era um local demasiado exposto para o seu gosto — pelo que a sua atenção passou instantaneamente das graças para a segurança. Conforme procurava qualquer sinal de eventuais complicações, pensou que quando Mara se ocupasse do seu novo plano, iria esquecer a discórdia com Jican. Até lá, não iria apreciar escutar objeções a algo que já não lhe ocupava a mente.

Lujan tinha a noção de que tudo o que a sua senhora levava a cabo era no sentido de a fazer ascender de posição no Jogo do Conselho, a luta política que era o coração da política tsurani. O único objetivo dela era a sobrevivência e o reforço do poder da Casa dos Acoma. Rivais e amigos já tinham aprendido que aquela rapariga em tempos inexperiente amadurecera até se tornar uma jogadora dotada do jogo mortal. Mara evitara a

armadilha lançada pelo velho inimigo do seu pai, Jingu dos Minwanabi, e teve sucesso com a sua própria conspiração — levando Jingu, caído em desgraça, a abdicar da sua própria vida.

Apesar de os triunfos de Mara serem o atual tópico de conversa entre os variados nobres do Império, ela própria pouco descansou para apreciar o prazer da sua ascensão. As mortes do pai e do irmão quase levaram a sua família à extinção. Mara concentrou-se em antecipar problemas futuros enquanto manobrava para assegurar a sua própria sobrevivência. O que foi feito, ficara para trás, e remoer o assunto era arriscar ser apanhada de surpresa.

Apesar de o homem que ordenara a morte do seu pai e do seu irmão estar finalmente morto, a atenção dela concentrou-se na rixa familiar entre a Casa dos Acoma e a Casa dos Minwanabi. Mara não esquecera a expressão de puro ódio de Desio dos Minwanabi quando ela e os outros convidados ignoraram a cerimónia fúnebre do pai dele. Embora não fosse tão inteligente quanto o seu pai, Desio não seria menos perigoso; a dor e o ódio levaram a que as suas motivações passassem a ser pessoais: Mara destruíra o pai dele, assim como a grandeza do seu poder, durante a celebração do aniversário do Senhor da Guerra, que ele organizara na sua própria casa. Depois, saboreara a vitória na presença dos nobres mais influentes e poderosos do Império quando ela própria albergou nas suas propriedades a festa em homenagem ao Senhor da Guerra.

Ainda mal o Senhor da Guerra e os seus convidados tinham partido das terras dos Acoma e Mara já tinha embarcado num novo plano para fortalecer a sua casa; isolou-se a sós com Jican para discutir a necessidade de obter novos escravos para preparar novas pastagens nas pequenas florestas a norte da casa senhorial. Pastos, currais e alpendres deveriam ficar prontos bem antes de se iniciar a época da reprodução na primavera, para que a erva estivesse bem crescida de modo a que as jovens *needra* e respetivas mães pudessem pastar.

Enquanto vice-comandante dos Acoma, Lujan aprendera que o poder desta Casa não assentava na lealdade e coragem dos soldados dela, nem sequer nas distantes licenças de comércio e investimentos, mas sim nas prosaicas e grosseiras *needra* de seis patas. Eram a fundação sobre a qual assentava toda a riqueza dela. Para que o poder dos Acoma crescesse, a primeira tarefa de Mara seria aumentar a sua manada de procriação.

Lujan devolveu a atenção à sua senhora quando Mara sacudiu o pó da túnica. As vestes simples verdes-claras estavam meticulosamente bordadas no debrum e nas mangas com o recorte da ave *shatra*, o brasão da Casa dos Acoma. A senhora trazia calçadas sandálias com solas altas com cavilhas, para que o calçado não se enchesse com o pó que cobria habitualmente as

estradas. As passadas dela geraram um som ribombante e surdo quando subiu as escadas de madeira para as galerias que percorriam toda a extensão da paliçada. Um toldo de lona desbotada servia de teto à estrutura, protegendo os senhores tsurani e os seus agentes do impiedoso sol. Ali podiam manter-se bem longe do pó e da terra e refrescarem-se com qualquer brisa que soprasse do rio enquanto apreciavam os escravos disponíveis para venda.

Para Lujan, a galeria, com a sua grande sombra e filas de bancos de madeira, era menos um abrigo do que um local de trevas dissimuladas. Tocou ao de leve no ombro da sua senhora quando ela chegou ao primeiro patamar. Ela voltou-se para encarar um incómodo olhar inquiridor.

— Senhora — disse Lujan, com muito tato —, se um inimigo estiver à espera, é melhor que lhe mostre a minha espada à frente do vosso belo rosto.

Mara revirou para cima os cantos da boca, ficando muito perto de exibir um sorriso. — Adulador — acusou ela. — É claro que tendes razão. — A sua formalidade com Lujan foi suavizada com humor. — Se bem que entre os protestos do Jican estava a crença de que viria para ser magoada pelos escravos bárbaros, e não por outro Lorde Regente.

Referia-se aos inexpressivos prisioneiros de guerra de Midkemia. Mara não dispunha de fundos para comprar suficientes escravos comuns para tratar das pastagens. Portanto, não vendo outra alternativa, optara por comprar bárbaros. Tinham a fama de ser intratáveis, revoltosos e de não demonstrarem qualquer tipo de humildade perante os seus amos. Lujan observou a sua senhora, que mal lhe dava pelo ombro mas que era dotada de uma natureza capaz de dizimar o homem — senhor, escravo ou criado — que desafiasse a sua vontade indómita. Ele reconheceu a determinação patente nos olhos escuros dela. — De qualquer forma, aposto que, em vós, os bárbaros encontrarão alguém à altura.

— Se assim não for, todos eles sofrerão com o chicote — afirmou Mara resolutamente. — Não só perderemos o uso das terras que necessitamos de limpar antes da primavera, como perderemos o que pagamos pelos escravos. Nesse caso, farei pelo Desio o trabalho dele. — A rara admissão de culpa por parte dela foi deixada passar em claro.

Lujan abriu caminho à sua senhora ao longo da galeria, verificando silenciosamente as suas armas. Os Minwanabi poderiam estar a lamber as suas feridas, mas Mara tinha agora mais inimigos, senhores invejosos face à rápida ascensão dela, homens que sabiam que o nome dos Acoma estava apoiado nos ombros daquela mulher esguia e no seu herdeiro bebé. Ela ainda nem sequer tinha vinte e um anos, sussurrariam os conselheiros deles. Contra Jingu dos Minwanabi fora astuciosa, mas, principalmente, tivera

sorte; com o passar do tempo, a juventude e a inexperiência iriam levá-la a dar um passo em falso. E então as Casas rivais iriam erguer-se como uma matilha de *jagunas*, prontas a lançarem-se sobre a riqueza e o poder da Casa dela e a enterrar o *natami* dos Acoma — a pedra onde está gravado o brasão da família que personifica a sua alma e honra — com a face virada para baixo, para sempre afastado da luz do Sol.

Com a túnica a roçar-lhe com precisão perto dos tornozelos, Mara seguiu Lujan por todo o primeiro piso. Passaram a entrada de acesso à fila mais baixa de galerias, que, através de um hábito não escrito mas profundamente enraizado, era reservada a mercadores ou agentes de Casas, e subiram ao piso seguinte, reservado apenas à nobreza.

Embora houvesse midkemianos para licitar, não estava presente muita gente. Mara viu apenas uns quantos mercadores com um ar entediado que pareciam mais interessados em mexeriquices sobre a cidade do que em comprar. A fileira superior de galerias estaria provavelmente vazia. A maioria dos nobres *tsurani* estava bem mais preocupada com a guerra no mundo para lá da Brecha, ou em refrear o poder sempre crescente do Senhor da Guerra Almecho no Conselho, do que em comprar escravos intratáveis. Os primeiros lotes de cativos de Midkemia haviam atingido preços recorde, dada a curiosidade. Mas a novidade perdera interesse devido às quantidades entretanto chegadas. Agora, os homens adultos de Midkemia eram os mais baratos de todos; apenas as mulheres com o raro cabelo ruivo-dourado ou uma beleza invulgar ainda atingiam um milhar de centúrios. Mas dado que os *Tsurani* habitualmente capturavam guerreiros, raramente estavam disponíveis mulheres do mundo bárbaro.

Uma brisa oriunda do rio empurrou as plumas do elmo de Lujan, fez abanar as pontas com penas do leque perfumado de Mara e agitou os seus brincos em forma de contas. Por cima da paliçada, ecoaram as vozes das equipas de barqueiros que, com as suas varas, faziam as embarcações subir ou descer o rio *Gagalin*. De ali de perto, dos recintos empoeirados dentro das altas paredes de tábuas, vieram os gritos dos mercadores de escravos e o ocasional estalar de uma chibata de pele de *needra* quando os impeliam a andar mais depressa para serem observados nas galerias por clientes interessados. O recinto que continha os midkemianos albergava cerca de duas dúzias de homens. Nenhum comprador se mostrara interessado, pelo que havia apenas um capataz desinteressado a tomar conta. Com ele estava um agente aparentemente encarregado de distribuir roupa e um responsável pelo registo de contas com uma ardósia muito lascada. Mara deitou uma olhadela curiosa aos escravos. Eram todos muito altos, cerca de uma cabeça maiores do que o maior dos *tsurani*. Um em particular elevava-se acima do rechonchudo agente, e o seu cabelo

ruivo-dourado brilhava sob o Sol do meio-dia de Kelewan conforme tentava comunicar numa língua estranha. Mara não teve a oportunidade de analisar melhor o bárbaro, pois Lujan parou repentinamente à sua frente. Tocou-lhe no pulso em sinal de aviso.

— Está aqui alguém — sussurrou ele, e dissimulou a sua inspeção às imediações dobrando-se como se uma pedra se tivesse alojado na sua sandália. Pousou discretamente a mão na espada e, sobre o seu ombro musculado, Mara avistou um vulto sentado na sombra na parte de trás da galeria. Poderia ser um espião, ou pior: um assassino. Com uma venda de midkemianos agendada, um senhor ousado poderia aproveitar-se do facto de o piso superior estar vazio. Mas para uma Casa rival estar ao corrente de que Mara optara por ir pessoalmente ao mercado de escravos, isso revelava a presença de um informador muito bem colocado nas fileiras dos Acoma. A senhora estacou, com um arrepio no estômago ao pensar que, na eventualidade de ser ali derrubada, o seu filho de um ano, Ayaki, seria o derradeiro obstáculo antes de ser definitivamente eliminado o nome dos Acoma.

O vulto nas sombras mexeu-se então e a luz do Sol que passou por uma frincha no toldo revelou um rosto atraente e jovem, exibindo um surpreendido sorriso de deleite.

Mara afagou levemente o pulso de Kujan, suavizando o aperto na espada. — Está tudo bem — informou ela em voz baixa —, conheço este nobre.

Lujan endireitou-se, inexpressivamente, quando o jovem se levantou do banco. O homem avançou com a postura de um espadachim. As suas vestes eram de boa confeção, desde as sandálias de couro tingido de azul a uma túnica de seda bordada. Tinha um corte de cabelo como o dos guerreiros e o seu único adereço era um pingente de obsidiana polida pendurado ao pescoço.

— Hokanu — disse Mara, e, ao escutar aquele nome, o seu guarda-costas descontraíu-se. Lujan não fora apresentado durante o banho de sangue político na herdade dos Minwanabi, mas pelas conversas nas casernas veio a saber que Hokanu e o seu pai, o Senhor Kamatsu dos Shinzawai, estiveram praticamente sozinhos a defender os Acoma. Isso, numa altura em que a maioria dos senhores considerava inevitável a morte de Mara.

Lujan colocou-se com deferência ao lado e, por debaixo da aba do seu elmo, observou o nobre que se aproximava. Mara recebera muitos pedidos de casamento desde a morte do seu marido, mas nenhum dos pretendentes era atraente ou tão bem apresentado quanto o segundo filho de Kamatsu dos Shinzawai. Lujan manteve uma postura irrepreensível, mas, tal como qualquer elemento da casa senhorial dos Acoma, tinha um interesse pessoal em Hokanu. Tal como Mara, se fosse para levar em consideração o rubor nas faces dela.

Após a subtil adulação de recentes pretendentes, a ternura sincera de Hokanu face a Mara era algo refrescante. — Senhora, que bela surpresa! Não tinha a mínima esperança de encontrar tão bela flor num ambiente tão desagradável como este. — Ele fez uma pausa, esboçou uma pequena vénia e sorriu. — Embora há tempos tenhamos visto este delicado rebento exibir os seus espinhos. A vossa vitória sobre o Jingu dos Minwanabi é ainda motivo de conversa em Silmani — revelou ele, referindo-se à cidade mais próxima das propriedades do seu pai.

Mara retribuiu a vénia com sinceridade. — Não vi nenhuma das cores dos Shinzawai entre os servidores que aguardam na rua. Caso contrário, teria trazido um criado com *jomach* gelado e chá de erva frio. Ou talvez não pretendes que seja notado o vosso interesse em escravos? — Ela deixou que a pergunta pairasse por uns momentos, antes de voltar a falar abruptamente. — O vosso pai está bem? — perguntou.

Hokanu assentiu educadamente com a cabeça e convidou Mara a sentar-se num banco. O aperto dele era forte, mas gentil; nada que pudesse comparar-se com o aperto bruto que conhecera da parte do seu marido ao longo de dois anos. Mara fitou os olhos do filho dos Shinzawai e vislumbrou lá uma inteligência tranquila, revestida de diversão, dada a aparente inocência da pergunta dela.

— Sois muito perspicaz. — Ele riu-se, subitamente divertido. — Sim, estou interessado em midkemianos e, seguindo o sensato pedido do meu pai, estou a tentar manter tudo na maior discrição. — A sua expressão tornou-se mais séria. — Gostaria de ser sincero convosco, Mara, tanto quanto o meu pai foi com o Senhor Sezu; os nossos pais serviram juntos na juventude deles, e confiavam um no outro.

Apesar de cativada pelo encanto do jovem, Mara reprimiu o seu desejo de se abrir, para evitar grandes revelações. Ela confiava em Hokanu; mas o nome da família dela saíra ainda muito recentemente do olvido para que pudesse revelar as suas intenções. Os criados de Shinzawai poderiam ter a língua solta e jovens distantes de casa às vezes celebravam os seus primeiros momentos de liberdade e responsabilidade com boas quantidades de bebida. Hokanu parecera-lhe tão equilibrado quanto o pai, mas ela não o conhecia suficientemente bem para ter a certeza disso.

— Temo que o interesse dos Acoma nos bárbaros seja meramente uma questão financeira. — Mara abanou resignadamente o seu leque. — A colmeia cho-ja que conquistámos há três anos deixou as nossas *needra* com poucas pastagens. Os escravos que desbastam a floresta na estação húmida adoecem, diz o meu *hadonra*. Se pretendemos ter suficiente pasto para alimentar as nossas manadas na época de reprodução, temos de contar com perdas. — Ela lançou um olhar pesaroso a Hokanu. — No entanto, não

contava com concorrência nesta licitação. Estou contente por vos ver, mas incomodada só de pensar em licitar contra um amigo tão querido.

Hokanu fitou por momentos as suas próprias mãos, com a testa imperturbada e um sorriso a recurvar-lhe os cantos da boca. — Se libertar a minha senhora do vosso dilema, será que ela retribuirá o favor aos Shinzawai? Digamos, acompanhando em breve um pobre segundo filho num jantar?

Inesperadamente, Mara riu-se. — No que toca a lisonja, Hokanu, sois um demónio. Muito bem, sabeis que não necessito de ser subornada para que vos autorize uma visita às minhas propriedades. A vossa companhia é... sempre bem-vinda.

Hokanu olhou para Lujan simulando sofrimento. — Ela diz isto de uma maneira muito bonita, para alguém que me rejeitou da última vez que estive em Sulan-Qu.

— Isso não é justo — protestou Mara, que depois ruborizou ao aperceber-se do quão rapidamente falara em sua própria defesa. Já com mais decoro, acrescentou:

— O vosso pedido surgiu num momento delicado, Senhor Hokanu.

O rosto dela tornou-se sombrio quando recordou um espião minwanabi e um belo e incómodo rapaz que sofreu em consequência da intriga e da ambição subjacentes a todos os aspetos da vida no Império dos Tsuranuanni.

Hokanu reparou na tensão que ensombrecera o rosto dela. Sentiu-se condoído por aquela jovem mulher, que em criança fora tão séria e que, contra todas as expectativas, teve coragem e inteligência para evitar a ruína da sua Casa. — Cedo-vos os midkemianos — afirmou ele com firmeza — pelo preço que conseguirdes regatear com o agente.

— Mas não vos quero causar incómodo — protestou Mara. O leque dela tremeu por entre os seus dedos cerrados. Estava tensa; Hokanu não poderia reparar nisso e, para o distrair, ela sacudiu o ar por entre as penas como se estivesse incomodada com o calor. — Os Shinzawai mostraram muita amabilidade para com os Acoma e, em honra disso, está na altura de nos provarmos úteis. Que seja eu a ceder a licitação.

Hokanu fitou a senhora, que era delicadamente pequena e bem mais atraente do que ela própria tinha noção. Era dona de um sorriso que a tornava radiante, a não ser pelo facto de naquele momento o rosto por detrás do pó de *thyza* estar praticamente consternado devido à tensão. As preocupações dela eram bem mais profundas do que simples questões de honra, pressentiu desde logo o jovem.

Essa percepção levou-o a deter-se: ela fora arrancada no momento em que ia fazer os votos para servir a deusa Lashima para assumir o seu papel de Governatriz. O mais provável era ela nada ou pouco conhecer dos ho-

mens antes da sua noite de núpcias. E Buntokapi dos Anasati, basicamente um fanfarrão grosseiro e rude, fora o filho de um inimigo dos Acoma antes de se tornar esposo e Senhor Regente.

Fora bruto com ela, teve Hokanu quase a certeza, e era por isso que esta Governatriz e mãe poderia comportar-se com tanta insegurança como uma rapariga uns anos mais nova. Mas depois foi o espanto; aquela aparentemente frágil rapariga provara ter um valor bem maior do que poderiam indicar o seu tamanho e experiência. Ninguém exterior ao círculo mais restrito da sua casa senhorial poderia alguma vez ter adivinhado o que ela teria suportado sob o rude jugo de Buntokapi. Alguém próximo de Mara poderia contar muito se Hokanu conseguisse convidá-lo a partilhar um copo numa taberna. Mas um olhar para a postura atenta de Lujan bastou para convencer o filho do Senhor Kamatsu de que o Líder de Ataques não era uma boa escolha. O guerreiro avaliou Hokanu ao aperceber-se do interesse deste; e, no que tocava à sua senhora, a sua lealdade deveria ser absoluta. Hokanu sabia que Mara era uma sagaz avaliadora de caracteres — bem o provara ao manter-se viva durante tanto tempo.

Tentando suavizar a disposição dela sem a ofender, Hokanu disse:

— Senhora, falei de um sincero desapontamento por não ter sido possível vê-la aquando da minha última visita. — Ocultou qualquer acanhamento atrás de um sorriso encantador. — Os Acoma não devem quaisquer favores aos Shinzawai. Isto trata-se apenas de uma questão prática. A maioria dos escravos de Midkemia segue para a detenção na Cidade das Planícies em Jamar, e eu estou na fronteira de Jamar. Será que vos devo fazer esperar pelo carregamento seguinte de prisioneiros para subirdes o rio, enquanto eu conduzo duas vintenas de homens amarrados uns aos outros sob o calor, os prendo enquanto trato de negócios, para depois os levar de novo rio acima? Não me parece. As vossas pastagens de *needra* são uma necessidade mais urgente, parece-me. Por favor, aceitai o facto de eu não licitar como nada mais do que uma pequena cortesia da minha parte.

Mara deixou abruptamente de abanar o leque, mal dissimulando o seu alívio. — Pequena cortesia? A vossa amabilidade não tem igual, Hokanu. Assim que concluídes os vossos negócios em Jamar, ficaria muito agradada se aceitásseis o meu convite para serdes hóspede dos Acoma no vosso regresso às propriedades do vosso pai.

— Então, está resolvida a questão dos escravos. — Hokanu pegou-lhe na mão. — Aceitarei com agrado a vossa hospitalidade. — Fez uma vénia, de modo a selar o acordo. Ao endireitar-se, viu dois olhos castanhos a fitá-lo intensamente. Sempre se sentira atraído pela Senhora dos Acoma, desde que a vira pela primeira vez. Quando regressasse de Jamar, talvez tivesse a oportunidade de a conhecer melhor, para explorar possibilidades,

para verificar se o interesse dele era recíproco. Mas, naquele momento, intuitivamente, pressentiu que a proximidade estava a deixá-la incomodada. O mercado de escravos público não era o local adequado para tentar perceber porquê e em vez de a deixar desconfortável ao ponto de o prazer dela em vê-lo poder transformar-se em arrependimento, levantou-se do seu lugar. — Então, muito bem. Quanto mais depressa partir para Jamar, mais depressa regressarei. Fico ansioso por voltar a ver-vos, senhora.

Mara agitou o leque em frente ao rosto. Inesperadamente constrangida, sentiu simultaneamente pesar e alívio com a partida de Hokanu. Assentiu com a cabeça tentando demonstrar compostura. — Eu também anseio por esse momento. Fazei boa viagem.

— O mesmo vos desejo, Senhora Mara.

O mais jovem dos dois filhos dos Shinzawai abriu caminho por entre os bancos e abandonou a galeria superior. Ao dirigir-se para a luz do dia, na escada, o seu perfil exibiu o nariz retilíneo, testa alta e queixo saliente que chamaram a atenção de muitas filhas de nobres na sua província natal de Szetac. Até ao olhar extremamente crítico de Lujan, o homem era tão bem-parecido quanto bem colocado a nível social.

O som de vozes elevadas subiu desde o recinto dos escravos. Mara deixou de prestar atenção ao vulto cada vez mais distante de Hokanu. Apoiou-se no anteparo da galeria para ver o que estava a gerar tal tumulto. Dado que não era possível haver arqueiros entre grupos de homens despidos, Lujan não a apressou a recolher-se nas sombras, mas não deixou de observar os telhados das imediações.

Mara surpreendeu-se ao descobrir que a gritaria indecorosa tinha origem no agente que vigiava os bárbaros. Baixo, roliço e envolvido em seda amarela sumptuosa, estava a brandir o punho sob o queixo de um forasteiro. A enfrentá-lo estava o midkemiano ruivo em que Mara já antes reparara, com o seu corpo nu a brilhar sob a luz da tarde. Pareceu estar desesperadamente a abafar o riso enquanto sustinha a invetiva do agente. Mara foi forçada a admitir que o quadro era cómico; o agente era pequeno, até para um tsurani, e os bárbaros eram mais altos do que ele. Numa tentativa vã de querer parecer ameaçador, o suserano foi obrigado a pôr-se em bicos de pés.

Mara observou o forasteiro. Embora pudesse ser açoitado a qualquer momento por um chicote, manteve-se de braços cruzados, numa postura de plena autoconfiança. Era uma cabeça mais alto do que qualquer um dos seus superiores, o capataz e os dois ajudantes dele que se apressaram a ir ajudar o agente. O forasteiro baixou a cabeça para a agitação deles como se fosse um jovem nobre aborrecido com os seus bobos. Mara sentiu subitamente um redemoinho dentro de si ao apreciar o corpo do homem, que era magro e deixava ver as veias devido às rações diminutas e ao trabalho

árduo. Enquanto se obrigava a acalmar-se, tentou perceber se a presença de Hokanu a afetara mais profundamente do que imaginara. Os homens com quem deveria preocupar-se mais naquele momento estavam lá em baixo no recinto, e o interesse dela neles era puramente financeiro.

Mara pôs fim à sua apreciação aberta à aparência do homem e concentrou-se na interação dele com o capataz tsurani e com os ajudantes deste. O palavreado empolado do agente atingiu o seu auge, até que perdeu o fôlego. Agitou o punho por uma última vez junto à clavícula do bárbaro. E para grande espanto de Mara, o escravo não demonstrou qualquer sinal de submissão. Em vez de se prostrar com a cara enterrada no solo aos pés do agente, aguardando silenciosamente o seu castigo, empinou o seu queixo com barba e, numa voz tonitruante, começou a falar num tsurani rudimentar, com gestos confiantes em vez de obedientes.

— Por todos os deuses, olhai para ele — exclamou Lujan espantado. — Comporta-se como se os escravos tivessem nascido com o direito de argumentar. Se fossem todos desavergonhados como este companheiro, não espantaria que um mercador de escravos lhes arrancasse a pele ao fim de meio dia de labuta.

— Silêncio — disse Mara, acenando-lhe com a mão. — Quero ouvir isto. — Esforçou-se para tentar compreender o tsurani adulterado do bárbaro.

De repente, o forasteiro parou de falar, com a cabeça inclinada para um dos lados, como se já tivesse exposto os seus argumentos. O agente parecia enervado. Fez sinal ao ajudante com a ardósia do registo e falou num tom irritado. — Alinhem-se! Todos vós! Já!

Os escravos alinharam-se calmamente em fila. Do ponto alto de onde estava a observar, na galeria, Mara reparou que os bárbaros arrastaram os pés até às suas posições de modo a esconder as atividades de dois companheiros, que estavam agachados defronte da paliçada de madeira do lado que dava para o rio.

— O que vos parece que estarão a fazer? — perguntou ela a Lujan.

O guerreiro encolheu os ombros da maneira típica dos Tsurani, ou seja, apenas com um leve movimento. — Alguma espécie de partida. Já vi jovens *needra* mais inteligentes do que aquele agente.

Lá em baixo, o capataz e o ajudante com a ardósia começaram laboriosamente a contar os escravos. Os dois junto à paliçada foram os últimos a juntar-se à fila, e à custa de um tropeção encenado e de alguma desordem quando o homem desequilibrado caiu na fileira, o encarregado com a ardósia perdeu-se na contagem. Começou de novo, olhando para baixo para marcar a giz cada escravo por que passava, enquanto o agente vociferava e transpirava devido ao atraso.

De cada vez que o encarregado consultava a ardósia, os bárbaros indisciplinados mudavam de posições. O homem com o chicote açoitou uns quantos costados para tentar estabelecer alguma ordem. Um escravo gritou algo na sua língua nativa, que soou suspeitosamente a uma obscenidade, ao saltar para escapar ao castigo, e os outros riram-se. O chicote estalou para silenciar aqueles que estavam mais próximos do capataz, o que levou a fila de escravos que estavam à espera a desfazer-se e, lentamente, a recompor-se atrás das costas do homem. O encarregado com a ardósia olhou para cima em desespero. Mais uma vez, os números estavam todos baralhados.

O agente gritou numa exibição ignominiosa de impaciência:

— Estaremos mortos e enterrados quando terminardes isso!

Bateu palmas para alguém que estava à margem e pouco depois um criado correu precipitadamente para o complexo com um cesto de calças e camisas toscas. Começou a distribuí-las pelos escravos.

Nessa altura, o bárbaro ruivo começou a insultar o capataz aos gritos. O seu tsurani poderia ser básico e mal pronunciado, mas a dada altura da sua marcha desde que fora capturado, alguma criança pedinte anónima ensinara-o cuidadosamente, e bem. A boca do capataz abriu-se de incredulidade enquanto pesava as implicações biológicas do que o forasteiro acabara de dizer em relação à sua mãe. E então ruborizou e fez girar o chicote, que o bárbaro destramente evitou. O pequeno e gordo tsurani começou então a perseguir o enorme midkemiano.

Lujan riu-se. — É uma pena que o bárbaro precise de ser abatido; é uma comédia ao nível de qualquer trupe de atores itinerante que eu já tenha visto. Ele parece estar a divertir-se. — Um movimento no canto mais afastado do recinto captou a atenção de Lujan. — Ah! — exclamou —, e com um bom motivo, ao que parece.

A própria Mara reparara que um dos escravos voltara a agachar-se junto à paliçada. Pouco depois, pareceu-lhe que ele estava a passar algo por baixo. — Sabedoria de Lashima — comentou ela, surpreendida e com um sorriso de apreço. — Estão a surripiar as camisas!

Da galeria era possível apreciar toda a operação. O gigante ruivo correu em volta do complexo. Apesar da sua altura, movia-se com a graciosidade de um *sarcat* — caçador de seis patas rápido e furtivo das pradarias —, de início evitando qualquer tentativa do capataz para lhe deitar a mão. E então, estranhamente, começou a arrastar-se como uma *needra* prenha. O capataz aproximou-se e, quando o bárbaro se esquivou à chicotada, trocou os pés, escorregou, desequilibrou-se e esperneou no ar, fazendo levantar uma grande quantidade de pó. Na queda, também chocou com os seus companheiros que tinham trazido as calças e as camisas. Estes homens, de repente atarantados, caíram e rebolaram e, no meio da confusão e da poeira, as rou-

pas desapareceram como que por milagre. Algumas foram embrulhadas e passadas a outros escravos; por vezes, uma camisa desenrolava-se e aterrava, para ser recolhida por outro homem. Desta forma, a roupa acabou por ser passada até ao homem junto à paliçada. Em momentos oportunos, ele enfiou as vestes por um buraco e apanhou as fichas de concha que serviam de moeda no Império que alguém introduzia lá dentro a partir do exterior. Estas, o midkemiano limpava no seu peito hirsuto. A seguir, colocava-as na boca para as engolir.

— Devem estar miúdos pedintes do outro lado. — Lujan abanou a cabeça. — Ou talvez o filho de algum barqueiro. Embora seja um mistério perceber que uso poderá dar um escravo a uma moeda.

— Eles sem dúvida são bastante ingénuos... e corajosos — comentou Mara, para quem Lujan olhou intensamente. O facto de ela por lapso ter atribuído atributos honoráveis a homens que, pelas inflexíveis leis da sociedade, estariam numa posição inferior ao mais desprezível e vil dos pedintes da sarjeta foi algo que levou o Líder de Ataques a deter-se. O desespero ensinara Mara a reavaliar as tradições do povo dela, por vezes com resultados engenhosos. Apesar de o próprio Lujan ter prestado juramento para a servir após um golpe igualmente pouco ortodoxo, mesmo ele não saberia adivinhar o que veria ela num bando de escravos bárbaros. Tentando sondar o que a fascinara, o guerreiro observou o conflito em curso lá em baixo.

O capataz solicitara reforços. Diversos guardas musculosos equipados com ganchos recurvados de pele de *needra* áspera dirigiram-se a correr para o recinto e saltaram sobre o insubmisso ruivo; os escravos que tentaram estorvá-los foram empurrados para o lado ou pontapeados com sandálias com biqueiras afiadas. O cabecilha ruivo também abrandou o ritmo. Deixou-se encurralar, para desse modo não ser brutalmente ferido. Os guerreiros pegaram-lhe com os ganchos e arrastaram-no até à frente do agente corado e coberto de pó, cujas vestes estavam agora tristemente a necessitar de uma boa limpeza. Obrigaram o enorme prisioneiro a pôr-se de joelhos e seguraram-no, enquanto o capataz pedia aos gritos que lhe trouxessem algemas e correias de pele de *needra* endurecida de modo a refrear a intratável selvajaria dele.

Ainda assim, o bárbaro não se encolheu de medo. Parecendo inconsciente da possibilidade de a sua vida lhe ser tirada com um único gesto do capataz, atirou para trás o seu cabelo entrançado e fitou os captos com uns enormes olhos azuis. A dada altura na rixa, fora-lhe infligido um golpe numa das faces. Escorria-lhe sangue pelo rosto, que ensopou a sua barba rubra e densa. Ainda deveria andar pela casa dos vinte anos e mesmo aquele tratamento duro não domesticara a sua exuberância. Ele disse algo. Mara e Lujan viram a expressão do agente a petrificar e um dos guardas reprimiu

um ataque de riso muito pouco próprio de um tsurani, escondendo-se atrás de um guante lacado. O capataz com o chicote revelou-se mais controlado. Reagiu com uma chicotada e depois pontapeou o bárbaro para a frente até ele cair com a cara no chão.

Mara não se retraiu perante aquela violência. Escravos desobedientes já tinham sido sovados na sua herdade por muito menos do que o comportamento ultrajante daquele bárbaro. No entanto, o facto de os atos do ruivo serem inconcebíveis face às normas da sociedade não a chocaram minimamente. Já se habituara aos costumes dos Cho-ja e aprendera a respeitar os seus comportamentos e sabedoria, por muito estranhos que pudessem ser. Ao ver os escravos no complexo, ocorrera-lha que aqueles homens eram tão humanos quanto ela, mas o mundo deles era bem diferente de Kelewan. Sendo forasteiros, talvez não compreendessem o alcance do destino que lhes estava reservado: em Kelewan um homem só escaparia à escravatura através dos portais da morte. Não tinha honra nem alma, era insignificante como um inseto, e conquistar o conforto ou ser derrubado era algo tão insignificante para um homem dominador quanto observar uma abelha-vermelha a juntar o seu mel. Um guerreiro tsurani preferiria pôr termo à vida a permitir-se ser capturado vivo pelo inimigo — os que eram feitos prisioneiros eram por norma os feridos, os que estavam inconscientes ou os cobardes. Aqueles midkemianos provavelmente teriam as mesmas opções e, ao viverem sem honra, tinham traçado o seu destino.

O ruivo não parecia minimamente conformado. Rebolou para escapar ao chicote e embateu nos tornozelos do agente. O homem gordo ganiu e ficou pasmado e só não caiu graças ao encarregado do registo de contas, que precipitadamente deixou cair a ardósia para deitar a mão à seda amarela estriada. A ardósia caiu na terra e o bárbaro, com um subterfúgio invejável, rebolou por cima dela. As marcas do registo foram apagadas por uma mancha de suor e pó; e Mara, na galeria, constatou com uma bizarra excitação que a cesta estava vazia. Apenas um terço dos homens no pátio estavam vestidos; alguns não tinham calças e a outros faltavam camisas. Apesar de o ruivo ter com aquilo conquistado uma sova, talvez até a morte por enforcamento, alcançara uma pequena vitória sobre os seus captos.

Os homens com os ganchos aproximaram-se. O calor e o esforço tinham-lhes esgotado a paciência e daquela vez os seus golpes tinham a intenção de estropiar.

Impulsivamente, Mara levantou-se de um salto. — Parai! — gritou sobre a vedação. A sua voz de comando levou os guerreiros a obedecer. Era uma Governatriz, e eles não passavam de servos. Habitados a obedecer a ordens, baixaram os ganchos e pararam com a investida contra o midkemiano. O agente, surpreendido, ajeitou as suas vestes, enquanto, na terra

empoeirada e fendida, o escravo bárbaro rebojava desconfortavelmente sobre um cotovelo e olhava para cima.

O facto de a sua salvadora ser uma pequena mulher de cabelo preto pareceu apanhá-lo de surpresa. Ainda assim, descaradamente continuou a fitá-la fixamente.

As sobranceiras de Mara uniram-se, revelando irritação. — Eu disse parai! Se isto prosseguir, exigirei que sejais obrigados a pagar pelos bens danificados enquanto um licitante estava à espera para fazer uma oferta.

O agente endireitou-se repentinamente, estupefacto, esquecendo a sua seda estragada. Afastou o cabelo transpirado das têmporas, como se, por dar um jeito à sua aparência, a sua falta de decoro pudesse ser esquecida. Ao ver a Senhora dos Acoma na galeria dos compradores, fez uma vénia, dobrando-se de tal forma que quase se pôs de joelhos. Depois da exibição de mau comportamento do ruivo, sabia que teria sorte se vendesse aquele lote de midkemianos pelo preço atribuído a um peixe de aquário. O facto de aquela senhora ter testemunhado o sucedido e ainda assim desejar a compra, era uma maravilha que ninguém com a cabeça no lugar poderia questionar.

Consciente de que ele não estava em posição de regatear, Mara sacudiu o leque com uma indiferença estudada. — Talvez ofereça trinta centúrios por estes bárbaros — disse ela vagarosamente. — Se o grandalhão sangrar demasiado, poderei não o fazer.

Ao ouvir aquilo, Lujan ergueu as sobranceiras. Também ele questionou a inteligência da sua senhora em comprar escravos insubmissos, mas aquele não era o local para um guerreiro dar conselhos. Manteve-se em silêncio enquanto, no recinto, o agente se virava para o homem do registo e lhe ordenava que fosse buscar roupas e água. O homem regressou e foi-lhe de imediato outorgada a humilhante tarefa de limpar os golpes do ruivo.

Mas o cabecilha ruivo não estava interessado em amabilidades. Estendeu um enorme punho e, apesar de restringido pelas algemas e pelas correias, foi suficientemente lesto a deitar a mão ao pulso do homem dos registos. O que ele disse não foi audível nas galerias, mas o criado largou o trapo e a bacia, como se os seus dedos queimassem.

O agente tentou suavizar aquele ato de desobediência com um improvisado sorriso nervoso. Não tinha a mínima vontade de testar a paciência de Mara ordenando um castigo ao escravo. Tentou comportar-se como se tudo tivesse corrido conforme o planeado quando um dos bárbaros avançou e bruscamente começou a limpar o companheiro dos ferimentos provocados pelas chicotadas.

— Senhora, os papéis de aquisição podem ser preparados de pronto, no conforto mais recatado do meu gabinete. Pedirei alguma fruta gelada

para a vossa sede enquanto aguardais para assinar. Se quiserdes ter a amabilidade de vos juntardes a mim no meu gabinete...

— Isso não será necessário — disse bruscamente Mara. — Espero lá fora pelo vosso escriba, pois desejo que estes escravos sejam imediatamente transportados para as minhas terras. Assim que tenha um certificado de transferência de propriedade, os meus guerreiros ficam com a custódia deles. — Ela olhou uma derradeira vez para o recinto. — Ou melhor, assinarei os papéis da minha compra depois de estes escravos receberem uma vestimenta adequada.

— Mas... — disse atabalhoadamente o agente, consternado. O responsável pelas contas pareceu irritado. Embora a cesta trazida dos armazéns tivesse de início calças e camisas suficientes para vestir três caravanas de escravos oriundos de Jamar, muitos daqueles homens permaneciam despidos ou parcialmente vestidos. O assunto iria ser devidamente investigado e sem dúvida dali sairia uma rodada de espancamentos, mas a impaciência da senhora encerrou por ali o assunto. Ela queria assinar e comprar prontamente. Com um gesto zangado, o agente incitou o responsável pelo registo de contas a fechar os olhos ao lapso e apressou-o a tratar do assunto. Por trinta centúrios, aqueles escravos pouco lucro dariam, mas pior era o risco de não serem vendidos, ocupando os recintos e comendo *thyza* que seria mais bem aplicada a engordar escravos mais dóceis — cada um valeria individualmente cinco a dez centúrios.

Consciente do déficit que teria de reportar aos seus investidores, o agente recuperou a compostura. — Enviei o meu mensageiro para que um escriba trate do documento da senhora. — Vociferou algo entre dentes quando o seu subordinado começou a protestar, com certeza um incitamento para que se apressasse antes que a senhora pensasse melhor e mudasse de ideias.

O ajudante saiu a correr. A senhora na galeria não prestou atenção à partida dele; o seu olhar incidiu sobre o bárbaro que adquirira por impulso e intuição. Ele, por sua vez, devolveu o olhar, e algo na concentração dos seus olhos azuis levou-a a ruborizar de uma maneira que nem Hokanu dos Shinzawai conseguira.

Mara voltou-se de repente e, sem proferir palavra ao seu Líder de Ataques, desceu apressadamente as escadas que ligavam a galeria à rua. Ao Líder de Ataques bastou um passo para a apanhar e retomar a sua posição. Ele pensou se a rapidez da partida dela resultara da impaciência em regressar a casa ou de qualquer outra situação incómoda.

Esquecendo as especulações, Lujan dobrou-se para ajudar Mara a subir para a liteira. — O Jican vai ficar em pânico. — Mara observou atentamente o rosto do seu oficial e não viu nele o seu habitual bom humor. Em vez do ar de galhofa, detetou apenas preocupação — e talvez algo mais.

Apareceu então o escriba do agente com os documentos para concluir o negócio. Mara assinou, impaciente por partir.

Ouviu-se um tagarelar e resmungos estranhos, e os escravos foram conduzidos pelo portão da área de detenção. Lujan moveu levemente a cabeça e a companhia de guardas de Mara tratou de imediato de preparar duas dúzias de midkemianos para a viagem de regresso às propriedades dos Acoma. A tarefa foi dificultada pelo facto de parte dos escravos não compreenderem a língua e por uma incrível tendência para se envolverem em discussões. A nenhum escravo nascido tsurani alguma vez passaria pela cabeça exigir sandálias antes de lhe ser exigido que marchasse. Travados por uma desobediência aparentemente irracional, os soldados primeiro ameaçaram e por fim recorreram à força. A cada minuto que passava, menos paciência tinham. Soldados não eram capatazes e bater em escravos era algo indigno da posição deles. Serem vistos a maltratar bens numa rua pública era algo que os envergonhava e que não honrava a senhora agora pronta para partir.

Mara, sentada muito direita e imóvel nos seus coxins, também não escondeu o seu desconforto face àquele espetáculo grosseiro. Gesticulou aos seus transportadores para que colocassem aos ombros as varas da liteira. O ritmo que lhes ordenou pelo menos assegurou que a passagem pelas ruas de Sulan-Qu seria rápida.

Mara fez sinal a Lujan e, após uma breve conferência, indicou que ela e a sua comitiva deveriam conduzir os escravos pela rota mais discreta. Isso envolvia atravessar os bairros mais pobres junto ao rio, através de ruas pejudadas de lixo e poças de esgotos e água de lavar. Os guerreiros empunharam as suas espadas e, com a parte lateral das lâminas, espicçaram os vagarosos escravos para que avançassem. Salteadores e larápios de rua eram uma ameaça menor para uma companhia atenta e experiente como aquela, mas Mara estava com pressa por outras razões.

Os seus inimigos interessavam-se sempre pelos passos dela, por muito insignificantes que fossem, e iriam surgir mexericos sobre a visita dela ao recinto dos escravos. Naquele preciso instante, o agente e os seus homens estariam provavelmente a dirigir-se à taberna local e bastava um comerciante ou mercador ouvir as especulações sobre as motivações de Mara para comprar escravos do mundo exterior para que os rumores comessem de imediato a circular. E assim que a presença dela na cidade fosse do conhecimento geral, agentes inimigos apressar-se-iam para a alcançar e seguir os seus passos. Uma vez que os midkemianos serviriam para limpar os novos prados das *needra*, Mara desejou que isso permanecesse em segredo o máximo de tempo possível. Por muito trivial que fosse, qualquer informação obtida pelos seus inimigos debilitaria os Acoma. E a maior pre-

ocupação de Mara, desde que se tornara Governatriz, era preservar a Casa dos seus antepassados.

Os transportadores da liteira viraram para a rua que flanqueava a zona ribeirinha. Ali, o atalho estreitava-se para uma viela entre edifícios decrepitos, pouco espaço sobrando de ambos os lados da liteira. No cimo das paredes, galerias com cortinas de pele grosseira impunham-se sobre as ruas, com as vigas dos telhados amontoadas umas contra as outras, ocultando a luz do dia. Sucessivas gerações de senhorios tinham acrescentado pisos, com cada um dos novos andares suspenso sobre o anterior, pelo que, ao olhar para cima, via-se uma estreita nesga do céu verde de Kelewan, a brilhar em contraste com a opressiva obscuridade. Os soldados de Mara esforçaram-se por ver na súbita escuridão, sempre vigilantes face a ameaças à sua senhora; aquele pardieiro era um ótimo local para uma emboscada.

A brisa do rio era incapaz de penetrar naquele emaranhado apertado de casas. O ar pairava imóvel e húmido, fétido devido ao lixo, aos desperdícios e ao cheiro intenso e penetrante de madeira apodrecida. Muitas fundações já tinham sido corroídas pelo caruncho, levando a que as paredes fendessem e as vigas do teto abatessem. Apesar das imediações repelentes, as ruas fervilhavam de vida. Os habitantes abriam caminho à passagem do séquito de Mara, e os plebeus abrigavam-se em alpendres sem portas ao verem um oficial emplumado. Guerreiros dos grandes senhores espancariam prontamente qualquer infeliz que se demorasse a sair do caminho. Apenas aglomerados de garotos de rua barulhentos e imundos arriscavam a sua sorte, apontando para a sumptuosa liteira e desaparecendo à correr da frente dos soldados que espetavam a coronha das lanças para os afastar.

Os midkemianos cessaram o tagarelar, para grande alívio de Lujan. Naquele momento, os seus guerreiros já tinham o suficiente para se ocupar, não necessitando de mais preocupações. Por muito que lhes tivessem ordenado que se calassem, como seria próprio de um escravo, os bárbaros tinham a propensão para desobedecer. Agora, à passagem do séquito dos Acoma por entre aquelas casas sobrepovoadas, impunha-se o ar picante e com cheiro a fumo que se escapava dos antros dos vendedores de flores de droga. Os comedores de resina de flor de *kamota* viviam no mundo dos sonhos e das alucinações e eram vítimas de ataques de loucura. Os guerreiros tinham as suas lanças a postos, preparados para um ataque inesperado, e Mara seguia sentada atrás das cortinas, com o seu leque aromatizado bem encostado às narinas.

A liteira abrandou antes de chegar a uma esquina, e a sua ocupante foi sacudida quando os transportadores, em frente aos pilares de uma entrada inclinada, mudaram o ponto de apoio e passaram o peso para o outro lado do corpo. Uma das varas embateu na cortina suja que estava pendurada à

entrada, afastando-a para o lado. Lá dentro, estavam empilhadas várias famílias, amontoadas umas em cima das outras. As suas roupas eram imundas e tinham a pele recoberta por feridas. Estavam a partilhar uma caçarola de *thyza* malcheirosa, enquanto, a um canto, outro recipiente idêntico servia para recolher o lixo do dia. O fedor era sufocante e numa manta esfarrapada uma mãe amamentava uma criança débil, com outras três em volta dos joelhos e tornozelos. Todos pareciam ter piolhos, uma saúde débil e passar fome. Tendo-lhe sido inculcada desde a nascença que a pobreza ou a riqueza eram distribuídas segundo a vontade dos deuses — em forma de recompensa por ações em vidas passadas —, Mara não prestou atenção àquela miséria.

Os transportadores afastaram a liteira da entrada. Quando se reagruparam, Mara viu de relance os novos escravos que seguiam na parte de trás da comitiva. O ruivo alto murmurou algo a outro escravo, um homem corpulento que começava a ficar calvo e que o escutou com o respeito que se vota a um líder. Foi visível na expressão de ambos um sinal de ultraje, ou talvez de espanto, embora fosse um mistério para a senhora saber o que poderia ter gerado, num lugar público, tais sentimentos em pessoas com quase tão pouca honra como os próprios escravos.

O bairro pobre de Sulan-Qu não era grande; de qualquer forma, a passagem pelas ruas apertadas revelou-se profundamente entediante. Finalmente, o casario ficou para trás quando a estrada acompanhou a curva do rio Gagajin. Ali, a escuridão diminuiu de intensidade, mas apenas um pouco. Os edifícios de habitação bolorentos deram lugar a armazéns, oficinas e fábricas. Tinturarias e casas de curtumes, bancas de talhantes e açougues ocupavam todo o espaço e os cheiros nauseabundos de restos de carne, tintas de tinta e vapor dos fornecedores de sebo espalhavam no ar um miasma fétido. O fumo das fogueiras dos produtores de resina juntava-se em nuvens saídas das chaminés e, junto ao rio, ancoradas em estacas instáveis, havia barcas comerciais e outras barracas flutuantes que serviam de habitação. Vendedores competiam entre si por qualquer espaço que sobrasse, com as suas minúsculas bancas atafalhadas a oferecerem os seus artigos a grupos de mulheres e trabalhadores em tempo de folga.

Os guerreiros de Lujan foram então obrigados a afastar à força a multidão, gritando: — Acoma! Acoma! — para que os plebeus soubessem que ia a passar uma grande senhora. Outros guerreiros cerraram fileiras bem junto às laterais da liteira de Mara, protegendo a sua senhora de eventuais perigos com os seus corpos envergando armaduras. Mantiveram os escravos bem juntos e a pressão era tanta que nenhum homem conseguiria olhar para o chão para ver os seus pés. Os soldados calçavam sandálias de couro endurecido, mas aos escravos, nomeadamente os transportadores, não res-

tava alternativa que não fosse caminhar sobre cacos e regatos de esgotos e outros resíduos.

Mara recostou-se nos seus coxins finamente bordados, com o leque bem encostado ao rosto. Fechou os olhos para imaginar os amplos prados da sua herdade, perfumados com erva estival e flores doces. O quarteirão fabril acabou por ficar para trás e o ambiente ficou menos malcheiroso e povoado, pois entraram numa zona dedicada às indústrias do comércio de luxo. Ali labutavam tecelões, alfaiates, cesteiros, sapateiros, tecedores de sedas e oleiros. Via-se uma ou outra joalharia — guardada por mercenários armados — ou perfumaria, frequentadas naquele quarteirão menos elegante por mulheres da vida, encaixadas por lojas que vendiam artigos menos luxuosos.

O Sol subira para a posição do meio-dia. Sonolenta atrás das cortinas, Mara sacudiu o leque lentamente, grata por, finalmente, terem deixado para trás o bulício de Sulan-Qu. O seu séquito prosseguiu caminho através de estradas à sombra de árvores carregadas de folhas e ela estava recostada para trás, a tentar dormir, quando um dos transportadores começou a mancar. A cada passo, era sacudida desconfortavelmente nos seus coxins, e ordenou uma paragem para verificar o que se passava, embora não estivesse preocupada com o facto de o homem ir a sofrer escusadamente.

Lujan instruiu um soldado para que verificasse os transportadores. Um tinha feito um golpe no bairro dos pobres. Tsurani, e ciente da sua posição, esforçou-se por cumprir a sua tarefa até não conseguir mais suportar a dor.

Mara estava ainda a uma hora de distância da sua casa senhorial e, desesperadamente, os midkemianos estavam de novo a falar entre eles nas casquinadas nasaladas que constituíam a sua língua nativa. Irritada com a algarviada tanto quanto com o atraso, ela fez sinal a Lujan. — Mandai aquele bárbaro ruivo substituir o meu transportador coxo. — Ele poderia ser escravo, mas comportava-se como um chefe e, dado que os odores do bairro dos pobres tinham provocado dores de cabeça a Mara, ela estava disposta a aceitar qualquer expediente que levasse os bárbaros a sossegarem.

Os guerreiros foram imediatamente buscar o escravo escolhido. Aquele que estava mais junto dele protestou e teve de ser algemado e afastado. Derrubado para se pôr de joelhos, continuou a berrar, até que o ruivo lhe ordenou que se calasse. A seguir, com os olhos azuis fixados com curiosidade na elegante senhora na liteira, avançou para colocar ao ombro a vara que estava livre na dianteira do lado esquerdo.

— Não — atirou de pronto Lujan. Através de gestos, indicou ao escravo na retaguarda que passasse para a frente e encarregou o ruivo de ficar atrás. Dessa forma, um guerreiro com uma espada desembainhada poderia

marchar nas costas do bárbaro, uma segurança para evitar problemas ou ameaças à sua senhora.

— Para casa — ordenou ela à sua comitiva e os transportadores agacharam-se para apoiarem o seu fardo nos ombros, com o bárbaro ruivo entre eles.

Os primeiros passos avante foram um autêntico caos. O midkemia-no era uma cabeça mais alto do que os outros transportadores e assim que se endireitou com a sua carga e avançou, a liteira saltou para a frente. Mara deu por si a começar a escorregar. Os ornamentos de seda e os coxins não serviram para impedir que ela escorregasse. Os reflexos rápidos de Lujan impediram que fosse projetada sem cerimónia para o chão e com o bater de mãos avisou o bárbaro de que deveria nivelar a sua vara. O enorme homem só o poderia fazer se dobrasse as costas e os ombros, o que deixaria a sua cabeça encaracolada a poucos centímetros da cabeça da sua senhora.

— Isto não vai resultar de maneira alguma — atirou Mara.

— Seria um belo triunfo para o Desio dos Minwanabi se vos magoásseis por causa da falta de jeito de um escravo — comentou Lujan, acrescentando um sorriso esperançoso. — Talvez pudéssemos vestir estes bárbaros como escravos caseiros para depois os oferecermos aos Minwanabi? Pelo menos poderiam dar bastante prejuízo antes que o Conselheiro Principal do Desio ordenasse que fossem enforcados.

Mas Mara não estava com disposição para graçolas. Ajeitou as suas vestes e retirou os ganchos desarranjados que tinha no cabelo. Enquanto isso, os olhos do bárbaro fitaram-na com uma intensidade que perturbou a senhora. Ele acabou por inclinar a cabeça para um dos lados e, com um sorriso desconcertante, dirigiu-se a ela num tsurani rudimentar enquanto avançava num passo pouco firme.

Lujan admoestou-o com um grito furioso. — Cão! Escravo! Já de joelhos, seu miserável! — Sacudiu a cabeça na direção dos seus guerreiros que prontamente foram deitar a mão à vara da liteira, enquanto outros agarraram o ruivo e o atiraram ao chão. Braços fortes socaram-no intensamente nos ombros e ainda assim ele tentou falar, até que uma sandália com tachas pressionou o seu rosto insolente contra a terra.

— Como é que vos atreveis a dirigir a palavra à Senhora dos Acoma, escravo!? — vociferou Lujan.

— O que é que ele está a tentar dizer? — quis saber Mara, sentindo-se subitamente mais curiosa do que ofendida.

Lujan, surpreso, olhou em volta. — E isso poderá interessar? Ele é um bárbaro e isso não vos honra, senhora. Ainda assim, a sugestão de certa forma até é meritória.

Mara deteve-se, com a mão pejada de ganchos de carapaça de tartaruga. A luz do Sol brilhou sobre as joias que tinha na cabeça e nos ornamentos de concha cosido ao colarinho. — Dizei-me.

Lujan passou o pulso pela sua testa recoberta de suor. — O canalha sugeriu que se chamásseis três dos companheiros dele e dispensásseis os vossos outros escravos, eles poderiam transportar a liteira mais facilmente, dado que têm aproximadamente a mesma altura.

Mara recostou-se para trás, esquecendo momentaneamente os seus ganchos e o cabelo solto. Franziu o sobrolho enquanto matutava. — Ele disse isso — meditou ela, após o que olhou para o homem, que jazia com a cara espetada na terra, mantido imóvel pelo pé de um soldado. — Deixai-o levantar-se.

— Senhora? — questionou discretamente Lujan. Apenas o seu tom interrogativo denotou até onde se atrevera a ir para contestar diretamente a ordem dela.

— Deixai que o bárbaro se levante — disse bruscamente Mara. — Creio que a sugestão dele é sensata. Ou desejais marchar durante toda a tarde, retardado por um transportador coxo?

Lujan encolheu os ombros à maneira tsurani, como que indicando que a sua senhora tinha razão. Na verdade, ela poderia ser tão teimosa quanto os escravos bárbaros e em vez de testar ainda mais a paciência dela, o Líder de Ataques dos Acoma indicou ao soldado que prendia o ruivo que o largasse. Distribuiu uma série de ordens rápidas. Os restantes transportadores e o guerreiro baixaram a liteira de Mara até ao solo e foram escolhidos três dos midkemianos mais altos para ocuparem os seus lugares. O ruivo juntou-se a eles, com o seu rosto atraente ensanguentado no local onde uma pedra da estrada lhe abrira uma ferida na face. Assumiu o seu posto com a mesma arrogância de antes, apesar de ter sido maltratado pela sua incompetência. A comitiva pôs-se de novo em movimento, com Mara um pouco mais confortável. Os midkemianos poderiam ter boas intenções, mas eram inexperientes no que tocava a transportar uma liteira. Não alinharam as passadas, o que levou a que o percurso fosse percorrido aos solavancos. Mara recostou-se para trás, para tentar combater o enjoo. Cerrou os olhos, resignada. Os escravos adquiridos em Sulan-Qu estavam a revelar-se um verdadeiro transtorno. Ela anotou mentalmente algo a comunicar a Jican: talvez o melhor fosse atribuir aos midkemianos tarefas que pudessem ser desempenhadas perto da casa senhorial, onde haveria sempre guerreiros por perto. Os capatazes mais experientes poderiam ficar de vigia enquanto era ensinado aos escravos o modo apropriado para se comportarem, de maneira a que fosse possível confiar que agiriam como o destino ordenara.

Irritada por algo tão simples como comprar novos escravos ter gerado tantos incómodos e confusões, Mara ponderou nos problemas que lhe poderiam ser causados pelos seus inimigos. De olhos fechados para amenizar a investida de uma crescente dor de cabeça, pensou para consigo própria: *O que é que eu estaria a tramar se fosse o Desio dos Minwanabi?*

PLANO

O ar estava calmo. Desio dos Minwanabi sentou-se à escrivaninha no gabinete do seu falecido pai a contemplar os registos de contas que tinha à frente. Embora fosse meio-dia, mantinha uma candeia acesa junto ao cotovelo. O gabinete era uma fornalha sombria, com todas as cortinas e portadas defensivas bem fechadas, isolando quem lá estava dentro das brisas vespertinas que sopravam do lago. Uma única mosca-jade zumbia em volta da cabeça dele, aparentemente determinada em pousar sobre a testa do jovem senhor. A mão de Desio mexeu-se distraidamente, como que para afastar o inseto irritante, e por momentos o escravo transpirado que o refrescava com um leque perdeu o ritmo, sem perceber se o Senhor dos Minwanabi gesticulara para que se retirasse.

O vulto de alguém já com uma certa idade, que estava escondido na penumbra, indicou ao escravo que deveria permanecer. Incomo, Conselheiro Principal da Casa dos Minwanabi, aguardou pacientemente que o seu amo concluísse a análise dos relatórios.

Desio uniu as sobrancelhas. Puxou para mais junto de si a candeia a óleo e tentou concentrar-se nas informações patentes nos documentos que tinha à frente, mas os caracteres pareciam nadar por entre o ar húmido da tarde. Por fim, balançou-se para trás nos seus coxins com um irritado suspiro de frustração. — Basta!

Incomo observou o seu jovem amo com uma doçura que disfarçou a sua preocupação. — Meu senhor?

Desio, que nunca fora muito atlético, afastou a candeia e levantou-se pesadamente. A sua enorme barriga apertou-se com o cinto da túnica negligente que usava quando estava nos seus aposentos. O suor escorria-lhe pelo rosto e com uma mão rechonchuda afastou da frente dos olhos madeixas de cabelo empapado.

Incomo sabia que a razão da agitação de Desio não se devia apenas à habitual humidade, legado de uma tempestade tropical fora de estação presente mais a sul. O Senhor dos Minwanabi ordenara que os biombos fossem visivelmente bem cerrados para que dispusesse de mais privacidade. O ancião sabia o que estava por detrás daquela ordem aparentemente irracional: medo. Mesmo na sua própria casa, Desio sentia receio. Nenhum senhor de nenhuma casa, muito menos um das Cinco Grandes Casas, po-

deria admitir tal fraqueza, pelo que o Conselheiro Principal não se atreveu a abordar o assunto.

Desio caminhou pesadamente pela sala, com a raiva lentamente a desenvolver-se, a respiração atormentada e os punhos cerrados a revelarem-se indicadores seguros de que em poucos minutos iria descarregar sobre qualquer membro da sua casa senhorial que calhasse estar por perto. O jovem senhor já mostrara uma natureza de crueldade mesquinha enquanto o seu pai governara, mas esse traço perverso desabrochara em pleno desde a morte de Jingu. Depois de a sua mãe se ter retirado para um convento de Lashima, Desio deixou de controlar os seus impulsos. O escravo do leque seguiu o seu amo, tentando desempenhar a tarefa sem se atravessar no seu caminho.

Esperançoso em evitar a perda de mais um escravo da casa, o Conselheiro Principal disse:

— Meu senhor, talvez uma bebida fresca sirva para vos restaurar a paciência. Estes assuntos comerciais são urgentes.

Desio continuou a caminhar como se não tivesse ouvido. A sua aparência revelava a recente negligência e indulgência pessoais, faces e nariz rosados, papos e olheiras profundas em redor dos olhos raiados de sangue, cabelo sujo a cair escorrido sobre os ombros e sujidade debaixo das unhas. Incomo constatou que, desde o suicídio ritual do pai, o jovem senhor por norma comportara-se como uma *needra* macho sarnenta enfiada num lamaçal com uma dúzia de fêmeas, uma forma estranha de demonstrar a sua dor, mas que não era inédita: aqueles que eram confrontados pela primeira vez com a morte assumiam frequentemente comportamentos plenos de vigor e de vida. Assim, durante dias, Desio permaneceu embriagado nos seus aposentos privados com as suas raparigas e ignorou os assuntos relativos à Casa dos Minwanabi.

Na segunda manhã, algumas das raparigas apareceram com nódoas negras e sovadas devido aos intempestivos ataques de fúria de Desio. Foram substituídas por outras raparigas numa sucessão aparentemente infatigável, até que, finalmente, o Senhor dos Minwanabi deu por findo o seu período de luto. Apareceu aparentando ter mais dez anos do que no momento em que presenciara em silêncio o fim do seu pai sob a espada da família.

Agora, Desio fingia que governava as propriedades remotas que herdara, mas começava a beber ao meio-dia e não parava até à noite. Embora fosse senhor de uma das Cinco Grandes Famílias, Desio parecia incapaz de compreender a enorme responsabilidade subjacente ao seu poder. Atormentado por demónios pessoais, tentou esconder-se deles em braços macios ou afogá-los num mar de vinho. Se Incomo se tivesse preocupado, teria enviado ao seu amo um curandeiro, um sacerdote e um mestre infantil

que lhe daria uma dura lição sobre as responsabilidades que vinham com o manto de governante. Mas bastou um olhar para os olhos de Desio — e para a loucura lá insinuada — para o Conselheiro Principal ter a noção de que quaisquer esforços seriam em vão. O espírito de Desio fervilhava com uma raiva à qual só poderia reagir o Deus Vermelho.

Incomo tentou pela última vez devolver a atenção de Desio aos negócios. — Meu senhor, se me é permitido realçar, estamos a desperdiçar dias preciosos enquanto os nossos barcos permanecem vazios nos seus ancoradouros em Jamar. Se é para velejarem para...

— Basta! — O punho de Desio abateu-se violentamente sobre uma parede divisória, rasgando a delicada seda pintada e esmagando o caixilho. Pontapeou os destroços que caíram ao chão e depois deu repentinamente a volta e embateu no escravo que segurava o leque. Enlouquecido de fúria, o Senhor dos Minwanabi bateu no homem como se ele fizesse parte do mobiliário. O escravo caiu de joelhos, com o nariz partido e o lábio rasgado a espalharem sangue pelo rosto e pelo peito, e sobre a divisória destruída. Temendo pela sua própria vida, o escravo conseguiu evitar que o enorme leque atingisse o seu amo, mesmo tendo a visão afetada pela dor e pelas lágrimas. Desio ignorou a heroica deferência do escravo. Deu a volta para confrontar o seu conselheiro. — Não me consigo concentrar em nada, enquanto ela andar por aí!

Incomo não necessitou de explicações para saber de quem se tratava. A experiência ensinara-lhe a perceber que nada mais havia a fazer que não fosse sentar-se e aguentar um novo acesso de fúria. — Meu senhor — disse ele ansiosamente —, nada de bom se obterá ansiando por vingança enquanto toda a vossa riqueza diminui devido à negligência. Se não atenderdes a estas decisões a tomar, pelo menos permiti que o vosso *hadonra* se encarregue destes assuntos.

A súplica não impressionou Desio. Olhando para o vazio, com a voz a sussurrar asperamente, como se, ao pronunciar o nome, ela pudesse materializar-se, disse:

— A Mara dos Acoma tem de morrer!

Satisfeito agora com a escuridão da divisão, capaz de ocultar os seus próprios receios, Incomo concordou. — Claro, meu senhor. Mas ainda não é a altura.

— Quando?! — gritou ele, e o seu berro perfurou os tímpanos de Incomo.

Desio pontapeou uma almofada e depois baixou o tom de voz, para uma altura mais razoável. — Quando? Ela logrou escapar à armadilha montada pelo meu pai; e mais: levou-o a desonrar-se a si próprio pelo bem-estar de um hóspede, obrigando-o a pôr fim à vida. — A perturbação

de Desio cresceu de intensidade ao recordar as ofensas de Mara contra a sua Casa. — Essa... rapariga não só nos derrotou, como nos envergonhou... não, humilhou! — Pisou com força a almofada e estreitou os olhos para fitar o seu conselheiro.

O escravo do leque encolheu-se ao ver aquela expressão, tão parecida com a de Jingu dos Minwanabi quando este ficava completamente enfurecido. A sangrar do nariz e da boca, mas ainda a tentar corajosamente refrescar o seu amo transpirado, ergueu e baixou o leque num ritmo praticamente imaculado enquanto a voz de Desio, num murmúrio rouco, assumia um tom quase conspiratório. — O Senhor da Guerra encara-a com diversão e afeto, protegendo-a até, se calhar até vai para a cama com a cabra, enquanto os nossos rostos são enfiados em lodo de *needra*. Comemos bosta de *needra* sempre que ela respira. — O olhar de Desio tornou-se ainda mais carrancudo. Olhou para os biombos muito bem fechados, e como se ao vê-los tivesse estimulado uma recordação, um vislumbre de sanidade retornou-lhe aos olhos pela primeira vez desde a morte de Jingu. Incomo conteve um suspiro de puro alívio.

— E mais uma vez — terminou Desio com a cautela que um homem usaria na presença de uma víbora enroscada —, ela é uma ameaça real à minha segurança.

Incomo assentiu interiormente. Ele sabia que era o medo que estava na raiz do comportamento de Desio. O filho de Jingu vivia diariamente aterrorizado com a possibilidade de Mara dar seguimento à rixa sangrenta com os Minwanabi. Sendo agora Lorde Regente, Desio seria o alvo seguinte das conspirações de Mara, e a sua vida e honra seriam as próximas a desabar.

Apesar de o ar sufocante lhe ter turvado a paciência, Incomo tentou consolar o amo, pois aquela admissão, por muito que fosse privada entre um senhor e o seu conselheiro, era o primeiro passo para ultrapassar aquele medo, e talvez para derrubar, também, a Senhora Mara. — Senhor, a rapariga irá cometer um erro. Deveis aguardar; esperar por esse momento...

A mosca-jade regressou para importunar Desio; o escravo agitou o leque para interceptar o seu voo, mas Desio afastou as penas com as mãos. Na escuridão, lançou um olhar furioso a Incomo. — Não, não posso esperar. A vaca dos Acoma já está por cima e ganha cada vez mais força. A posição do meu pai era mais vantajosa do que a minha; ele estava apenas a um passo do Trono Dourado do Senhor da Guerra! Agora, foi reduzido a cinzas e os meus aliados leais contam-se pelos dedos. Toda a nossa dor e humilhação podem ser lançadas aos pés... daquela mulher.

Aquilo era tristemente verdade. Incomo compreendeu a relutância do seu amo em proferir o nome da sua inimiga. Praticamente uma criança quando o pai e o irmão pereceram — com poucos soldados e sem aliados

—, em três anos Mara assegurara mais prestígio para os Acoma do que eles alguma vez haviam conhecido na sua longa e honrada história. Incomo tentara em vão pensar em algo tranquilizador para dizer, mas os lamentos do seu jovem senhor eram mais do que justificados. Mara deveria ser temida e agora o poder dela ascendera ao ponto de não só poder defender-se a si própria, como até desafiar diretamente os Minwanabi.

Num tom calmo, o Conselheiro Principal disse:

— Fazei regressar o Tasaio para junto de vós.

Desio pestanejou, aparentando por instantes um ar de estúpido que nunca fora visto no seu pai. E então compreendeu. Olhou em volta pela divisão e vislumbrou o escravo do leque ainda no seu lugar, apesar do sangue que lhe escorria do nariz partido e do lábio fendido. Num momento de surpreendente consideração, Desio dispensou o infeliz desgraçado. Agora a sós com o seu conselheiro, disse:

— Porque é que haveria de chamar o meu primo da guerra no mundo bárbaro? Sabeis que cobiça a minha posição. Até eu casar e gerar filhos, é o seguinte na linha de sucessão. E é demasiado próximo do Senhor da Guerra para o meu gosto. O meu pai foi sábio em mantê-lo ocupado com outros assuntos num mundo distante.

— O vosso pai foi igualmente sábio em fazer com que o vosso primo orquestrasse, antes de mais, as mortes do Senhor Sezu e do Lanokota. — Com as mãos enfiadas nas mangas, Incomo avançou pomposamente um passo. — Porque não deixar que o Tasaio lide com a rapariga? O pai, o filho e agora a filha.

Desio ponderou o assunto. Tasaio aguardara que o Senhor da Guerra se ausentasse da campanha no mundo bárbaro para enviar o Senhor Sezu e o seu filho para uma missão militar suicida. Garantira as mortes deles sem expor publicamente os Minwanabi a qualquer culpa. Fora um golpe perfeito e o pai de Desio, como recompensa, cedera a Tasaio algumas terras na Província de Honshoni. Desio tamborilou com um dedo rechonchudo na face. — Não estou convencido — disse. — O Tasaio pode vir a revelar-se perigoso para mim, talvez tão perigoso quanto... aquela rapariga.

Incomo abanou a cabeça, em desacordo. — O vosso primo defenderá a honra dos Minwanabi. Enquanto Lorde Regente, não sois um alvo para a ambição do Tasaio, como o éreis quando o Senhor Jingu estava entre nós. Uma coisa é desejar a morte de um rival, outra bem diferente é tentar derubar um senhor legítimo. — Incomo refletiu por uns momentos, antes de voltar a falar. — Apesar das ambições dele, seria inimaginável que o Tasaio violasse o seu juramento perante vós. Ele não agiria contra vós, da mesma forma que não agiria contra o vosso pai, Senhor Desio. — Acentuou esta última parte para realçar onde queria chegar.

Desio deteve-se, ignorando a mosca, que por fim se empoleirou na sua gola. Com os olhos fixos num ponto imaginário, suspirou sonoramente. — Sim, claro. Tendes razão. Devo mandar chamar o Tasaio para que ele me faça preito e menagem. Depois, deverá defender-me com a vida, ou perder para sempre a honra dos Minwanabi.

Incomo aguardou, consciente de que o seu amo ainda não terminara. Às vezes desajeitado com as palavras, Desio possuía ainda assim uma mente astuta, embora lhe faltasse a intuição do pai e o brilhantismo do primo. Atravessou a sala na direção das janelas. — Devo incluir todos os outros servidores e aliados leais na minha convocatória — declarou por fim. — Sim, devemos organizar uma reunião formal. — Fitou o seu conselheiro com um ar de quem ia terminar. — Ninguém deverá achar que hesitei em chamar o meu primo para servir em casa. Não, devemos ter aqui todos os nossos vassalos e aliados.

Com determinação, o homem gordo bateu palmas. Dois criados de libré cor de laranja correram para o lado das portas pintadas e entraram para escutar as ordens. — Abri esses malditos biombos — ordenou Desio. — E rapidamente. Estou a assar. — Parecendo que um grande peso lhe saíra dos ombros, acrescentou:

— Deixai entrar o ar fresco, pelo amor dos deuses.

Os criados ocuparam-se de imediato das aldrabas e das trancas e, passado pouco tempo, a luz inundou o gabinete e o ar fresco flutuou lá dentro. A mosca na gola do jovem senhor bateu as asas rumo à liberdade, rumo ao lago do outro lado. As águas faiscaram a prata sob a luz do Sol, ponteadas por barcos de pesca que lançavam redes do nascer ao pôr do Sol. Desio pareceu despojar-se da sua autocomplacência ao atravessar vigorosamente a divisão para se deter defronte do seu Conselheiro Principal. Os seus olhos iluminaram-se com uma confiança renovada enquanto o medo paralisante que adveio da morte do pai se esfumava perante o seu excitante plano. — Irei prestar juramento no *natami* da minha família na Clareira Sagrada dos Antepassados dos Minwanabi, e todos os meus familiares assistirão.

»Mostraremos que os Minwanabi não foram derrubados. — E então, inesperadamente, mostrou um humor seco. — Bem, pelo menos, não por completo.

Gritou para chamar o seu *hadonra* e começou a debitar ordens. — Quero os melhores entretenimentos que houver. Esta celebração irá ofuscar o desastre que o meu pai arranjou para homenagear o Senhor da Guerra. Quero que estejam presentes todos os membros da família, mesmo os que estão a lutar no mundo bárbaro...

— Assim será feito, meu senhor. — Incomo enviou um mensageiro para que este transmitisse rapidamente instruções a oficiais, conselheiros

superiores, criados e escravos. Pouco depois, dois escribas copiavam freneticamente as ordens de Desio, enquanto rondava por perto, com lacre já quente, o responsável pelo selo familiar.

Desio observou aquele bulício com um sorriso frio nos lábios. Andou por ali uns minutos sem fazer nada, com as suas ordens e planos grandiosos a animá-lo mais do que se fosse vinho. De repente, parou.

E anunciou a todos os presentes na sala:

— E mandai recado ao Grande Templo de Turakamu. Vou erigir um pórtico de orações, para que todos os viajantes que lá passem peçam a benevolência do Deus Vermelho, para que ele favoreça a vingança dos Minwanabi. Ao deus eu juro: jorrará sangue abundantemente até obter a cabeça da cabra dos Acoma!

Incomo fez uma vénia para ocultar a sua súbita preocupação. Comprometer-se daquela forma a Turakamu poderia trazer fortuna num conflito, mas não se poderia jurar levemente ao Deus da Morte; poderia ocorrer um desastre caso as promessas não fossem cumpridas. A paciência dos deuses em tais matérias era uma questão volúvel. Incomo envolveu-se na sua túnica, achando de repente gelado o ar do lago. Esperou que fosse, pelo menos, a brisa e não uma premonição de perdição.

A luz do Sol raiou por entre os ramos das árvores do maior dos jardins dos Acoma, gerando painéis iluminados no chão. No alto, as folhas rumorejaram, enquanto o fontanário ao centro do pátio entoava a sua interminável melodia de água a jorrar. Apesar da envolvência prazenteira, todos os que foram convocados para a reunião partilhavam das preocupações da senhora deles.

Mara sentou-se ao centro dos seus conselheiros superiores, atormentada pelos seus pensamentos. Vestida com uma túnica fina solta, adornada com uma única joia verde num colar de jade entalhado pelos Cho-ja, pareceu quase alheada, a imagem de um senhor em repouso. E, no entanto, os seus olhos castanhos revelaram um brilho que os seus conselheiros mais próximos reconheceram como sendo de perplexidade.

Um a um, a senhora observou atentamente os oficiais e conselheiros que constituíam o coração da Casa dos Acoma. O *hadonra*, Jican, um homem pequeno e nervoso com uma mente sagaz para o comércio, sentou-se acanhadamente, como sempre. Sob a sua gestão minuciosa, a riqueza dos Acoma crescera, mas ele optara por um progresso lento, com passos seguros, de maneira a evitar os jogos dramáticos que tanto atraíam Mara. Hoje, Jican estava menos inquieto do que era habitual, o que a Senhora dos Acoma atribuiu à boa nova de os produtores de seda dos Cho-ja terem iniciado a fição. No inverno estariam prontos os primeiros rolos de tecido. Os bens

dos Acoma estavam, portanto, a multiplicar-se. Para Jican, isso era uma preocupação essencial. Mas Mara tinha a noção de que a riqueza por si só não sustentava uma grande Casa.

A sua Conselheira Principal, Nacoya, nunca se cansava de o repetir. Mais do que qualquer outra coisa, era a recente vitória de Mara sobre os Minwanabi que deixava a sábia idosa extremamente nervosa. — Concorde com o Jican, senhora. Esta expansão pode revelar-se perigosa. — Fixou intensamente Mara. — Uma Casa pode conhecer uma ascensão demasiado rápida no Jogo do Conselho. As vitórias mais duradouras são inquestionavelmente as mais subtis, pois não geram medidas preventivas por parte de rivais enervados com um sucesso repentino. Os Minwanabi, já o sabemos, não vão ficar de braços cruzados, por isso, não devemos estimular também comportamentos semelhantes por parte de outras Casas.

Mara desvalorizou o aviso. — Eu só tenho de temer os Minwanabi. Presentemente, não estamos de candeias às avessas com mais ninguém, e é assim que pretendo que as coisas se mantenham. Temos de nos preparar para o inevitável ataque. É só uma questão de saber quando e de que forma. — A voz de Mara denotou, então, um tom de incerteza. — Esperei por uma retaliação imediata após a morte do Jingu, nem que fosse um ataque simbólico.

No entanto, no mês seguinte, nada se passou de relevante na casa senhorial dos Minwanabi. A inclinação de Desio para a bebida e para escravas tornara-se mais intensa, verificaram os espiões de Mara; e os olhos astutos de Jican repararam numa queda nas transações de artigos dos Minwanabi vendidos pelos mercados do Império. Essa descida a nível de mercadorias levou a uma subida dos preços e em consequência disso outras Casas prosperaram: não seria por certo o desejo dos Minwanabi sedentos de poder, particularmente depois de a família ter sofrido uma perda de prestígio de tal dimensão.

Nem sequer se verificaram preparativos declarados para a guerra. As casernas dos Minwanabi mantiveram os treinos habituais e não foram enviadas ordens de chamada às tropas envolvidas na guerra no mundo bárbaro.

O Comandante das Forças Armadas, Keyoke, não deu crédito absoluto aos relatórios dos espiões. Nunca baixando a guarda no que tocava à segurança de Mara, trabalhou com as suas tropas de sol a sol, sempre a verificar o estado das armaduras e das armas e a supervisionar a instrução militar. Lujan, o seu Primeiro Líder de Ataques, passou horas e horas ao seu lado. Ele — tal como todos os soldados acoma — estava em forma e pronto para entrar em combate, e os seus olhos incidiam rapidamente sobre qualquer movimento e mantinha a mão sempre pousada no punho da espada.

— Isto não me agrada minimamente — revelou Keyoke, falando num tom intenso sobre o ruído da queda de água do fontanário. — A herdade dos Minwanabi pode parecer estar num caos, mas isso talvez não passe de um estratagema para encobrir preparativos de um ataque dirigido a nós. O Desio pode estar a sofrer pelo pai, mas eu fui criado com o Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas dele, e posso assegurar-vos de que nas casernas dos Minwanabi não há lugar para o desleixo. A qualquer momento, os guerreiros estarão prontos para entrar em ação. — As suas mãos treinadas apertaram o elmo que tinha ao colo, até as plumas de oficial no topo tremerem com a tensão por ele exercida.

Sempre sem revelar qualquer tipo de emoção, Keyoke encolheu os ombros. — Sei que as nossas forças deveriam estar a preparar-se para contrariar essa ameaça a que vos referis, mas os espiões não nos forneceram qualquer pista sobre para onde nos deveríamos virar para tentar ver de onde vem a próxima estocada. Não nos podemos manter indefinidamente em estado de alerta.

Lujan assentiu com a cabeça. — Não houve movimentações nas terras selvagens por parte de guerreiros cinzentos ou condenados. Não foi reportada nenhuma força significativa de bandidos, o que deve indicar que se pode assumir que os Minwanabi não estão a preparar um ataque furtivo, como fizeram contra o Senhor Buntokapi.

— A situação não será idêntica — corrigiu Keyoke. — Ao Senhor Buntokapi — prosseguiu, referindo-se ao falecido esposo de Mara —, foram dados diversos avisos. — O seu olhar revelou uma fugaz amargura. — Já em relação ao Senhor Sezu, o alerta chegou demasiado tarde. Tratou-se de uma conspiração do Tasaio e nunca houve golpe tão bem urdido no seio dos Minwanabi — comentou, recordando a mortífera serpente de água de Kelewan. — Assim que souber que o Tasaio foi chamado, passarei a dormir de armadura vestida.

Mara assentiu com a cabeça na direção de Nacoya, que pareceu ter algo a acrescentar. Ela mostrou-se carrancuda, como sempre, mas os seus modos grosseiros pareceram mais ponderados do que rudes. — O agente do vosso Mestre Espião estará bem atento ao que se passa dentro da casa senhorial dos Minwanabi. — Uma expressão astuta cruzou o rosto da conselheira. — Mas ele é um homem, senhora, e irá concentrar-se na quantidade de soldados, reservas de provisões para combate, entradas e saídas de líderes, mensagens para aliados. Sugiro que instruíis o vosso agente para estar atento ao momento em que o Desio se fartar das suas escravas. Um homem com um propósito não perde tempo na cama. Isso é algo de que eu me lembro bem. Assim que o Desio deixar de beber vinho e de se entreter com mulheres, será aí que irá conspirar para lançar a morte contra a vossa Casa.

Mara fez um tímido gesto de irritação. Um ténue sorriso formou-se nos seus lábios, deixando-a radiosamente bela. Embora ela não tivesse reparado nisso, Lujan reparou; observou a sua senhora com devoção e acrescentou um comentário jocoso. — Minha senhora, Conselheira Principal — e aqui meneou a cabeça na direção da astuta Nacoya —, ordenarei aos guerreiros que transpiram nos exercícios ao meio-dia que aguardem pelo esgotamento do membro do Desio. Quando a bandeira dos Minwanabi baixar do mastro, todos nos prontaremos para atacar.

Mara corou e lançou um olhar sombrio ao Primeiro Líder de Ataques. — Lujan, a vossa ideia é boa, apesar de o exemplo ser infeliz. — Desde a sua noite de núpcias que Mara se sentia pouco à vontade com aquele tipo de conversa.

Lujan curvou-se. — Minha senhora, se vos ofendi...

Ela dispensou as desculpas — nunca conseguia zangar-se com Lujan — e depois virou-se quando o seu mensageiro entrou apressadamente e se curvou junto ao seu cotovelo.

— Falai, Tamu — autorizou ela gentilmente, pois o rapaz era novo no cargo e ainda pouco seguro de si.

Tamu encostou a testa ao chão, ainda intimidado por estar perante alguém da nobreza. — Senhora, o vosso Mestre Espião aguarda-vos no vosso estúdio. Diz ter novidades da província de Hokani, em especial das herdades a norte.

— Finalmente — comentou Mara, aliviada. Reconheceu, na escolha de palavras do mensageiro, aquilo que o seu Mestre Espião, Arakasi, pretendia transmitir. Apenas uma herdade em Hokani tinha interesse. Ele teria informações sobre o contramovimento que o povo dela aguardara durante quatro tensas semanas. Dirigiu-se então aos seus conselheiros. — Vou imediatamente falar com o Arakasi e depois, à tarde, volto a reunir-me convosco.

Sopraram brisas por entre as folhas de *ulo* e o fontanário continuou a entoar a sua canção salpicante enquanto os oficiais acoma fizeram vénias para assinalar a sua partida. Keyoke e Lujan foram os primeiros a levantar-se. Jican reuniu as suas ardósias de registos e pediu permissão à sua senhora para ir verificar os produtores de seda cho-ja. Mara acedeu ao pedido, mas dispensou-o com um aceno antes que ele tivesse a oportunidade de manifestar uma das suas constantes preocupações.

Nacoya foi a última a erguer-se. Ultimamente, a artrite andava a cercar-lhe os movimentos e Mara foi assolada pela perceção desagradável de que a idade estava a cobrar o seu preço naquela indómita anciã. A promoção de Nacoya a Conselheira Principal fora bem merecida e, apesar de crer que tinha subido mais alto do que mereceria, a antiga aia de Mara envergara

com graciosidade e inteligência astuta o manto inerente àquele cargo. Trinta anos a servir as esposas e filhas de lordes regentes outorgaram-lhe uma perspectiva única do Jogo do Conselho.

Mara observou, nervosa, a rígida vénia de Nacoya. Ela não conseguiria imaginar a prosperidade dos Acoma sem a orientação severa da idosa ou a sua natureza forte e afetuosa, que ajudara Mara a sobreviver às piores adversidades que alguma vez ousara imaginar. Apenas os deuses sabiam quanto mais tempo poderia viver Nacoya, mas, com um arrepio, Mara pressentiu que os dias da sua Conselheira Principal já não seriam muitos. A Senhora dos Acoma não estava de forma alguma preparada para tal perda. Excetuando o seu filho, a idosa era tudo aquilo com que Mara podia contar no mundo como família. Se, inesperadamente, perdesse Nacoya, não haveria uma escolha clara entre os seus servidores que pudesse desempenhar o papel de Conselheiro Principal. Mara afastou tais pensamentos tenebrosos. O melhor era não pensar nas preocupações futuras numa altura em que os Minwanabi estavam ocupados a preparar a vingança, justificou-se ela.

Mara ordenou ao seu moço de recados que se erguesse para ir informar Arakasi de que ela iria ter com ele ao estúdio. A seguir, bateu palmas para chamar um criado, que mandou ir buscar comida à cozinha. Pois a não ser que Arakasi tivesse mudado muito, ter-se-ia dirigido diretamente à sua senhora assim que chegara da rua, nada tendo comido desde a noite anterior.

O estúdio de Mara era escuro e fresco, mesmo durante o início da tarde. Mobilado com uma mesa baixa preta e bons coxins verdes de seda, tinha biombos pintados à mão que davam acesso a uma passagem com viçosas plantas *akasi* de ambos os lados. Quando abertas, as portas exteriores ofereciam uma vista sobre as terras húmidas onde as aves *shatra* voavam sempre que se dava o ocaso. Mas naquele dia, esses biombos estavam apenas parcialmente abertos e a vista bloqueada por panos de seda translúcida que deixavam entrar o ar mas que protegiam de olhares indiscretos.

Mara entrou numa divisão que, à primeira vista, parecia vazia. A experiência ensinara-a a não se deixar enganar; ainda assim, sentiu-se incapaz de controlar totalmente um certo retraimento.

Sem aviso, ouviu uma voz oriunda do recanto mais escuro. — Fechei os panos, senhora, dado que o pessoal está a podar as *akasi*. — Um vulto deu um passo em frente, gracioso como um predador a perseguir a sua presa. — Apesar de o vosso feitor ser honesto e os midkemianos dificilmente serem espíões, ainda assim tenho o hábito de me precaver. — O homem ajoelhou-se perante a sua senhora. — Mais do que uma vez tais hábitos salvaram-me a vida. Saúdo-vos, senhora.

Mara estendeu-lhe a mão, indicando-lhe assim que poderia estar à vontade. — Sois duplamente bem-vindo, Arakasi. — Observou aquele homem fascinante. Tinha o cabelo escuro molhado, mas não devido a um banho. Arakasi parara apenas para se limpar do pó acumulado em viagem e enfiar uma túnica lavada. O ódio que nutria pelos Minwanabi era apenas comparável àquele sentido pelos nascidos em terras dos Acoma e o desejo dele em ver a mais poderosa das Cinco Famílias a cair no esquecimento era algo que valorizava mais do que à própria vida.

— Não ouço o som de tesouras de poda — realçou Mara. Autorizou o seu Mestre Espião a erguer-se. — O vosso regresso é um alívio, Arakasi.

O Mestre Espião pôs-se de pé apoiado nos calcanhares. Mara tinha uma mente ágil e, com ela, as conversas tendiam a desenvolver-se simultaneamente em diversos tópicos. Ele sorriu genuinamente agradado, pois ao serviço dela os relatórios davam sempre frutos de qualidade. — Não escutais as tesouras de poda, senhora, porque o feitor mandou os trabalhadores embora. Os escravos do primeiro turno queixaram-se da exposição ao sol e em vez de transpirar a chicoteá-los, o feitor optou por alterar a escala de serviços.

— Midkemianos — disse Mara bruscamente, enquanto se instalava nos seus coxins. Com Arakasi sentia-se à vontade e, dado que o dia estava extremamente quente, desapertou a faixa e permitiu à brisa que passava pelos panos que se imiscuisse por entre o tecido para a refrescar dentro da túnica aberta. — São teimosos como crias de *needra*. O Jican aconselhou-me a não os comprar e temo que ele possa ter razão.

Arakasi pensou no assunto e inclinou a cabeça ao jeito de uma ave. — O Jican pensa como um *hadonra* e não como um governante.

— O que quer dizer que não divisa o quadro geral — referiu Mara, e a luz no seu olhar intensificou-se com o desafio de ter uma perspicácia equivalente à do seu Mestre Espião. — Achastes os midkemianos interessantes — presumiu.

— Assim de passagem. — Arakasi voltou-se ao ouvir um leve passo no corredor, e, ao constatar que a perturbação não passava de um criado a aproximar-se oriundo da cozinha, voltou a encarar a senhora. — Os costumes deles são bem diferentes dos nossos. Mas estou a desviar-me do meu propósito. — O seu olhar tornou-se subitamente penetrante. — O Desio dos Minwanabi começa por fim a mostrar que é um Lorde Regente.

O criado chegou à entrada com escudelas de fruta e de ave *jiga* fria. Arakasi calou-se quando Mara indicou que a travessa deveria ser pousada na mesa. — Deveis estar esfomeado. — Convidou o seu Mestre Espião a acomodar-se nos coxins. O criado partiu em silêncio e por momentos tudo permaneceu tranquilo no exterior. Nem Mara nem o seu Mestre Espião

estenderam a mão para os pratos. A Senhora dos Acoma foi a primeira a falar. — Falai-me do Desio.

Arakasi ficou muito quieto. Os seus olhos escuros não revelaram qualquer emoção, mas as suas mãos, que tão frequentemente denunciavam o seu estado de espírito, estavam tensas. — O jovem senhor não é tão bom executante do Jogo do Conselho quanto o fora o pai — começou por referir. — Isto, acima de tudo, torna-o mais perigoso. Com o Jingu, os meus agentes sabiam sempre onde e quando escutar. O mesmo não se passa com o filho. Um adversário experiente é, de alguma forma, previsível. Um novato pode revelar-se... inovador. — Sorriu levemente e assentiu na direção de Mara, reconhecendo que os sucessos dela encaixavam naquelas observações. — Ele não é um pensador criativo, mas, não chegando lá com a astúcia, pode provocar estragos ao querer lá chegar pela força. — O Mestre Espião serviu-se de uma taça de sumo de *jomach* e bebericou um pouco. Naquela casa, não encontraria venenos, mas o assunto dos Minwanabi, como sempre, deixava-o desconfortável e cauteloso. Procurando usar um tom mais suave, para não alarmar escusadamente a sua jovem senhora, Arakasi acrescentou:

— O Desio tem muitos soldados capazes de causar estragos.

Mara avaliou o estado de espírito do seu Mestre Espião, talvez originado pela sua própria necessidade de autocontrolo, pois caso desse rédea livre ao seu ódio, procuraria a destruição dos seus inimigos sem querer saber da segurança de quem quer que o rodeasse. — Mas o próprio Desio é fraco, por muito que sejam fortes os que o servem. — Arakasi pousou na mesa a sua taça de sumo. — Ele herdou o arrebatamento do pai, mas não o comedimento do Jingu. Se não fosse pela vigilância do seu Comandante das Forças Armadas, Irrilandi, os inimigos dele poderiam ter despedaçado as suas defesas e esvaziado a sua riqueza como uma matilha de *jagunas* sobre um *harulth* morto — referiu, aludindo ao canídeo necrófago de Kelewan e temido predador: um terror enorme, de seis patas, todo ele rapidez e dentes. Arakasi pôs as mãos em concha e fitou Mara intensamente. — Mas o Comandante das Forças Armadas Irrilandi mantém as suas patrulhas a um nível de extrema categoria. Foram lançados muitos ataques exploratórios poucos dias após a morte do Jingu e os Minwanabi só deixaram ficar uns poucos sobreviventes a lamber as feridas.

— Os Xacatecas figuravam entre esses inimigos — sugeriu Mara.

Arakasi respondeu com um aceno de cabeça. — Eles não nutrem qualquer afeto pelos Minwanabi e o meu agente junto da casa senhorial do Senhor Chipino diz que o Conselheiro Principal dos Xacatecas levantou a possibilidade de se aliar com os Acoma. Outros na sua assembleia ainda se opõem; alegam que vós mostrastes aquilo que de melhor tínheis, e aguar-

dam pela vossa queda. Mas o Chipino dos Xacatecas ouviu sem tomar uma decisão definitiva.

Mara, apanhada de surpresa, franziu as sobrancelhas. Os Xacatecas eram uma das Cinco Famílias. A vitória sobre Jingu servira efetivamente para elevar o peso do seu nome. Se os conselheiros debatessem a possibilidade de uma aliança, isso seria uma declaração de guerra virtual contra os Minwanabi. Até os Shinzawai tinham contornado a possibilidade de reforçar laços, satisfeitos, de momento, em manter uma posição amigável, mas neutra.

— Mas os Xacatecas podem esperar — disse Arakasi. — O Desio não vai, ele próprio, formular uma política de atuação, mas sim depender de conselheiros e familiares. O poder e a liderança serão distribuídos por diversos vultos, tornando muito difícil aos meus homens traçar um retrato preciso do ordenamento. Isso vai tornar pouco fiáveis as nossas previsões no que toca a uma política abrangente e certamente impossível no que concerne em compreender os planos imediatos dos Minwanabi.

Mara observou um inseto a avançar por cima do prato da fruta, experimentando cada uma das variedades. Então, Desio iria rodear-se de pessoas ambiciosas e sedentas de poder e, embora os desejos delas pudessem ser distintos, tudo poderia incidir no derrube dos Acoma. De um modo de certa forma agourento, o inseto instalou-se num pedaço de *jomach*, onde se juntaram diversos dos seus companheiros. — Temos sorte por o Tasaio estar longe, envolvido nas guerras em Midkemia — matutou a senhora.

Arakasi inclinou-se para a frente. — Essa sorte terminou, senhora. O homem que arquitetou o assassinio do vosso pai e irmão está hoje mesmo a regressar pela Brecha. O Desio convocou uma grande reunião com familiares e apoiantes para a semana a seguir à próxima. Irá receber votos de fidelidade, e mais. Pagou balúrdios para que fosse erigido um pórtico de orações ao Deus Vermelho.

Mara ficou quase paralisada. — O Tasaio é perigoso.

— E também ambicioso — acrescentou Arakasi. — O Desio pode deixar-se trair pelas emoções, mas os únicos interesses do primo são a guerra e o poder. Com o Desio firmemente sentado no trono dos Minwanabi, o Tasaio apostará tudo na sua causa, que é comandar as tropas imperiais, e servirá fielmente o Desio... embora com o desejo secreto de que ele se engasgue num osso de *jiga*, atrevo-me a dizer. O Tasaio pode tentar uma solução militar para que o primo dele perca o poder. Uma vitória esmagadora sobre a Casa dos Acoma, juntamente com alguns danos a outras grandes Casas, e o Desio ficaria com um poder quase ao nível do Senhor da Guerra no Conselho.

Mara ponderou em tudo aquilo. A morte de Jingu levava os Minwanabi a perder a honra, aliados e poder político, mas as guarnições e o poderio militar permaneciam incólumes. As forças dos Acoma estavam bem encaminhadas na senda da recuperação desde a destruição que acompanhara a queda do pai e do irmão. Mas havia demasiado a assentar nos guardas cho-ja. Presentemente, os insetoides apenas atuariam nas terras dos Acoma, um defensivo exército letal e leal, mas inútil em termos de estratégias ofensivas. Em guerra ou em conflito para lá das fronteiras da herdade, os Acoma não poderiam equivaler-se às forças militares atualmente às ordens de Desio.

— Temos de saber o que eles têm em mente — disse ela num tom tenso. — Os vossos agentes conseguem penetrar nesta reunião dos Minwanabi e relatar o que segredam os conselheiros ao Desio?

Arakasi retribuiu com um sorriso amargo. — Senhora, não deveis sobrestimar as capacidades de um espião. Recordai que o homem que nos passa informações era muito próximo do Jingu. Esse criado continua a ocupar o mesmo cargo, mas assim que o filho começar a exercer o seu poder, não temos garantias de que ele lá permaneça. Naturalmente, comeci a preparar uma substituição caso as coisas corram mal, mas lembrai-vos de que o agente que colocarmos terá de ser preparado de modo a encaixar nos gostos do Desio. Na melhor das hipóteses, demorará uns anos a conquistar a confiança do jovem senhor.

Mara antecipou o pensamento seguinte de Arakasi. — E o Tasaio é o maior perigo.

O Mestre Espião reagiu com uma pequena vénia. — Senhora, podeis estar certa de que farei tudo o que for possível para elaborar um relatório preciso do que transpirar da reunião do Desio. Se o jovem senhor permanecer tão estúpido como penso que é, o Tasaio será apenas uma voz entre muitas. Se ele demonstrar um inesperado rasgo de inteligência e encarregar o Tasaio da campanha contra nós, correremos um duplo perigo. — Afastou para o lado um naco de pão que mal mordiscou. — É pouco benéfico preocuparmo-nos com o que pode ocorrer. Instruí os vossos feitores e criados para que estejam de ouvidos atentos a mexericos e novidades. Saber é poder, nunca o esqueçais. Será assim que os Acoma alcançarão o triunfo.

Arakasi ergueu-se delicadamente e Mara, com um gesto, autorizou-o a retirar-se. Assim que ele se esgueirou discretamente, reparou com um arripio que era a primeira vez que o via a deixar comida mesmo estando com fome. A divisão ficou de repente demasiado silenciosa, opressiva, devido às dúvidas que a atormentavam. A imagem do regresso de Tasaio despertou de novo a desesperante sensação de desamparo que conhecera quando

soubera das mortes na sua família. Sem vontade de lidar com as trevas do passado, Mara bateu palmas para chamar a criadagem.

— Trzei-me o meu filho — ordenou. Embora soubesse que Ayaki estaria a dormir ruidosamente, sentiu repentinamente saudades dos ruídos dele, das travessuras e do peso reconfortante do seu corpo pequeno e musculoso nos seus braços.

MUDANÇAS

A criança virou-se para o outro lado... Ayaki, adormecido, esticou-se sobre os coxins. Agitado, por momentos, acabou finalmente por sucumbir ao cansaço. Mara afastou-lhe o cabelo preto da testa, enternecida com o amor sentido pelo filho.

Embora o rapaz tivesse a constituição entroncada do pai, herdara a agilidade da família da parte dela. Aos dois anos, demonstrara uma coordenação notória, destreza na língua que desconcentrava os criados e andava sempre com os joelhos em ferida. O seu sorriso conquistara até os mais empedernidos dos guerreiros que serviam nas terras dos Acoma.

— Vais ser um excelente guerreiro e um grande executante no Jogo do Conselho — meditou Mara em voz baixa. Mas naquele momento, a dureza e a inteligência enfrentavam um adversário intransponível, a necessidade de uma sesta vespertina. Apesar de ele ser a luz da vida de Mara, aqueles breves intervalos eram bem-vindos, pois, quando desperto, Ayaki necessitava de três amas para o manter ocupado.

Mara enrolou a túnica em redor do filho e endireitou-lhe as pernas e os braços estendidos. Voltou a recostar-se nos coxins, envolta em pensamentos. Muitas sementes plantadas deveriam dar fruto antes de Ayaki se tornar adulto. Quando esse dia chegasse, os velhos inimigos do seu pai, os Anasati, iriam pôr fim à aliança estabelecida em prol do bem-estar do rapaz. A benevolência que Mara assegurara por dar à luz o primeiro neto do Senhor Tecuma dos Anasati conheceria o seu fim, e a dívida resultante da morte prematura de Buntokapi seria cobrada. Nessa altura, os Acoma deveriam ser indiscutivelmente fortes, para poderem resistir à alteração no poder quando Mara entregasse o controlo da sua Casa ao seu inexperiente filho. A ameaça dos Minwanabi deveria ser completamente eliminada antes que outro poderoso inimigo desafiasse o jovem senhor.

Mara pensou nos anos que se seguiriam enquanto a vespertina luz do Sol raiava sobre os panos e sobre os escravos que tinham regressado para podar as *akasi*. A jardinagem nas passagens envolventes ocorria tão frequentemente que ela se tornara indiferente aos estalidos das tesouras de poda. A não ser naquele dia, quando aquele som normal da casa senhorial era repetidamente interrompido por ordens duras por parte do feitor e pelo contínuo estalido do curto chicote de couro enrançado que ele brandia. Por norma, o chicote era cerimonial, um sinal simbólico de hierarquia

transportado no cinto — os escravos tsurani raramente necessitavam de ser açoitados. Mas os escravos de Midkemia não ligavam ao descontentamento do feitor. O respeito pelos seus superiores era algo inexistente e não se sentiam envergonhados com as chicotadas.

Os escravos tsurani achavam os midkemianos tão enigmáticos quanto Mara. Educados na sabedoria de que a humilde devoção deles ao trabalho era a única esperança de alcançarem uma posição melhor na Roda que transportava os falecidos ao renascimento e à vida, trabalhavam infatigavelmente. Espancamentos por preguiça ou por algum tipo de desobediência aos seus legítimos amos era sinónimo de garantir o desprezo eterno dos deuses, e abaixo dos escravos havia apenas os animais. E quem regressava da Roda da Vida numa forma inferior, teria de encontrar a salvação entre infundáveis renascimentos dolorosos e miséria indescritível.

Com a sua meditação perturbada por uma discussão acalorada, Mara percebeu, aborrecida, que os bárbaros ainda não tinham aprendido a comportar-se devidamente. A única alteração neles verificada desde o leilão de escravos parecia ser o crescente número de marcas vistosas nas costas e um notório desenvolvimento no que tocava ao domínio da língua dos seus amos.

— A vontade dos deuses? Isso são tretas! — rugiu um deles num tsurani carregado de sotaque. Por um breve momento, Mara pensou no significado de «tretas». E então voltou a ouvir-se a voz do bárbaro. — Eu chamo a isso pura estupidez. Se quereis trabalho da parte destes homens, então tende em conta a minha sugestão, e deveis agradecer-me.

O feitor não tinha resposta pronta para escravos que lhe respondiam. Essas coisas não faziam parte da cultura tsurani e ele não sabia como lidar com aquilo, a não ser chicoteando o ofensor e lançando-lhe um embaraço-cho chorriho de insultos.

Mas não resultou. Definitivamente desconcentrada, Mara escutou sons de uma briga e depois palavreado indiscutivelmente raivoso.

— Atingi-me de novo com isso, homenzinho, e num ápice lanço a vossa cabeça para aquela pilha de bosta das seis patas no outro lado da cerca.

— Largai-me, escravo! — guinchou o feitor. Pareceu genuinamente assustado e, dado que a situação estava completamente descontrolada, Mara levantou-se para intervir. O que quer que «tretas» pudesse significar, não era algo que indicasse deferência apropriada face à autoridade. Atravessou o estúdio, afastou os panos e deu por si a olhar para uma porção de ombros e braços impressionantemente musculados. O midkemiano ruivo que estivera na origem do alvoroço no leilão retorcia com o pulso a túnica do feitor, erguendo-o no ar, enquanto este esperneava sobre o solo. Quando viu a sua

senhora, o feitor revirou os olhos e os seus lábios murmuraram uma oração a Kelesha, Deusa da Misericórdia.

O bárbaro limitou-se a olhar para baixo para a minúscula senhora que estava à entrada, com uma expressão branda mas com os olhos tão azuis e duros quanto as espadas de metal que abundavam no lado midkemiano da Brecha.

Mara sentiu a sua raiva a intensificar-se face àquele olhar declaradamente rebelde. Dominou a fúria e falou calmamente. — Se dais valor à vida, escravo, libertai-o já!

O ruivo reconheceu autoridade nos olhos escuros dela. Ainda assim, revelou-se insolente. Ponderou por uns momentos na ordem dela; a seguir, um sorriso perverso espalhou-se pelo seu rosto e ele abriu a mão. O feitor caiu sem aviso, encolhido, e aterrou sentado em cheio no canteiro de flores de que Mara mais gostava.

O sorriso espoletou a raiva de Mara. — Não tendes um pingo de humildade, escravo, e isso é perigoso!

O ruivo deixou de sorrir, mas o seu olhar permaneceu assente na sua senhora com um interesse que agora tinha mais a ver com a túnica fina dela do que algum respeito pelo que dissera.

Mara não estava zangada a ponto de não reparar. Sentindo-se de repente despida em virtude da apreciação descarada do escravo, sentiu a sua raiva a intensificar-se. Ela poderia ter ordenado a morte imediata do ruivo, só que a demonstração de interesse de Arakasi nos bárbaros levou-a a refrear-se. Nenhum dos midkemianos se comportava de modo apropriado e, a não ser que percebesse a razão, a única solução para pôr fim ao problema seria chacinar as suas aquisições até as eliminar. Ainda assim, era necessário dar o exemplo. Voltando-se para um par de guardas que estava ali perto, disse:

— Levai este escravo para longe de mim e açoitai-o. Não permitis que morra, mas fazei com que ele o deseje. Se resistir, matai-o.

Apareceram de pronto duas espadas e, com a nítida intenção de não permitir qualquer resistência, os guardas levaram dali o forasteiro. Ao afastar-se pelo carreiro, a perspectiva iminente de uma sova pareceu não ter tido impacto na sua postura arrogante. A ausência de medo no bárbaro face ao suplício por que iria passar irritou ainda mais Mara, pois tratava-se de algo naquele homem que era mais próprio de um tsurani, além de admirável. E então Mara ficou surpreendida consigo própria: homem? No que é que ela poderia estar a pensar? Não passava de um escravo.

Jican escolheu aquele momento para aparecer. A sua educada batida no caixilho da porta interrompeu a meditação furiosa de Mara.

— O que é? — atirou ela, depois de rodopiar intempestivamente.

A visão do *hadonra* a saltar para trás com o susto fê-la sentir-se idiota. Gesticulou ao feitor para que se levantasse de cima do canteiro de flores e depois retirou-se para os seus coxins, onde Ayaki continuava a dormir.

Jican entrou na divisão, vindo do corredor. — Senhora? — chamou timidamente.

Com um aceno na direção do *hadonra*, ela disse:

— Estou prestes a perceber por que razão aqui o Elzeki tem de discutir com escravos.

O feitor entrou pela porta exterior, visivelmente enrubescido face à desaprovação da sua senhora. Elzeki era, ele próprio, pouco mais do que um escravo, um criado inexperiente que fora incumbido de gerir os trabalhadores por toda a herdade. Uma autoridade que lhe fora concedida poderia ser retirada. Prostrou-se sobre o chão de madeira encerado e protestou veementemente em sua própria defesa. — Minha senhora, estes bárbaros são uns desordeiros. Eles não têm *wai*. — Recorreu à antiga palavra tsurani para designar o «centro do ser», a alma que define o lugar de cada um no universo. — Eles queixam-se, fingem estar doentes, discutem, fazem piadas... — Frustrado ao ponto de lhe virem lágrimas aos olhos, concluiu com um acesso de fúria. — O ruivo é um dos piores. Comporta-se como se fosse um nobre.

Mara arregalou os olhos. — Um nobre?

Elzeki endireitou-se na sua posição de reverência e lançou um olhar de súplica ao *hadonra*. Jican ainda tremia face à pobre escolha de palavras. Sem apoio por parte do *hadonra*, Elzeki prostrou-se de novo, com a testa assente no chão. — Por favor, senhora! Eu não quis faltar-vos ao respeito!

Mara fez sinal de que não necessitava de se desculpar. — Não. Eu percebi isso. O que quisestes dizer?

Espreitando para cima, Jican percebeu que a fúria da sua senhora se transformara em interesse. — Os outros bárbaros curvam-se diante dele, minha senhora. Talvez aquele ruivo fosse um oficial demasiado covarde para morrer. Pode ter mentido. Às vezes penso que estes bárbaros misturam verdade e inverdade sem distinção. Os comportamentos deles são estranhos. Baralham-me.

Mara franziu o sobrolho, pensando que se o ruivo fosse covarde, ou temesse a dor, não teria demonstrado uma postura tão tranquila face à possibilidade de ser espancado pelos guardas dela.

— Sobre o que estáveis a discutir? — quis saber Jican.

Elzeki, o feitor, pareceu murchar, como se o facto de recordar os acontecimentos que tanto o envergonhavam fosse equivalente a revivê-los. — Muitas coisas, honorável *hadonra*. O bárbaro fala com um sotaque tão primitivo que é difícil compreender. — Através do biombo para lá dos panos,

ouviu-se ao longe um baque, seguido de um urro de dor. As ordens de Mara relativas ao castigo estavam a ser plenamente obedecidas pelos guardas. Dado que a sua própria pele poderia ser vergastada devido à desobediência dos escravos, o feitor começou a transpirar em bica.

Mara fez sinal para que fechassem a porta do biombo, de modo a não voltar a ser incomodada. Assim que um criado da casa se apressou a cumprir a sua ordem, ela viu que os outros escravos estavam reunidos na passagem, com as tesouras de poda nas mãos, fitando a sua senhora com hostilidade e indignação declaradas. Reprimindo a afronta face a um desrespeito tão flagrante, Mara dirigiu-se abruptamente ao feitor. — Então, contai-nos apenas uma coisa que aquele bárbaro ruivo se tenha achado tão importante para discutir.

Elzeki passou o seu peso de um pé para o outro. — O ruivo pediu que os homens fossem levados para dentro.

Jican olhou de relance para a sua senhora, que assentiu com a cabeça para o autorizar a colocar também uma pergunta. — E como é que se justificou?

— Com um disparate qualquer de o nosso Sol ser mais forte do que o Sol do mundo deles e de um outro homem estar a ser devastado pelo calor.

— E o que mais? — quis saber Mara.

Elzeki olhou para os seus próprios pés, mais parecendo um rapaz acabado de ser apanhado a surripiar doces na cozinha. — Também se queixou de que alguns escravos precisavam de mais água do que aquela que estávamos a distribuir, por causa do calor.

— E? — disse Mara.

— Deu desculpas para a preguiça. Em vez de trabalhar no duro, queixou-se de que uns quantos dos homens incumbidos de tratar das flores nada sabiam de plantas no mundo deles, quanto mais no nosso, e que era uma estupidez castigá-los por trabalharem devagar.

Jican descontraiu-se, espantado. — A mim, parecem-me excelentes sugestões, minha senhora.

Mara soltou um longo suspiro. — Penso que terei sido precipitada — disse ela lugubrememente. — Elzeki, ide e ponde fim à tarefa. Indicai aos meus guardas que lavem o ruivo e que mo tragam aqui ao estúdio.

Quando o feitor, servil, saiu apressadamente, Mara olhou para o seu *hadonra*. — Jican, aparentemente ordenei um castigo ao homem errado.

— O Elzeki nunca foi muito perspicaz — concordou Jican. Intimamente, tentou perceber por que razão o reconhecimento desse erro tanto incomodara a sua senhora.

— Temos de o retirar deste serviço — concluiu Mara. — Os escravos são demasiado valiosos para serem mal orientados por imbecis. — Fez en-

tão um pedido ao seu *hadonra*. — Ides transmitir isso ao Elzeki e depois confio em vós para tratar da sua substituição.

— O vosso desejo será cumprido. — Jican fez uma ligeira vénia e saiu. Enquanto ele passava pelo biombo de acesso ao corredor, Mara afagou a face de Ayaki. Chamou então a sua aia para que o levasse para a sua esteira de dormir no quarto de crianças. Se era para ela lidar pessoalmente com aquele bárbaro ruivo, não queria mais distrações. Esse pensamento fê-la sorrir, enquanto a aia pegava no seu filho entroncado e ele resmungava ainda a dormir. Ayaki desperto era quase tão perturbador quanto o ruivo e, com um sacudir de cabeça, Mara recostou-se para aguardar a chegada dos guardas com o transgressor bárbaro que, sozinho, lograra arruinar-lhe a meditação.

Os guardas entraram pouco depois, o midkemiano entre eles, com o cabelo e a tanga ensopados. O pedido de Mara para que fosse lavado fora levado à letra: os guardas pura e simplesmente tinham-no enfiado numa prática tina de *needra*. A sova e conseqüente mergulho apenas ao de leve lhe retiraram o ânimo. O divertimento no olhar dele passara a uma raiva mal contida. O seu ar desafiador perturbou Mara. Lujan muitas vezes pisara o risco das boas maneiras com as suas graçolas, mas nunca, socialmente, um homem de estatuto inferior se atrevera a olhar para ela de um modo manifestamente tão condenatório. De repente lamentando não ter pedido uma túnica de trazer por casa mais modesta, Mara, ainda assim, recusou-se a chamar a criada, pois isso seria dar importância ao olhar fixo de um escravo bárbaro. Em vez de se sentir embaraçada perante o forasteiro, prendeu o olhar no dele.

Os guardas não souberam ao certo como proceder com o patife que praticamente arrastaram até à presença da sua senhora. Agarrando ainda o enorme homem com força, fizeram vénias ineficazes. O mais velho dos guerreiros quebrou o silêncio com um acanhamento mal disfarçado. — Senhora, o que desejais? Um bárbaro na vossa presença talvez devesse estar ajoelhado.

Mara pareceu reparar pela primeira vez nos guardas e na água que pingava no chão encerado. Havia sangue misturado nas poças.

— Deixai-o estar de pé, se assim o desejar. — Bateu palmas para chamar a criadagem e mandou o primeiro a responder ir a correr buscar toalhas. O escravo da casa reapareceu com uma pilha de tolhas de banho aromatizadas. Entrou no estúdio, fez uma vénia e só mais tarde percebeu que o pedido da sua senhora fora feito em nome do bárbaro com mau aspeto que estava ladeado pelos guardas.

— Então — atirou Mara, face à hesitação do criado —, secai o brutamontes antes que ele me estrague o chão.

— Assim seja, senhora — murmurou o escravo, prostrado diante dela. Levantou-se e começou a cobrir a pele avermelhada entre as omoplatas do bárbaro, sendo este o ponto mais alto que ele lograva alcançar.

Mara apreciou o enorme escravo num momento de relativa calma, e depois tomou uma decisão. — Deixai-nos — ordenou ela aos seus guardas. Eles largaram o bárbaro, fizeram uma vénia e saíram pelo biombo de acesso ao corredor.

O bárbaro esfregou os pulsos onde o aperto dos guardas lhe cerceara a circulação. A tentativa do escravo em secá-lo pareceu uma irritação e, após um olhar para Mara, o forasteiro estendeu a mão, tirou uma toalha limpa da pilha e ele próprio terminou a tarefa. O cabelo dele ficou espetado quando terminou e o escravo olhou consternado para o monte de toalhas húmidas e cheias de sangue espalhadas aos pés do bárbaro.

— Entregai isso às minhas criadas que tratam de lavar a roupa — indicou Mara. Fez sinal ao ruivo para que escolhesse uma almofada e se sentasse.

Mara observou o rosto do ruivo; o olhar que ele lhe devolvia era tão penetrante quanto o dela. De repente, ela sentiu-se a perder o pé. Algo naquele homem a perturbava. A razão espantou-a: continuava a considerá-lo um homem! Escravos eram gado, e não pessoas. Porque é que aquele a fazia sentir-se... incerta? A experiência dela enquanto Governatriz permitiu-lhe colocar a máscara de comando. Sentiu-se desafiada a descobrir por que razão aquele bárbaro a fazia esquecer a real posição dele. Obrigou-se a manter uma voz calma. — Talvez tenha agido precipitadamente. — Enquanto o escravo doméstico recolhia as toalhas e se apressava a sair, ela acrescentou:

— Aparentemente, e depois de ter examinado a situação, terei sido injusta ao ordenar que vos sovassem.

Surpreendido, mas disfarçando bem, o ruivo escolheu uma almofada e sentou-se cuidadosamente. A cicatriz que lhe fora infligida na face pelo capataz no mercado não depreciara a sua aparência; em vez disso, a imperfeição acentuava o contraste com as suas feições atraentes e a sua barba espessa era uma novidade que não se via entre os homens livres tsurani, que por tradição se barbeavam.

— Escravo — ordenou Mara —, desejo saber mais sobre a terra de onde viestes.

— Eu tenho nome — disse o ruivo com a sua voz profunda, carregada de antagonismo. — Chamo-me Kevin, da Cidade de Zun.

Mara reagiu com irritação. — Em tempos podereis ter sido humano, lá no vosso mundo, mas agora não passais de um escravo. Um escravo não tem honra, nem sequer uma alma, aos olhos dos deuses. Isso é algo que já deveríeis saber, Kevin de Zun. — Ela proferiu o nome com sarcasmo. —

Escolheste o vosso destino, escolheste abdicar da honra. Caso contrário, deveríeis ter morrido perante o inimigo que vos aprisionou. — Fez uma pausa quando lhe ocorreu uma outra ideia. — Ou éreis vassalo de outra Casa mais poderosa, cujo senhor vos recusou permissão para que abdicásseis da vossa própria vida?

Kevin ergueu as sobranceiras, algo confuso. — O quê? Não sei se entendi o que pretendestes dizer.

Mara repetiu a sua ideia em termos que seriam compreendidos por uma criança. — Jurastes vassalagem a outro?

Kevin endireitou as costas, estremeceu e alisou a barba húmida com uma mão. — Zun jurou fidelidade ao Alto Rei de Rillanon, naturalmente.

A senhora assentiu com a cabeça, como se tudo tivesse ficado esclarecido. — Então, esse rei não vos permite tombar sobre a vossa própria espada. É assim?

Completamente baralhado, Kevin abanou a cabeça. — Tombar sobre a minha própria espada? Porquê? Posso ser o terceiro filho de um nob... ah, de uma família menor, mas não preciso da autorização do rei para sancionar aquilo que me parece ser um ato perfeitamente imbecil.

Mara pestanejou, surpreendida. — A vossa gente não tem honra? Se a escolha é vossa, porquê permitir-vos a ser aprisionado para serdes escravo?

Cuidadoso com os vergões, que estavam incomodamente a inchar, Kevin fitou aquela mulher minúscula que por infelicidade se tornara a sua senhora. Forçando um sorriso, disse:

— Acreditai em mim, não tive outra opção, caso contrário não estaria a apreciar a vossa... hospitalidade. Se me fosse permitido escolher, estaria em casa com a minha família.

Mara abanou ao de leve a cabeça. Não era aquela a resposta de que estava à espera. — Podemos estar a ter dificuldades de entendimento devido ao uso bárbaro que dais à língua tsurani. Permitti-me que pergunte de uma maneira diferente: quando fostes aprisionado, o destino não vos providenciou um momento no qual poderíeis ter posto termo à vossa vida, em vez de serdes capturado?

Kevin demorou o seu tempo, como se avaliasse a pergunta. — Penso que sim, mas por que razão haveria de pensar em matar-me?

Mara ripostou prontamente sem pensar. — Pela honra!

Kevin riu-se amargamente. — De que vale a honra a um homem morto?

Mara pestanejou, como se uma luz intensa tivesse incidido sobre si numa divisão às escuras. — A honra é... tudo — esclareceu Mara, sem querer acreditar que alguém poderia colocar aquela questão. — É o que

torna a vida suportável. Dá um sentido a... tudo. Que outros motivos há para valer a pena viver?

Kevin ergueu os braços, desesperado. — Ora, para aproveitar a vida! Para desfrutar da companhia dos amigos, para servir homens que se admira. No meu caso, para escapar e regressar a casa. Não basta?

— Escapar! — Absolutamente chocada e incapaz de assimilar aquilo, Mara obrigou-se a reordenar as ideias. Aquelas pessoas não eram Tsurani, lembrou a si própria; os códigos de comportamento que prendiam escravos ao serviço no mundo dela não eram partilhados pelas gentes do outro lado da Brecha. A Senhora dos Acoma tentou imaginar se outros da sua cultura poderiam ter descoberto o quanto os Midkemianos eram diferentes deles próprios. Saltou-lhe à mente Hokanu dos Shinzawai. Mara anotou mentalmente que deveria tentar obter informações relativamente ao interesse do Senhor Kamatsu nos bárbaros quando o filho dele aparecesse para a visitar. A seguir pensou se aquele Kevin de Zun teria conhecimentos ou ideias diferentes que pudessem revelar-se úteis contra os inimigos dela.

— Deveis contar-me mais coisas sobre as terras do outro lado da Brecha — exigiu ela bruscamente.

Atormentado por algo mais do que golpes e pisaduras, Kevin suspirou. — Sois uma mulher cheia de contradições — disse cautelosamente. — Ordenais que me batam, que me enfiem numa tina de gado e depois que me sequem com aquelas que serão provavelmente as vossas melhores toalhas. Agora, pretendeis que fale nem sequer me oferecendo uma bebida para molhar a garganta.

— O vosso bem-estar, ou a falta dele, está para lá do vosso direito a questionar — disse ela com acidez na voz. — Calhais de estar a sangrar num coxim que custa mais do que aquilo que valeis no mercado aberto, portanto, sede cauteloso no modo como falais da minha delicadeza.

Kevin ergueu reprovadoramente as sobrancelhas. Ia dizer algo mais, mas naquele momento alguém no exterior decidiu bater no biombo do estúdio privado da senhora.

Uma vez que nenhum tsurani solicitaria a atenção da sua senhora sem ser com uma batida educada, Mara não respondeu logo. Quem quer que fosse, não pareceu minimamente incomodado com isso. O caixilho de madeira deslizou na calha oleada e o escravo careca que apoiara o esquema das roupas no leilão de escravos enfiou a sua cabeça lá dentro. — Kevin? — perguntou ele em voz baixa, alheado do facto de ter ignorado por completo a nobreza. — Estais bem, meu velho filho?

Mara ficou boquiaberta quando o ruivo respondeu ao homem com um sorriso tranquilizador. O homem calvo sorriu a Mara e depois, dando-se por satisfeito, retirou-se. Mara ficou muda de espanto por um bom bocado.

Em toda a memória dos seus antepassados, nunca conhecera um escravo com o descaramento de entrar sem ser chamado nos aposentos do amo, para manter uma conversa pessoal com outro escravo, e depois retirar-se sem permissão, fazendo apenas uma tentativa extremamente descuidada de agradecer à sua legítima senhora. Mara controlou o seu ímpeto inicial de ordenar um castigo, agora completamente convencida da necessidade de compreender melhor aqueles bárbaros.

Mandou o seu mensageiro procurar outro feitor para orientar os escravos de modo a que podassem as *akasi*, o que já deveria estar a ser feito. Depois, devolveu a atenção a Kevin.

— Explicai-me como é que os servos tratam as suas senhoras nas terras de onde viestes — exigiu ela.

O bárbaro reagiu com um sorriso provocador. Os olhos dele vaguearam descaradamente pelo corpo de Mara, que estava coberto apenas por uma túnica de seda quase transparente. — Para começar — esclareceu, claramente —, qualquer senhora que se vestisse como vós em frente aos seus servos estaria a pedir para... — Ele esforçou-se em vão por encontrar o termo apropriado. — Na minha língua não há um termo educado. Não sei como é que vós vos sentis em relação a isso, mas dado que me mostrais despreocupadamente tudo o que tendes, obviamente não levais isso em conta.

— A que é que vos referis? — atirou de pronto Mara, nos limites da sua paciência.

— Ora... — Ele tocou-se a si próprio por cima da sua tanga imunda, e depois apontou para cima com o seu dedo indicador esticado. — Aquilo que os homens e as mulheres fazem para terem bebés. — Apontou para a zona da virilha.

Mara arregalou os olhos. Poderia estar a ter dificuldade em encarar aquele bárbaro enquanto escravo, mas obviamente ele não tivera dificuldade em pensar nela enquanto mulher. Suavemente, num tom que só poderia ser considerado perigoso, ela disse:

— Sugerir tal coisa, mesmo indiretamente, pode implicar uma morte lenta e dolorosa, escravo! A morte mais vergonhosa é por enforcamento, mas se desejarmos que o condenado sofra, penduramo-lo pelos pés. Alguns homens duraram dois dias assim pendurados. Com um monte de carvão em brasa logo abaixo da vossa cabeça, pode ser uma forma muito desagradável de morrer.

Consciente da fúria de Mara, Kevin prontificou-se a emendar. — Claro que Zun tem um clima muito mais frio do que aquele a que estais habituada. — As frases dele saíram entrecortadas enquanto procurava palavras que não lhe eram familiares, ou outras que as substituíssem na sua própria língua. — Nós temos invernos e neve e chuvas geladas durante outras es-

tações. As senhoras das minhas terras têm de usar saias grossas e peles de animais para se aquecerem. Tende a tornar o corpo feminino destapado em algo... em algo que não vemos muitas vezes.

Os olhos de Mara faiscaram ao escutar o escravo. — Neve? — Ela pronunciou desajeitadamente a palavra bárbara. — Chuvas geladas? — E então interiorizou o significado do que ele dissera e prosseguiu, já menos furiosa. — Peles de animais? Referis-vos a peles, o couro sem tirar o pelo?

— Uma coisa assim do género — respondeu Kevin.

— Que estranho. — Mara pensou no assunto como se fosse uma criança a receber uma série de presentes. — Alguma da roupa deve ser pesada e desconfortável, já para não falar da dificuldade dos escravos em lavá-la.

Kevin riu-se. — Não se lavam essas peles, senão estragam-se. Sacode-se o pó e depois põe-se ao sol a arejar. — Uma vez que as feições dela se ensombreceram perante o divertimento dele com a sua ignorância, o escravo apressou-se a acrescentar uma nova informação. — Em Zun não temos escravos. — Ao dizer isto, a sua disposição tornou-se mais sombria e abatida. Ainda tinha os ombros a latejar devido ao espancamento e, apesar do coxim estofado, doía-lhe só de estar sentado. — Os Keshianos têm escravos, mas a lei do Reino limita severamente essas práticas.

Aquilo explicava em grande parte a dificuldade em fazer os midkemianos obedecer, concluiu Mara. — E então quem executa os vossos trabalhos menores?

— Homens livres, senhora. Temos criados, servos e proprietários de terras livres que devem obediência aos seus senhores. Assim como cidadãos, mercadores e homens de guildas.

Insatisfeita com uma explicação tão breve, Mara pediu mais pormenores a Kevin. Sentou-se muito quieta enquanto ele descrevia aprofundadamente a estrutura governativa do Reino. Sombras compridas passaram pelos biombos na altura em que o interesse dela esmoreceu. A voz de Kevin, na altura rouca, já soava a cansaço. Já com sede, Mara mandou vir bebidas de fruta frescas. Quando foi servida, fez sinal para que tratassem do bem-estar de Kevin.

Mara perguntou então como eram trabalhados os metais, uma arte que o seu povo mal conhecia, dado que tais materiais eram raros em Kewan. O facto de os camponeses midkemianos terem ferro, bronze e cobre era algo que lhe parecia inconcebível. A asserção de Kevin de que por vezes possuíam ouro e prata era algo que lhe pareceu inacreditável. O espanto dela com tais maravilhas levou-a a esquecer as diferenças entre eles. Kevin reagiu sorrindo ainda mais. Os seus modos descontraídos despertaram uma fome que ela nunca se atrevera a explorar. Mara deu com os seus olhos a deambular sobre os contornos do corpo dele ou a seguir os gestos das

suas mãos fortes e belas enquanto ele procurava explicar coisas às quais lhe faltavam palavras. Falou de ferreiros que trabalhavam o ferro e dos duros calços em forma de crescente que eram colocados nos cascos dos animais que os seus guerreiros cavalgavam. A discussão, com toda a naturalidade, transformou-se numa conversa animada sobre táticas e a descoberta mútua de que os Midkemianos achavam os Cho-ja um adversário tão terrível quanto os Tsurani achavam os homens a cavalo.

— Tendes muito a ensinar — disse por fim Mara, com a sua bela compleição a revelar um rubor de prazer. Nesse momento, Nacoya bateu à porta, para lhe lembrar da reunião da tarde com os conselheiros.

Mara endireitou-se, espantada ao perceber que já passara a maior parte do dia. Olhou para as sombras cada vez mais intensas, as bandejas com cascas de fruta e as ânforas e as taças esvaziadas espalhadas pela mesa entre ela e o escravo. Lamentando o inevitável fim da conversa, fez sinal ao seu criado pessoal. — Levai este bárbaro e tratai do bem-estar dele. Deixai que ele se banhe e aplicai-lhe unguentos nas feridas. A seguir, dai-lhe uma túnica e ele que me espere nos meus aposentos pessoais, pois desejo prosseguir a conversa quando terminar os meus assuntos.

O escravo fez uma vénia e a seguir indicou a Kevin que o seguisse. O bárbaro descruzou as pernas compridas e levantou-se a custo. Estremeceu, e depois reparou que a senhora continuava a fitá-lo. Retribuiu com um sorriso irónico e, sem qualquer tipo de humildade, soprou um beijo na direção dela antes de se voltar para seguir o escravo.

Nacoya observou aquele gesto de despedida com os olhos estreitados e com um ar carrancudo no seu rosto enrugado. A sua senhora mostrou mais espanto do que ultraje com tal proximidade. De repente, Mara escondeu um sorriso com a mão, parecendo incapaz de se conter. O desagrado de Nacoya aprofundou-se até se transformar em desconfiança. — Minha senhora, tende cuidado. Uma governante sábia não expõe o seu coração a um escravo.

— Aquele homem? — Mara pôs-se muito direita, surpreendida com o seu próprio rubor. — É um bárbaro. Estou fascinada com o seu povo forasteiro, nada mais do que isso. — E a seguir suspirou. — O beijo que ele soprou era algo que o Lano costumava fazer quando éramos pequenos — explicou, referindo-se ao falecido irmão que idolatrara em criança. — Recordais-vos?

Nacoya criara Mara desde criança e a recordação do gesto de Lanokota não preocupou a velha ama. O que incomodou Nacoya foi a reação que percebera na sua senhora.

Mara ajeitou cuidadosamente a sua túnica sobre as coxas. — Nacoya, sabeis que não desejo homens. — Parou de amaciar o debrum de seda e as

suas mãos apertaram-se em punhos cerrados. — Sei que algumas senhoras têm belos homens como transportadores de liteiras, para que as necessidades... mais íntimas possam ser satisfeitas conforme lhes apetece, mas eu estou... pouco interessada nesse tipo de diversão. — Até a si própria Mara souu pouco convincente.

Irritada com a necessidade de discutir algo que nem deveria ter necessitado de ser negado, Mara deu o assunto por encerrado com um gesto autoritário. — Bem, indicai aos criados que levem estas bandejas e taças. Vou reunir com os meus conselheiros e o Arakasi vai transmitir as suas informações sobre o Senhor Desio dos Minwanabi.

Nacoya fez uma vénia, mas, quando apareceu um criado doméstico e começou a limpar a mesa para a reunião, a velha Conselheira Principal ficou a observar com atenção. Um sorriso melancólico apareceu e desapareceu nos lábios de Mara. Astuciosamente intuitiva, Nacoya percebeu que Mara não estava a pensar na reunião iminente, mas, antes, no bárbaro ruivo e bronzeado que lhe preencherá grande parte da tarde com conversas. O faiscar nos olhos de Mara, e o cerrar de punhos com tanto de excitação como de receio, traiu a sua senhora. Medo de dor e humilhação — recordações de um marido bruto e insensível — entraram em conflito com um renovado desejo. Nacoya poderia ser velha, mas ainda se lembrava de como eram as paixões dos jovens; há vinte anos ela própria poderia ter pensado seriamente em levar o escravo para o seu quarto. Consciente dos atrativos de Kevin, e prevendo problemas, a antiga ama suspirou em silêncio. Mara revelara-se uma excelente executante do Jogo do Conselho, mas tinha ainda de compreender as coisas mais básicas sobre as relações entre homem e mulher. Já sob ataque cerrado, faltava-lhe intuição para reconhecer que era sequer possível uma investida daquele calibre.

Debatendo-se com lágrimas de preocupação, a antiga ama recom pôs-se para a reunião prestes a começar. Se Mara ia ter o seu mundo virado do avesso devido a uma paixão inesperada, escolhera a pior altura para isso suceder.



VOTOS

Soaram trombetas. Um ribombar de tambores fez-se ouvir no momento em que a multidão ali reunida se ajoelhou, fez uma vénia e a seguir se sentou sobre os calcanhares, a ancestral posição tsurani de quem mostra atenção. Dispostos em função da hierarquia, mas vestidos unicamente com túnicas brancas atadas com uma faixa laranja e preta, aguardaram a chegada do novo Senhor dos Minwanabi.

O salão grande dos Minwanabi era único em todo o Império; algum antigo senhor recorrera ao génio de um arquiteto, um artista de um brilhantismo inigualável. Nenhum visitante da Casa dos antepassados de Desio poderia evitar ficar assombrado no interior do que se assemelhava a uma fortaleza.

A encosta escolhida para albergar a casa senhorial fora esventrada, com o terço superior pejado de arcos abertos para o céu, para deixarem entrar luz e ar. Biombos concebidos para proteção face ao tempo inclemente estavam presentemente recolhidos e todo o salão inundado pela luz solar do meio-dia. A parte inferior do salão fora escavada na montanha. O espaço central media uns bons quinhentos metros, desde a única entrada até ao dossel, e ostentava um chão profusamente decorado. Ali, num trono esculpido em ágata, Desio acolheria a fidelidade prestada pelos servidores e vassalos convocados para o homenagear.

Guardas minwanabi com armaduras cerimoniais estavam a postos, com os seus elmos lacados a preto e as plumas cor de laranja de oficial a formarem uma ordenada fila dupla na galeria sobranceira ao piso principal. Os músicos junto à entrada terminaram o toque de trombetas, e baixaram-nas, juntamente com os tambores. O silêncio abateu-se sobre a sala.

Um som penetrante cortou o ar. Uma porta abriu-se para o lado e um sacerdote de Turakamu, o Deus Vermelho da Morte, entrou no salão com uma passada ligeira. O apito de osso que tinha nos lábios era uma relíquia guardada desde tempos ancestrais. Uma capa curta adornada com penas caía até aos cotovelos e o seu corpo despido estava pintado de vermelho sobre preto, pelo que parecia um esqueleto manchado de sangue enquanto dançava em louvor do seu amo divino. Tinha o cabelo colado ao escalpe com muito sebo, com as pontas a formarem duas tranças atadas com cordões onde balouçavam pequenas caveiras claras.

O sacerdote deu três voltas ao dossel, no que foi acompanhado por quatro acólitos, todos envergando túnicas vermelhas e máscaras de caveiras. O seu aspeto gerou uma certa agitação por entre toda a gente ali reunida. Muitos dos presentes no salão fizeram gestos sub-reptícios para afastar o azar, pois encontrar os servos do Deus da Morte era, no mínimo, desagradável. Os apitos soltaram sons penetrantes e as caveiras chocalharam em compasso com o ritmo do sacerdote principal. A dança dele tornou-se mais rápida e os acólitos iniciaram uma série de piruetas e cabriolas que imitavam os estertores do sofrimento humano, o poder supremo do Deus da Morte, e o castigo infligido aos mortais que lhe desagradavam.

Um burburinho percorreu o salão quando os convidados de Desio perguntaram ciciando por que razão teriam sido chamados os Sacerdotes Vermelhos para invocar um ritual de sangue naquela reunião. Por norma, os Sacerdotes de Chochocan, *O Bom Deus*, ou, mais raramente, os Sacerdotes de Juran, *o Justo*, seriam os escolhidos para abençoar o reinado de um novo senhor, mas um Sacerdote da Morte era uma presença rara e inquietante.

Os dançarinos rodopiaram até se imobilizarem e os assobios cessaram. O sacerdote principal avançou silenciosamente e subiu ao dossel. Retirou de um bolso no interior da sua capa uma adaga escarlate e com um grito agudo e penetrante cortou a sua trança esquerda. Pendurou-a no braço correspondente do trono do novo senhor. A seguir, encostou a testa às costas da cadeira e cortou a trança direita. A minúscula caveira na ponta fez estalidos sinistros ao embater nos entalhes de ágata. Quando aquele talismã foi afixado no braço direito da grande cadeira, nenhum dos presentes permaneceu na dúvida. Os Sacerdotes do Deus Vermelho só cortavam o cabelo quando aguardavam um grande sacrifício pelo seu amo divino. Desio dos Minwanabi estava a penhorar a sua Casa em prol de empreendimentos violentos.

Imperou uma calma desconfortável quando entrou a guarda de honra de Desio. Os habituais doze guerreiros eram liderados pelo Comandante das Forças Armadas Irrilandi e pelo Conselheiro Principal Incomo. O último a aparecer foi o novo senhor, resplandecente numa sobretúnica cor de laranja ornamentada a preto, com o seu cabelo negro apanhado atrás.

Incomo chegou junto do dossel, deu a volta e ajoelhou-se do lado direito do seu amo. Examinou com um olhar crítico quando o seu senhor subiu os degraus para se sentar no seu lugar de poder. Desio estava a sair-se bem, apesar do calor e do pouco habitual peso da armadura debaixo dos adornos. Em rapaz, o herdeiro de Jingu não mostrara qualquer talento para a arte da guerra. Os seus esforços no campo de treinos serviram apenas para conquistar o escárnio silencioso dos seus instrutores. Quando teve idade para o serviço ativo, acompanhou algumas patrulhas em zonas seguras,

mas quando os oficiais em comando se queixaram educadamente da sua inépcia, o rapaz passou a ser, com agrado, uma peça fixa na corte do pai. Desio herdou as piores qualidades do pai e do avô, na opinião de Incomo. Seria um milagre para os Minwanabi prosperarem sob o seu jugo, mesmo que os Acoma não constituíssem uma ameaça.

Observando atentamente a multidão ali reunida, uma figura impressionante na primeira fila de convidados chamou a atenção de Incomo. Tasaio envergava uma armadura minwanabi como se fosse um guerreiro nato. Era talvez o membro mais apto da família em três gerações. Entediado com a cerimônia, Incomo imaginou como seria servir sob o jugo de um governante inteligente como Tasaio. Mas o Conselheiro Principal afastou esses pensamentos da cabeça. Dentro de momentos, Tasaio iria prestar juramento para obedecer incondicionalmente a Desio.

O novo senhor conseguiu sentar-se sem percalços sobre o seu enorme cadeirão, algo pelo qual Incomo deu graças. Inépcias naquele momento seriam pouco auspiciosas, um agouro de que o desfavor dos deuses tombara sobre os Minwanabi. Suores de ansiedade ensoparam a testa do Conselheiro Principal enquanto suportava as ancestrais formalidades que tiveram lugar antes de Desio se levantar para orar. O jovem Senhor dos Minwanabi arrancou, perante aquele salão silencioso, com uma voz surpreendentemente forte.

— Dou-vos as boas-vindas — entoou Desio —, minha família, meus aliados e amigos. Aqueles que serviram o meu pai são duplamente bem-vindos, pela vossa lealdade perante ele no passado e perante mim no futuro.

Incomo expirou, aliviado, com as suas preocupações mais imediatas mitigadas. O jovem que tinha a cargo prosseguiu, pomposamente, para agradecer aos sacerdotes presentes; a seguir acenou com as suas mãos enfeitadas consoante as suas palavras se tornavam mais empolgadas. Convencido da sua própria importância, Desio chamou a atenção dos seus convidados mais proeminentes. Incomo estava a tentar manter-se atento, mas começou a ficar cada vez mais preocupado. Qual seria o passo seguinte da Senhora dos Acoma?

Como é que uma rapariga transformara os planos de Jingu, para a assassinar, no próprio fim dele? Por muito que Incomo revivesse mentalmente os acontecimentos desse dia amaldiçoado, não era capaz de determinar o que levava as coisas a seguirem um caminho tão trágico.

Uma coisa ele sabia: os Minwanabi tinham depositado demasiada confiança numa cortesã contratada como agente. Tinha reputação de profissional meticulosa, mas no final acabara por falhar no cumprimento da sua missão. Em consequência disso, a bela mulher pagara com a sua própria vida. Incomo prometera a si mesmo nunca mais depender de alguém que

não jurasse prestar vassalagem aos Minwanabi. E quanto ao papel desempenhado pelo Líder de Ataques Shimizu, alguém que estava unido por juramento ao serviço? O seu ataque ao guarda-costas de Mara correria como planejado, mas, na noite seguinte, um simples «acidente» que deveria ter eliminado a linhagem dos Acoma redundou num colapso.

Desio anunciou outro honrado convidado vindo para o ver assumir o seu cargo. Incomo olhou de soslaio na direção desse senhor, tentando não parecer entediado. Os seus pensamentos não tardaram a regressar àquele dia terrível.

Incomo reprimiu um arrepio ao recordar o terror no rosto do Senhor Jingu quando o mago parceiro do Senhor da Guerra recorreu à magia para provar a infeliz traição da cortesã do Líder de Ataques contra Mara. Envergonhado perante os convidados, Jingu vira-se forçado a corrigir as coisas em nome da sua Casa da única forma possível. Em toda a história, nunca fora necessário um Senhor dos Minwanabi preservar a honra familiar através do suicídio. Incomo continuava a acordar todas as noites com suores frios quando sonhava com o momento em que Jingu se encheu de coragem e se fez trespassar com a espada da família.

Incomo de pouco se lembrava do que se passou a seguir; a marcha de regresso a casa, com o seu senhor no féretro, com a armadura polida e a brilhar e as mãos cruzadas sobre a espada, não passava de um conjunto de imagens difusas. O Conselheiro Principal era, isso sim, atormentado pelo momento da morte: o seu senhor esparramado no chão, com os olhos vazios velados como os de um peixe a morrer nas docas. O sacerdote de Turakamu rapidamente atara as mãos de Jingu com o cordel vermelho ritual e ocultara-lhe o rosto com um pano escarlate. Mas a recordação permaneceu, indelével. O reinado de um amo grande e poderoso terminara com uma rapidez aterradora.

Uma movimentação despertou Incomo para o presente. Inclinou a cabeça para saudar outro governante que fora prestar homenagem a Desio. A seguir, o Conselheiro Principal dos Minwanabi inspirou profundamente e recompôs-se. Conseguira gerir a casa senhorial durante os dias de devassidão de Desio com o que se assemelhou a uma calma inexpugnável. Mas para lá do seu comportamento apropriado e impassível, Incomo debateu-se com o terror. Pela primeira vez numa longa vida a participar no Jogo do Conselho, conheceu o medo paralisante face a outro governante.

A sua única defesa perante essa ameaça era uma raiva alimentada pela imagem de Mara e do seu séquito a atravessarem o lago. Dezenas de outros senhores tinham partido com ela, com as suas embarcações coloridas agrupadas como aves aquáticas com plumagem de acasalamento. No meio dessa flotilha estivera a enorme barca branca e dourada do Senhor da Guer-

ra. Almecho passara os festejos do seu aniversário da herdade de Jingu para as terras dos Acoma, como que dando um sinal inequívoco da caída em desgraça dos Minwanabi.

Nesse momento, a expressão de Incomo ficou ensombrecida, dando por findo o seu intervalo meditativo. Um guerreiro magro e elegante subiu ao dossel para se ajoelhar aos pés do novo senhor. Tasaio, filho do falecido irmão de Jingu, fez uma pequena vénia e apresentou-se ao seu amo por direito. O cabelo acobreado de Tasaio estava puxado para trás com um elegante gancho de jade. O seu perfil era ligeiramente aquilino e a sua postura impecável; as mãos, com algumas cicatrizes de batalhas idas, possuíam a beleza da força polida quase até à perfeição. Ele era a imagem de um guerreiro humilde, que jurara servir o seu amo, mas nada conseguia ocultar a intensidade abrasadora do seu olhar. Virou-se para cima para o seu primo e sorriu, prestando o seu juramento. — Meu senhor, aqui presto juramento, perante os espíritos dos nossos antepassados comuns, desde o princípio dos tempos, e sobre o *natami* em que reside o espírito dos Minwanabi: a vós, juro honrar em todas as coisas. A minha vida e morte pertencem-vos.

O rosto de Desio iluminou-se quando o mais apto rival ao seu posto de governante se curvou como reza a tradição. Incomo colocou de lado o desejo fútil de que os papéis dos primos fossem invertidos; se fosse Desio a ajoelhar-se perante Tasaio, os Acoma teriam então tremido. Em vez disso, irrevogavelmente, o homem mais inteligente e forte unira o seu destino ao mais fraco. Incomo deu com as suas mãos cerradas em punhos, com as unhas cravadas nas palmas.

Havia algo ainda a incomodá-lo desde a noite em que a sina dos Minwanabi se turvara. Quando Tasaio se ergueu e abandonou o dossel, o Conselheiro Principal ponderou numa nova ideia. Mara lograra descobrir a trama para pôr fim à vida dela — mas, corrigiu-se Incomo, ela naturalmente não esperara o ataque —, só que, de algum modo, presentira o momento e o tipo de investida. A sorte não poderia servir de justificação. Uma coincidência àquela escala era improvável a ponto de ser praticamente impossível. O Deus Louco da Sorte teria de ter sussurrado ao ouvido da senhora para que ela pura e simplesmente adivinhasse o que Jingu e a sua agente cortesã tinham orquestrado.

Os últimos aliados dos Minwanabi estavam em fila, completando os seus votos de amizade com Desio. O Conselheiro Principal observou todos os rostos inexpressivos e concluiu que as declarações solenes deles eram tão úteis quanto armas de algodão-doce. Ao primeiro sinal da vulnerabilidade, qualquer um dos senhores ali presentes encetaria a procura de novas alianças. Até Bruli dos Kehotara recusara renovar o voto de total vassalagem que o seu pai prestara a Jingu, deixando dúvidas quanto ao seu grau de confian-

ça. Desio só a custo conseguira esconder o seu desagrado quando Bruli deu voz a uma promessa de amizade, após o que partiu.

Incomo sorriu mecanicamente a cada nobre que passava enquanto passava em revista as suas próprias preocupações. Repassou repetidamente os acontecimentos do passado, até que a lógica providenciou finalmente a resposta. A conclusão a que chegou revelou-se chocante, inimaginável: os Acoma deveriam ter um espião dentro da casa senhorial dos Minwanabi! A conspiração de Jingu fora cuidadosamente orquestrada, infalível se não tivessem sido passadas informações secretas. A pulsação de Incomo acelerou conforme foi pensando em todas as implicações.

O Jogo do Conselho não dava descanso. Havia sempre tentativas de infiltração por parte das Casas rivais. O próprio Incomo tinha diversos agentes bem colocados e frustrara pessoalmente tentativas de penetrar a casa senhorial dos Minwanabi. Mas algures, e isso era bem evidente, falhara uma. O espião dos Acoma poderia ser um criado, um agente da família, um guerreiro com pluma de oficial, até um escravo. Enredado em pensamentos para descobrir o culpado, Incomo observou impacientemente a cerimónia. O protocolo exigia que permanecesse no seu lugar até ao encerramento das formalidades.

Surgiu o último senhor. Desio aguentou um interminável discurso de agradecimento. Incomo impacientou-se com o desassossego. A seguir, os sacerdotes retomaram o seu apito abominável e mais uma dança ritual. Finalmente, iniciou-se o hino de retirada, com a guarda de honra de Desio a sair em passadas bem medidas pelos portões do grande salão. Parado junto ao ombro de Desio, mas meio passo atrás, Incomo passou em revista todos os elementos mais antigos da casa senhorial.

A sua mente ágil reduziu as possibilidades, eliminando ligações de sangue e aqueles que estavam ao serviço desde a infância. Mas, mesmo depois de estes terem sido apartados, as possibilidades de haver agentes inimigos eram ainda muito vastas. Tinham sido adquiridos tantos criados ao longo dos três derradeiros anos que Incomo enfrentava uma tarefa desencorajadora. Dispensar em grandes quantidades estes novos elementos do pessoal revelar-se-ia uma clara admissão de fraqueza. Recorrer à tortura para descobrir qual deles poderia ser o vira-casaca serviria apenas para deixar o espião em alerta. Ele, ou ela, poderia assim esgueirar-se por entre os seus dedos. Não, o melhor era agir com cautela.

A procissão prosseguiu pelo corredor em forma de túnel. No exterior, o Sol do final da tarde mergulhara por detrás do arvoredado. Sombras extensas tombaram sobre a coluna quando a guarda de honra e convidados marcharam em passo acertado até ao local onde iria decorrer a parte seguinte da cerimónia. Foram dispostos bancos de círculo num anfiteatro natural

formado por uma prega nas colinas. Os convidados procuraram em silêncio os seus lugares e olharam para baixo para a vastidão do terreno aberto ao centro. Quatro grandes buracos foram lá escavados, com um par deles a flanquear a estrada principal. Uma companhia de soldados e trabalhadores aguardaram numa fila muito bem ordenada ao lado de uma enorme estrutura de madeira recentemente erigida, pejada de roldanas e cordas.

Incomo ocupou o seu lugar num dos bancos centrais e esforçou-se por se concentrar nos procedimentos. Ao contrário da tomada de posse de Desio, isto agora não era uma mera formalidade. Construir um pórtico de orações era invocar a presença de um deus e solicitar favores; erigir um monumento a Turakamu, o Deus Vermelho, era arriscar a destruição se o ato fosse reprovado.

Os Sacerdotes de Turakamu e os seus acólitos iniciaram uma dança em redor de quatro vigas pintadas que aguardavam pela sua colocação nos buracos. Rodopiaram com uma energia louca, acompanhada por gritos arrepiantes e sopros no sagrado apito de osso. Os flancos desnudados do sacerdote principal palpitararam com o esforço e o suor traçou manchas nítidas na sua tinta cerimonial vermelha e negra. O balançar dos seus genitais flácidos divertiu Incomo. O Conselheiro Principal repreendeu-se a si próprio pela sua impiedade. Em vez de se rir e conquistar o desprezo do Deus Vermelho, desviou ligeiramente o olhar, por uma questão de respeito pela atuação sagrada.

Dois grupos de trabalhadores aguardavam ali perto em silêncio. Entre eles, deslocados e estranhamente pouco à vontade, estavam os criados e as respetivas famílias. Uma menina com uns sete anos chorou e agarrou-se com força à mão da mãe. Incomo pensou se o espetáculo do sacerdote a assustara. Logo a seguir, o sacerdote principal terminou um dos seus rodopios agachando-se imóvel diante do pai da rapariguinha. Os acólitos guincharam em unísono. Saltaram para a frente, agarraram o homem pelos ombros num aperto ritual e conduziram-no para o buraco mais próximo. O apito de osso lançou o seu som agudo no calor vespertino. O homem escolhido cerrou os olhos e em silêncio saltou para o buraco, fundo e amplo.

O ato foi então repetido com outro homem, cuja mulher escondeu o rosto de um modo bastante indecoroso. Quando o segundo buraco foi ocupado, o sacerdote soltou um grito de angústia. E depois entoou:

— Ó Turakamu, que lançais o derradeiro julgamento a todos os homens, acolhei ao vosso serviço estas duas honradas almas. Eles permanecerão eternamente vigilantes a isto, o vosso monumento. Tomai conta das suas famílias com compaixão e quando os filhos deles por fim percorrerem o vosso salão, julgai-os amavelmente e devolvei-os à vida com a vossa bênção.

Incomo escutou o ritual de abertura com um desconforto crescente. Os sacrifícios humanos eram raros no Império e, embora já não fossem comuns, continuavam a ser praticados no Templo do Deus Vermelho. Obviamente, aqueles dois trabalhadores voluntariaram-se para se sacrificarem pelo pórtico, em troca da esperança de que os seus filhos pudessem regressar na próxima vida nascidos numa posição superior: guerreiros, ou, quem sabe, até senhores. Incomo considerou isso, na melhor das hipóteses, um mau negócio. Se um homem fosse suficientemente ímpio, os deuses não deveriam favorecê-lo, como decretava o aforismo do templo?

No entanto, só um louco poderia contestar uma oferta ao Deus Vermelho. Incomo observou em total quietude quando os voluntários foram enfiados nos respetivos buracos, com os joelhos sob o queixo e as mãos cruzadas representando uma oração eterna. Os sacerdotes guincharam uma peã ao seu amo divino e depois fizeram sinal aos grupos de trabalhadores para que içassem as enormes traves que iriam suportar o arco do pórtico. Cordas estalaram sob a tensão quando os trabalhadores levantaram a primeira até ficar bem direita; gritaram e puxaram ritmadamente a viga e uma gadanha de sombra cruzou a cova quando a ponta foi colocada em posição. A multidão de apoiantes dos Minwanabi estava petrificada, à espera do momento do sacrifício. Um capataz inspeccionou de relance e considerou que a posição estava correta; fez sinal ao sacerdote principal, que levou o apito de osso aos lábios e soprou a nota trémula destinada a convocar o deus.

Quando o chamamento esmoreceu, o silêncio impôs-se, e dois sacerdotes inferiores ergueram um machado sagrado de obsidiana resplandecente e cortaram as cordas. O mastro entalhado foi solto, embateu com um baque lá em baixo no buraco e esmagou o primeiro criado como se fosse um inseto. Um borrião de sangue saltou vindo da terra e a criança soluçante largou o apito da mãe e lançou-se contra o pilar que acabara de chacinar o seu pai. — Trazei-o de volta! Trazei-o de volta! — gritou ela repetidas vezes enquanto os soldados minwanabi a arrastaram de lá.

Incomo tinha noção de que o Sacerdote Vermelho encarava aquilo como um começo pouco auspicioso. Numa tentativa de aplacar o seu deus, o sacerdote fez avançar o ritual do primeiro nível de sacrifício para o segundo. Com as unhas, fez estalar o chocalho de osso e os seus acólitos colocaram máscaras cerimoniais. A segunda vítima foi puxada do seu buraco, o que a deixou bastante confusa. Ele pensara que o seu fim seria idêntico ao do seu predecessor, mas aparentemente não iria ser assim.

O primeiro dos acólitos mascarados deu um passo em frente transportando uma taça e uma faca de obsidiana. Não proferiu palavra, mas bastou um gesto do sacerdote principal para o homem ser colocado de braços e

pernas abertos sobre a taça. O acólito ergueu a sua faca, cantando, e pediu os favores do deus. Assentou a lâmina primeiro num dos lados da têmpera do homem adornada com uma pena; e depois na outra, consagrando o sacrifício. O infeliz agricultor estremeceu ao sentir o toque da faca de pedra; retraiu-se quando a sua ponta afiada lhe traçou um símbolo na testa e debateu-se para aguentar sem gritar quando um golpe do sacerdote lhe abriu o pulso direito.

O sangue salpicou a terra como uma chuva obscena. Os acólitos foram borrifados quando se apressaram a apanhar as gotas com a taça; e tal como uma litania dos condenados, o apito do sacerdote ecoou de novo. Foi erigido o segundo pilar. A faca de obsidiana foi novamente cravada e cortou outra veia. O agricultor choramingou. Sentiu a sua vida a esvaír-se, mas o fim não poderia chegar suficientemente rápido para atenuar o seu medo. Tropeçou de encontro aos sacerdotes quando eles o içaram e o baixaram de cabeça para baixo para dentro do fosso. A viga balançou por cima dele. O apito uivou, apelando ao deus que concedesse o seu favor. O sacerdote principal fez sinal, apressando a cerimónia, pois, para a dádiva ser aceitável, o sacrificado em espera não poderia perder a consciência e morrer antes do tempo. No entanto, a pressa é inimiga da perfeição. Quando as cordas foram cortadas, um dos acólitos hesitou e o enorme pilar inclinou-se ligeiramente ao cair. O seu tronco embateu numa das bordas do buraco; terra e pedras caíram em cascata lá para dentro, levando a vítima a gritar de terror. E então todo o peso do tronco pressionou a parede lateral. A madeira esmagou as pernas e as ancas do agricultor, mas não o matou de imediato. Ele gritou devido à dor insuportável e a cerimónia ficou indelevelmente manchada.

Desio gritou em vão aos trabalhadores para que endireitassem o tronco. Lívido nos seus anéis e joias, lançou-se com a cabeça para baixo sobre a terra ensanguentada e implorou por mais tempo ao Deus Vermelho. O sacerdote principal avançou com o apito silenciado. Perante toda a companhia que aguardava, sacudiu as suas contas e ossos e solenemente anunciou o desagrado do seu amo divino. Sobre o uivo do sacrificado falhado, ele exigiu escutar o que o Senhor dos Minwanabi imploraria para reconquistar os favores do Deus Vermelho.

Atrás do senhor e do sacerdote, escravos esticaram as cordas e o pilar do pórtico foi lentamente puxado para cima. Os gritos do agricultor mudaram de tom, mas não pararam. Trabalhadores apressaram-se a avançar com cestas de terra e despejaram-nas sobre o fosso e, gradualmente, os gritos foram sendo abafados; ninguém se atreveu a pôr fim ao sofrimento do agricultor. A sua vida fora consagrada ao deus e interferir iria originar uma maldição.

A transpirar, com o rosto coberto de pó e de sangue, Desio levantou-se. — Todo-poderoso Turakamu — entoou —, ofereço-vos a vida dos meus inimigos, do sangue mais nobre ao mais baixo dos seus parentes. É o que vos prometo se aplacardes a vossa ira e permitirdes a vitória dos Minwanabi! — Virou-se então para o sacerdote. — Se o Todo-poderoso entender por bem aceder ao meu humilde apelo, prometo um outro grande pórtico de orações. Os seus pilares serão consagrados com as vidas da Senhora dos Acoma e do seu primogénito e herdeiro. O carreiro será pavimentado com a pedra esmigalhada do *natami* dos Acoma e polido pelos pés dos vossos devotos adoradores. Isto eu ofereço para a glória do Deus Vermelho se for demonstrada piedade pelas transgressões hoje ocorridas.

Desio calou-se. O sacerdote permaneceu junto dele por uns momentos, imóvel. E depois assentiu sacudindo abruptamente a cabeça. — Jurai a vossa promessa — disse numa voz poderosa, após o que estendeu o seu apito de osso a Desio para que este selasse a promessa ao deus.

Desio estendeu o braço, consciente de que assim que a sua mão agarresse o osso, ficaria irrevogavelmente comprometido. Hesitou e um silvo do sacerdote avisou-o de que estava prestes a provocar a ira do Deus Vermelho. Febrilmente, agarrou a relíquia. — Eu, Desio, Senhor dos Minwanabi, juro...

— Sobre o sangue da vossa Casa — ordenou o sacerdote.

Os presentes não conseguiram evitar um arquejo, pois o sacerdote deixou bem claro qual seria o preço a pagar ao Deus Vermelho em caso de fracasso. Nessa eventualidade, Desio garantiria a aniquilação de toda a sua Casa, a começar nele próprio e a acabar nos familiares mais distantes — uma ruína idêntica à que prometera aos Acoma. Mesmo que ambas as partes, no futuro, desejassem estabelecer tréguas, já não haveria nada a fazer. Num futuro próximo, uma das duas ancestrais e honoráveis Casas iria deixar de existir.

— Turakamu escuta a vossa oferta — berrou o sacerdote. Assim que Desio largou a relíquia, o sacerdote girou e apontou para o pórtico incompleto, que se erguia como se fossem pilares enegrecidos contra o céu do pôr do Sol. — Que o pórtico permaneça incompleto daqui para diante. Os seus pilares deverão ser trabalhados para se tornarem colunas com a promessa dos Minwanabi inscrita de ambos os lados. E este monumento não deverá ser alterado ou derrubado até que os Acoma não passem de cinzas que testemunhem a glória de Turakamu! — A seguir olhou para Desio. — Ou que os Minwanabi sejam reduzidos a pó!

Desio levantou-se a custo. Pareceu abalado, subjugado pelo triste início do grandioso juramento que prestara. Os lábios de Incomo ficaram franzidos devido à raiva. Se houvesse um espião dos Acoma na casa senhorial dos Minwanabi, e depois do sucedido naquele dia, teria mais com que se

preocupar do que com rumores. O Conselheiro Principal observou as expressões dos membros da família quando eles partiram; a maioria revelava tensão, uns quantos pareceram assustados e aqui e acolá via-se um nobre presunçoso com o queixo ostensivamente empinado. Muitos procurariam ascender na hierarquia da família se Desio se revelasse um líder fraco, mas nenhum pareceu particularmente satisfeito com o terrível curso tomado pelos acontecimentos do dia. Desistindo de tentar descortinar o espião a olho nu, Incomo procurou o seu amo.

Tasaio estava ao lado do seu senhor, a segurar o cotovelo de Desio. Embora o senhor fosse aquele que envergava a armadura, não havia como enganar na hora de reconhecer o guerreiro. O porte de Tasaio ostentava a impensável e mortífera graça do *sarcat*. Incomo apressou-se a aproximar-se. Chegaram-lhe palavras aos ouvidos, transportadas pelos ventos que se levantavam de uma tempestade iminente.

— Meu senhor, não deveis encarar as contrariedades de hoje como um sinal de mau agouro. Comprometestes a nossa família num juramento poderoso. Vejamos agora o que podemos fazer para o cumprir.

— Sim — concordou Desio inexpressivamente. — Mas por onde começar? A Mara tem guerreiros *cho-ja* a proteger a sua casa senhorial; um ataque aberto é uma loucura, se não se contar com o apoio do Senhor da Guerra. Além disso, mesmo que saíssemos vitoriosos, seríamos enfraquecidos e uma dúzia de outras Casas apressar-se-iam a tentar tirar proveito disso.

— Ah, mas, primo, tenho algumas ideias. — Tasaio ensaiou um passo de aproximação, olhou em volta e identificou Incomo: o seu sorriso rápido e luminoso pareceu forçado ao Conselheiro Principal, apesar da espontaneidade. — Honorável Conselheiro Principal, anseio por me reunir convosco. Se o nosso senhor puder cumprir a sua promessa ao Deus Vermelho, a nossa Casa poderá conquistar muitas glórias.

Incomo procurou ironia nas palavras dele — falhar uma promessa ao Deus Vermelho seria a ruína total dos Minwanabi — e constatou que Tasaio estava a ser sincero. A seguir, observou a expressão habitualmente rígida dele, à procura de sinais de ludíbrio, mas nada encontrou. — Tendes um plano?

Tasaio sorriu abertamente. — Muitos planos, mas primeiro penso que será melhor livrarmo-nos de um espião dos Acoma.

Enquanto o rosto sujo de Desio mostrava espanto e desnorte, Incomo esforçou-se por dissimular as suas suspeitas. — Como é que podeis saber disso, honrado primo?

— Mas não há espiões dos Acoma no nosso seio! — interrompeu Desio, sentindo de repente a sua honra injuriada.

Tasaio pousou uma mão tranquilizadora no braço do jovem senhor, dirigindo as suas palavras principalmente a Incomo. — Tem de haver. Caso contrário, como é que aquela jovem cabra soube que o nosso anterior senhor pretendia matá-la?

Incomo inclinou a cabeça como se estivesse a reconhecer uma vitória. O facto de Tasaio ter igualmente conjecturado a causa da sobrevivência de Mara nos festejos do aniversário do Senhor da Guerra demonstrava a profundidade do seu pensamento. — Honrado primo, para bem de todos nós, penso que devemos escutar os vossos planos. — Franzindo levemente o sobrolho, estendeu a mão e ajudou o enorme guerreiro a conduzir o seu senhor de regresso ao abrigo da casa senhorial.

Os antigos pisos de madeira rangeram quando os criados circularam apressadamente sobre eles, arranjando os biombos e os panos para travarem as aragens cada vez mais fortes vindas de sul. Uma tempestade em aproximação empurrou nuvens para cima da superfície prateada do lago, oferecendo um prenúncio precoce, mas inequívoco, da estação húmida. O cheiro a chuva misturou-se com os aromas dos óleos da mobília e do pó entranhado no pequeno estúdio, um quarto privado utilizado por Jingu e os seus antecessores quando traçavam as suas conspirações mais profundas. As redes pintadas das janelas eram pequenas, para desencorajar observadores do lado de fora, embora o ar nunca se tornasse sufocante.

A humidade atormentava os ossos de Incomo. Reprimindo uma vontade intensa de franzir o sobrolho, acomodou-se confortavelmente nos coxins em frente ao lugar do senhor, um elaborado ninho de almofadas no alto de um dossel com cinco centímetros de altura. Algum antepassado dos Minwanabi já distante decidira que um senhor deveria estar sempre acima dos seus servidores e a maioria das divisões nas alas mais antigas da casa senhorial serviam de prova à sua crença.

Incomo rendera-se à inconveniência dos pisos com vários níveis e das lajes em determinadas passagens que estavam meio passo mais acima das adjacentes, mas um novo criado chamava sempre a atenção pelo número de vezes que tropeçava. Amargamente, com os seus pensamentos ocupados com espiões, Incomo pensou nos agentes e criados que se revelaram mais desajeitados a servir o seu falecido senhor; nenhum lhe veio à mente de imediato, o que intensificou o desconforto do Conselheiro Principal. Frustrado, aguardou pelo seu amo.

Os criados partiram quando Desio desatou e despiu a sua armadura cerimonial e envergou uma túnica de seda cor de laranja bordada com símbolos pretos de prosperidade. Não se demorou muito tempo no banho, ao contrário do que sucedia com o seu pai; com um ténue odor a suor de ner-

vosismo, entrou acompanhado pelo primo e subiu a sua corpulência para os preciosos coxins de bordas douradas que o seu antecessor desgastara antes dele. Desio estava nervoso. Incomo achou que parecia estar a cozinhar uma constipação, pálido no rosto como papel de junco, exceto no nariz, que se apresentava rosado. Ao lado dele, o primo tinha um ar bronzeado, elegante e perigoso.

Enquanto Desio se contorcia para encontrar uma posição confortável, Tasaio instalou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos. Ao lado da agitação de Desio, Tasaio ostentava a imobilidade tensa de um predador enquanto avalia o ambiente.

Tasaio nada perdera em servir nas guerras bárbaras nos últimos quatro anos, concluiu Incomo. Embora a guerra não tivesse corrido tão bem quanto fora prometido pelo Senhor da Guerra, a temporada longe do Jogo do Conselho servira apenas para aguçar o engenho do jovem. Ele ascendera à posição de Primeiro Subcomandante do Senhor da Guerra, Almecho, e conquistara grandes proveitos para os Minwanabi — até a morte de Jingu os humilhar.

— Meu estimado primo e meu Conselheiro Principal — começou por dizer Desio, debatendo-se para disfarçar a sua inexperiência e, pelo menos, desempenhar o seu papel de Lorde Regente —, estamos aqui reunidos para avaliar a possibilidade de haver um espião dos Acoma entre nós.

— Não se trata de uma possibilidade, mas de uma certeza — atirou de pronto Incomo. O que a casa senhorial precisava era de ação, levada a cabo rapidamente e com determinação. — E não devemos partir do princípio de que seja apenas um.

Desio abriu a boca de espanto, tanto face à impertinência do seu Conselheiro Principal como também para refutar a ideia de que os Acoma se teriam infiltrado por mais de uma vez nas fileiras dos Minwanabi.

Os lábios de Tasaio cerraram-se firmemente num desprezo a custo contido; mas o seu tom de voz não demonstrou descrédito quando interveio suave e gentilmente. — O vosso pai foi um grande executante do Jogo, Desio. Se não foi com recurso a perfídia dissimulada, como é que uma criança haveria de o bater?

— Como é que uma criança, como lhe chamais, conseguiu montar uma rede de espiões tão magistral? — atirou Desio. — Que seja amaldiçoada por Turakamu, e que ele a leve para o seu leito de sofrimento por dez mil anos. Ela esteve no Convento de Lashima até ao dia em que aceitou o seu legado! E o pai dela não tinha queda para implantar uma rede de agentes. Era demasiado correto no seu modo de pensar para dar grande uso a espiões.

— Então, primo, isso são coisas que teremos de descobrir. — Tasaio fez um gesto, simbolizando a estocada de uma espada. — Falais como se a ra-

pariga tivesse uma vida bafejada pela fortuna. Mas não tem. Tratei de fazer com que os bárbaros do mundo exterior matassem o pai e o irmão dela por nós... e muito habilmente, pode dizer-se. O Sezu e o Lanokota esvaíram-se em sangue e morreram como muitos outros homens, agarrados às gargantas e a contorcer-se na lama. — As palavras de Tasaio foram inflamadas pelo entusiasmo. — Se os Acoma reclamam a sorte do Deus Louco, o certo é que ela de nada valeu ao pai e ao irmão de Mara!

Desio quase esboçou um sorriso, antes de recordar que o seu pai tivera um fim idêntico, numa agonia infligida pela sua própria espada. Petulantemente, empurrou as almofadas acumuladas sob o seu peso. — Se há espões, como é que os vamos desmascarar?

Incomo inspirou profundamente para responder, mas depois retraiu-se face a um olhar de Tasaio. — Se o meu senhor me der permissão, tenho uma sugestão.

Desio acenou em concordância. Suficientemente interessado a ponto de esquecer as suas diversas dores, Incomo dobrou-se para a frente para escutar o conselho do jovem guerreiro.

Instintivamente, Tasaio aproveitou o vento que fazia abanar os biom-bos. Sincronizando-se com as rajadas para esconder a sua voz face à possibilidade de ser casualmente escutado, disse:

— Um espão pouca utilidade tem se as suas informações não forem utilizadas. Portanto, temos de virar isso a nosso favor.

»Recomendo que prepareis algumas ações prejudiciais aos interesses dos Acoma. Ordenai ao vosso Comandante das Forças Armadas que organize um ataque a uma caravana ou a uma propriedade remota. No dia seguinte deixais escapar perante o vosso agente responsável pelos cereais que pretendeis baixar os preços da *thyza* de Acoma nos mercados da Cidade das Planícies. — Tasaio fez uma pausa, deixando parecer que se sentava confortavelmente, partilhando confidências. No entanto, Incomo notou com satisfação que não estava completamente descontraído; o brilho no olhar dele revelava que estava constantemente atento a problemas. — Se a Mara defender as suas caravanas, saberemos que há um espão nas casernas. Se ela retirar a colheita de *thyza* do mercado, depreenderemos que temos um acoma disfarçado de escrivão. Daí para a frente, é uma questão de descobrir o informador.

— Muito inteligente, Tasaio — comentou Incomo. — Pensara numa tática semelhante, mas há uma grande lacuna. Não nos podemos permitir vender *thyza* com prejuízo; e não iremos revelar as nossas maquinações aos Acoma quando se verificar que não há ataques à caravana?

— Assim seria se não atacássemos. — As pálpebras de Tasaio semiceraram-se. — Mas vamos atacar, e seremos derrotados.

Furioso, Desio socou as almofadas. — Derrotados? Para perdermos mais importância no Conselho?

Tasaio levantou a mão, com as pontas do polegar e do indicador apenas ligeiramente afastadas. — Apenas uma pequena derrota, primo. O suficiente para provar que estamos em perigo. Tenho planos para esse espião, quando o encontrarmos... com a vossa permissão, naturalmente, meu senhor.

A situação foi lidada com toda a delicadeza, observou Incomo com admiração contida. Sem entrar diretamente em confronto com Desio, Tasaio deixou passar a ideia de que o jovem senhor receberia o devido crédito; sendo o outro lado da questão essa permissão, naturalmente, ser concedida.

Desio mordeu o isco, mas não atingiu as maiores implicações. — Quando apanharmos esse traidor, quero vê-lo torturado em nome do Deus Vermelho até a carne dele não passar de uma massa disforme. — O seu punho papudo embateu nos coxins para enfatizar o que dissera e o seu nariz passou do rosa para o púrpura.

Mais parecendo que lidava diariamente com acessos de ira da nobreza, Tasaio não se mostrou alarmado. — Isso seria gratificante, primo — concordou —, mas matar esse espião seria conceder uma vitória aos Acoma, por absurdo que pareça.

— O quê?! — Desio parou de socar as almofadas e levantou-se prontamente. — Primo, provocais-me dores de cabeça. O que conquistariam os Minwanabi, além de insultos, mantendo um desprezível espião vivo?

Tasaio acomodou-se apoiado num cotovelo e descontraidamente retirou uma peça de fruta de uma taça numa mesa lateral. Como se a pele amadurecida fosse carne, cravou uma unha e percorreu a curvatura num gesto que quase pareceu uma carícia. — Precisamos dos contactos desse espião, honrado senhor. Serve a nossa causa assegurar que os nossos inimigos Acoma saibam apenas aquilo que desejamos que saibam. — As mãos do guerreiro agarraram a peça de fruta e retorceram-na. O *jomach* partiu-se ao meio, com apenas um salpico de sumo vermelho. — Deixemos que o espião instale a nossa próxima armadilha.

Incomo pensou no assunto e depois sorriu. Desio desviou o olhar do seu primo para o Conselheiro Principal e conseguiu apanhar o pedaço de fruta que Tasaio lançou. Trincou um pedaço e depois desatou a rir-se, pela primeira vez recuperando a determinação arrogante da grandeza da sua família. — Ótimo — disse, mastigando com gosto. — O vosso plano agrada-me, primo. Vamos enviar uma companhia de homens num ataque inútil e deixar que a cabra dos Acoma pense que nos derrotou.

Tasaio tamborilou com o indicador no pedaço de fruta que sobrou. — Mas onde? Onde devemos atacar?

Incomo pensou no assunto e depois lançou uma sugestão. — Meu senhor, proponho que o ataque se dê próximo da casa dela.

— Porquê? — Desio limpou o suco do queixo com o seu punho bordado. — Ela terá, como habitualmente, a sua herdade muito bem protegida.

— Não digo a própria herdade, senhor, pois a senhora não necessita do relatório de um espião para se manter vigilante face a um ataque do vosso exército. Mas não vai esperar um ataque a uma caravana que rumo ao porto fluvial de Sulan-Qu. Se atacarmos entre as terras dos Acoma e a cidade, e ela estiver preparada para o nosso ataque, podemos identificar a fuga de informação e descobrir o agente na vossa casa senhorial.

Tasaio inclinou a cabeça num gesto inconsciente de comando. — Conselheiro Principal, o vosso conselho é excelente. Meu senhor, se o permitirdes, supervisionarei os preparativos desse ataque. Um carregamento mercantil rotineiro não implicará grande proteção, a não ser que a cabra dos Acoma saiba que está a lidar com inimigos mortais. — Ele sorriu, e dentes brancos brilharam em contraste com a pele bronzeada pelas campanhas do Senhor da Guerra. — Não será difícil descobrir quando é formada essa caravana, basta contactar agentes de navegação em Sulan-Qu. Um quantas perguntas discretas, e quicá um ou dois subornos para esconder o nosso interesse, e saberemos na hora quando é esperada a próxima caravana da Mara.

Desio acolheu a oferta de Tasaio com um majestoso ar de dinamismo. — Primo, o vosso conselho é brilhante. — Bateu palmas para chamar o mensageiro que estava do lado de fora da porta. — Ide buscar o meu escriba — ordenou.

Quando o escravo saiu, a postura de Tasaio tornou-se própria de um homem extremamente cansado. — Primo — testou —, não deveis escrever as ordens que acabamos de discutir!

— Ah! — Desio soltou um segundo relincho e depois uma profunda e cavernosa gargalhada. Inclinou-se no alto do seu dossel e deu uma forte e ruidosa palmada no ombro do primo. — Ah! — resfolegou de novo. — Não deveríeis gozar com a minha inteligência, Tasaio. É claro que sei perfeitamente que não se deve incluir criados e escravos na nossa conspiração! Não, pensei apenas em escrever uma nota ao Senhor da Guerra, pedindo-lhe compreensão pela vossa ausência na campanha dele no mundo bárbaro. Ele irá aquiescer, dado que os Minwanabi ainda são o mais valoroso aliado dele. E, primo, acabastes de me mostrar o quanto mais preciso sois aqui.

Incomo observou atentamente a reação de Tasaio ao louvor do seu senhor. Não falhou o reflexo treinado em batalha que viu a pancada amigável a chegar, nem sequer deixou escapar a decisão calculada e instantânea que

permitiu que o golpe se desse. Tasaio era dotado em política tanto como em matar.

Com uma curiosidade fria, o Conselheiro Principal dos Minwanabi pensou durante quanto tempo o seu amo se mostraria recetivo ao aconselhamento de alguém obviamente tão dotado com as qualidades que falhavam a Desio, mas que não poderia ser desperdiçado no processo de levar os Minwanabi a recuperarem a sua antiga grandeza. Desio sabia que a inteligência do seu primo o faria passar por imbecil; a dada altura acabaria por sentir ciúmes e desejaria algo mais do que o título fantoche de Senhor. Incomo reparou que a sua dor de cabeça regressara em força. Só lhe restava esperar que Desio aguardasse para se virar contra o primo depois de a cabra dos Acoma e o seu herdeiro serem transformados em papas sob o pilar do enorme pórtico de orações do Deus Vermelho. Mas o melhor seria não subestimar o tempo que esse feito poderia demorar. Tal vaidade, a uma escala inferior, custara a Jingu dos Minwanabi a própria vida; e por via desse azar, Mara recebera reconhecimento suficiente para conquistar aliados poderosos.

A mente de Tasaio ter-se-á ocupado com preocupações similares, já que, depois de escrita a mensagem para o Senhor da Guerra e enquanto Desio se entretinha a ordenar à criada que lhe trouxesse refrescos, o primo guerreiro dirigiu-se a Incomo com uma questão aparentemente casual. — Alguém sabe se a Mara teve oportunidade de lançar propostas aos Xacatecas? Quando recebi ordens, no mundo bárbaro, para regressar, um amigo meu que integra a sua hoste de oficiais mencionou que o Senhor dos Xacatecas ponderou essa aproximação.

Tasaio deu assim provas da sua astúcia. Não poderia haver amizade entre oficiais inimigos; dessa forma, Incomo percebeu que a informação fora obtida com recurso à intriga. Com um resmungo que pareceu um riso, Incomo partilhou as últimas informações que recolhera.

— O Senhor dos Xacatecas é um homem merecedor de... se não medo, pelo menos profundo respeito. A posição dele no Conselho Supremo não é, contudo, presentemente proveitosa. — Tasaio permitiu um vislumbre dos seus dentes perfeitos. — O nosso nobre Senhor da Guerra estava de certa maneira incomodado com a relutância dos Xacatecas em expandirem os interesses dele na conquista do mundo bárbaro — acrescentou. — Daí resultaram alguns jogos políticos secundários e, quando a poeira assentou, o Senhor dos Xacatecas ficou com responsabilidades militares sobre a nossa pequena província do outro lado do mar. O Chipino dos Xacatecas definha presentemente em Dustari, ao comando da guarnição que defende a única passagem digna de atenção, através das montanhas, até Tsubar. Os salteadores do deserto estão ativos, segundo as últimas notícias, pelo que calculo

que ele tenha as mãos ocupadas, esperemos que demasiado ocupadas, para estar a preocupar-se com os avanços sobre os Acoma.

Depois de ter dado todas as ordens aos criados e sem nada para fazer a não ser pensar no seu elaborado banquete do meio da tarde, Desio envolveu-se na conversa. Acenou uma mão rechonchuda para chamar de novo as atenções sobre si. — Fui eu que aconselhei o meu pai a traçar esse plano, Tasaio.

O Conselheiro Principal teve de se conter para não revelar que tudo o que Desio fizera fora sentar-se na sala enquanto Incomo e Jingu discutiram formas de manter os Xacatecas ocupados.

— Então — disse Tasaio —, com os Xacatecas ocupados a guardar as nossas fronteiras do outro lado do mar, podemos concentrar as nossas atenções na Senhora Mara.

Desio assentiu com a cabeça e recostou-se no seu imponente monte de coxins. Com os olhos semicerrados, e nitidamente a apreciar a sua autoridade recém-descoberta, declarou:

— O vosso plano parece-me inteligente, primo. Ide tratar disso.

Tasaio dirigiu uma vénia ao seu senhor, para não parecer um subordinado mal-agradecido; cheio de orgulho e com discrição, abandonou o estúdio privado. Incomo disfarçou o seu pesar pela partida do jovem guerreiro. Resignado com os desígnios dos deuses, obrigou-se a dedicar-se às realidades bem menos gloriosas da vida tsurani; por muito que houvesse conspirações de sangue e de morte a serem lançadas no Jogo do Conselho, outros assuntos mundanos teriam de ser tratados. — Meu senhor, se for do vosso agrado, há algumas transações de cereais que o vosso *hadonra* precisa de discutir convosco.

Mais interessado em pensar na sua refeição, Desio pareceu muito pouco interessado em lidar com a faceta mais prosaica dos negócios familiares. Mas, parecendo que a competência implacável do primo o teria despertado para a responsabilidade, percebeu que deveria dar atenção a tais assuntos. Assentiu com a cabeça e esperou, sem se lamentar, enquanto Incomo foi chamar Murgali, o *hadonra*.

LIGAÇÃO

As brisas provocaram o roçar das folhas. O aroma das flores *akasi* e dos relvados aparados preencheu os aposentos pessoais de Mara. Uma das candeias estava acesa para a noite que se avizinhava, mas só tinha uma pequena chama. A luz vacilante desenhava uma imagem sempre em movimento, pois, a cada momento, emergiam pormenores da sombra: o reluzir de uma pedra preciosa, reflexos em peças de jade polido, bordados de luxo ou obras esmaltadas. Assim que o olhar contemplava a esplêndida beleza de alguma, regressava a escuridão. Embora rodeada por tanta beleza, a Senhora dos Acoma estava alheada da riqueza da decoração; a sua mente vagueava por outras paragens.

Mara recostou-se no meio do seu ninho de coxins, enquanto uma criada se dedicava a entrançar o seu cabelo solto com um pente de concha perfumado. A Senhora dos Acoma envergava uma túnica verde de seda, com aves *shatra* cor de trigo bordadas em volta da gola e dos ombros. A iluminação ténue transformou a sua pele cor de azeitona num dourado suave, um efeito que uma mulher mais consciente de si própria teria reparado. Porém, Mara terminara a sua adolescência como noviça de Lashima e, enquanto Governatriz, não tivera tempo para vaidades femininas. Qualquer beleza que um homem pudesse ver olhando para ela era apenas mais uma arma do seu arsenal.

Com uma frontalidade que qualquer nobre tsurani teria achado desconcertante, questionou o bárbaro sentado à sua frente sobre as tradições e as culturas do mundo dele. Kevin não parecia minimamente afetado pela ausência de protocolo social, mergulhando diretamente no cerne das questões. Dessa forma, Mara achou que o povo dele era brusco, a roçar a rudeza. Observou enquanto ele se esforçava por descrever conceitos estranhos à língua dela; hesitando e tateando para se expressar, falou da sua terra e do seu povo. Ele era bom a explicar sucintamente as coisas e o vocabulário melhorava a cada dia. Naquele momento, tentava diverti-la contando-lhe uma piada que «andava a circular» em Zun, o que quer que isso quisesse dizer.

Kevin não envergava túnica. Os criados tinham tentado, em vão, deixá-lo apresentável, mas não havia nada disponível que fosse suficientemente grande. No final, optaram por uma tanga e substituíram a elegância pela concisão do vestuário. Kevin usava seda castanha-avermelhada, com bordas de um azul muito escuro, atada à cintura por uma faixa entrançada e

contas de obsidiana. Mara não deu conta do esforço. Ela sopesara, na noite anterior, o que Nacoya lhe dissera e chegara a uma conclusão perturbadora: de certa forma, aquele escravo fazia-lhe lembrar o seu falecido irmão, Lanokota. A irritação sentida ao aperceber-se disso deu lugar à indignação. Apesar de o comportamento indigno do escravo no dia anterior a ter divertido, agora pretendia dele apenas informações.

Fatigada após um dia de reuniões, Mara permaneceu suficientemente alerta para avaliar o homem que chamara à sua presença. Devidamente arranjado, parecia bastante mais novo, talvez somente uns cinco anos mais velho do que ela. No entanto, enquanto lutas prematuras com grandes inimigos haviam transformado Mara numa pessoa séria, aquele bárbaro tinha uma frente marcada pela responsabilidade. Estava profundamente ferido, mas mais autocontrolado do que fatigado. Ria-se com facilidade, com um malicioso sentido do ridículo que alternadamente fascinava e aborrecia Mara.

Ela optava por temas inócuos, uma dissertação sobre tradições festivas e música, confecção de joias e culinária, e depois metalurgia e curtimento de peles, tarefas raras em Kelewan. Por mais de uma vez sentiu os olhos do bárbaro a incidir em si, quando ele achava que não estava a prestar atenção. Ele esperou que ela revelasse o que residia por detrás do seu interesse; o facto de querer saber já de si era curioso. Um escravo nada ganharia em competir com um amo — não era possível qualquer tipo de argumentação entre os dois postos. Todavia, aquele bárbaro tentava obviamente adivinhar as intenções de Mara.

Mara reordenou os seus pensamentos; aquele escravo do mundo exterior mostrara repetidas vezes que a sua perspectiva das instituições tsurani era estranha ao ponto de se tornar incompreensível. No entanto, essa mesma perspectiva iria permitir a Mara observar a sua própria cultura pelos olhos dele — um instrumento precioso se conseguisse perceber como o manusear.

Necessitava de avaliar aquele homem... escravo, corrigiu-se, como se ele fosse o seu mais perigoso adversário no Jogo do Conselho. Envolveu-se naqueles diálogos sobre o povo dele para poder separar o trigo do joio e descobrir informações úteis. Na realidade, mal percebia quando Kevin estava a ser sincero ou quando mentia. Durante cinco minutos, ele insistira categoricamente que, em tempos, um dragão tinha atormentado a aldeia, vila, ou o que quer que se pudesse chamar a Zun. Exasperada, Mara deixara de o contrariar, embora qualquer criança soubesse que os dragões eram criaturas míticas, sem base real.

Ao vê-lo cansado, fez sinal para que fosse servido um sumo de fruta, que ele bebeu avidamente. Quando suspirou, indicando que estava satis-

feito, ela mudou o assunto para jogos de tabuleiro e, contra o que era o seu hábito, escutou sem fazer comentários.

— Alguma vez vistes um cavalo? — perguntou inesperadamente o escravo durante uma pausa quando os criados entraram para acender as candeias. — De todas as coisas da minha terra, os cavalos estão entre aquelas de que mais sinto a falta.

Atrás do biombo, a escuridão impusera-se por completo, e a face acobreada da Lua de Kelewan ergueu-se sobre os prados das *needra*. Kevin inspirou profundamente. Os dedos dele torceram as franjas dos coxins e os seus olhos refletiram uma certa melancolia. — Ah, senhora, tive uma égua que criei desde potra. A pele dela era da cor do fogo e a crina era preta como a vossa. — Embrenhado naquelas memórias, o bárbaro inclinou-se para a frente. — Era veloz, tanto em *sprints* como em corridas longas, enérgica e danada no terreno. — Subitamente, olhou para cima e parou de falar.

Se antes Mara estivera a escutar com uma atenção descontraída, agora sentava-se muito direita nos seus coxins. Para os guerreiros tsurani, os cavalos não eram animais para serem adorados pela beleza, mas sim criaturas que inspiravam terror. Debaixo do Sol do outro mundo que aquele escravo conhecia como seu, o pai e o irmão de Mara tinham morrido com o seu sangue drenado em solo estranho, esmagados por cavalos montados pelos compatriotas de Kevin. Talvez este mesmo Kevin de Zun tenha sido o guerreiro que brandiu a lança que derrubou os seus entes queridos. De algum lugar recôndito, apanhada desprevenida devido ao cansaço do dia, Mara sentiu uma dor que já não experimentava há anos. E com essa recordação dolorosa vieram também antigos receios.

— Não ides falar mais de cavalos — disse ela num tom tão alterado que a própria aia parou por momentos a sua tarefa, para depois, cautelosamente, recomeçar a pentear-lhe o cabelo comprido e lustroso.

Kevin parou de remexer nas franjas, à espera de detetar algum sinal de cansaço, mas a senhora nada deixou transparecer quanto ao seu estado de espírito. O rosto dela permaneceu inexpressivo sob a luz das candeias, com os olhos frios e sombrios.

Ele quase encarou aquilo como um capricho, mas uma intuição levou-o a observá-la mais intensamente. Com um olhar extremamente sério, disse:

— Algo que eu disse assustou-vos.

Mara, mais uma vez, pôs-se muito direita. Os seus olhos cintilaram. *Os Acoma nada temem*, pensou ela, e quase o reproduziu em voz alta. *Os ilustres não necessitam de se defender perante um escravo!* Envergonhada por quase se ter esquecido de si própria, sacudiu a cabeça para indicar à aia que estava dispensada.

Aos olhos de um tsurani, o gesto era um aviso tão intenso quanto um berro. A criada ajoelhou-se e tocou com a cabeça no chão, após o que abandonou o quarto com uma pressa quase indecorosa. O bárbaro permaneceu alheado. Insistiu na pergunta, suavemente, como se ela fosse uma criança que não tinha compreendido.

Sozinha sob a luz das candeias, e arrogante na sua irritação, os olhos sombrios da senhora incidiram sobre Kevin com uma fúria que procurou fulminá-lo.

Ele confundiu a má disposição dela com desdém. A própria raiva pura e dura dele inflamou-se e, de súbito, levantou-se. — Senhora, apreciei muito a nossa conversa. Permitiu-me praticar a vossa língua e poupou-me a trabalho árduo sob o sol intenso, mas desde que ontem estive perante vós, pareceis ter esquecido que as nossas nações estão em guerra. Posso ter sido feito prisioneiro, mas não é por isso que deixo de ser vosso inimigo. Não falarei mais sobre o nosso mundo, pois involuntariamente dou-vos vantagens. Tenho a vossa permissão para me retirar?

Apesar de o bárbaro estar sobranceiro a ela, Mara não alterou a sua postura. — Não podeis partir. — Como é que ele se atrevia a comportar-se como um convidado e pedir à sua anfitriã para sair? — Não sois um «prisioneiro». Sois minha propriedade.

Kevin perscrutou atentamente o rosto de Mara. — Não. — Um sorriso iluminou as suas feições. — Vosso prisioneiro. Nada mais. Nunca digais mais do que isso.

— Sentai-vos! — ordenou Mara.

— E se não o fizer? E se fizer antes isto? — Movimentou-se com uma ligeireza própria de um guerreiro experiente. Mara viu-o a aproximar-se dela como se fosse uma mancha sob a luz da candeia. Poderia ter gritado a chamar os seus guerreiros para a defenderem, mas o espanto com o facto de um escravo poder erguer a mão na sua direção levou-a a hesitar. A oportunidade perdera-se. Mãos ásperas com calos de brandir espadas aproximaram-se do seu pescoço, pressionando ornamentos de jade contra a pele delicada. As palmas de Kevin eram largas e estavam geladas devido ao suor. Mara percebeu demasiado tarde que os gracejos dele haviam sido uma fachada para disfarçar o desespero.

Mara cerrou os dentes face à dor, contorceu-se e tentou pontapeá-lo na virilha. Os olhos dele cintilaram. Sacudiu-a como uma boneca de trapos e voltou a fazê-lo quando as unhas dela lhe arranharam o pulso. A respiração áspera ascendeu desde o fundo da garganta. Segurou-a com um aperto suficiente para evitar que gritasse, mas não o suficiente para cruelmente a impedir de respirar. Aproximou os olhos dos dela, azuis e duros e a cintilarem de malícia.

— Vejo que finalmente estais assustada — comentou. Ela não conseguiu falar e deveria estar prestes a perder os sentidos; tinha os olhos arregalados e sombrios e a encherem-se de lágrimas devido à dor. E, contudo, não tremeu. O cabelo dela assentou quente sobre as mãos dele, perfumado com especiarias; os seios que pressionavam o antebraço dele através da túnica de seda levaram a que fosse difícil dominar a fúria. — Chamaste-me escravo desonrado e bárbaro — prosseguiu Kevin num murmúrio rouco. — E, contudo, não sou nem uma coisa nem outra. Se fôsseis um homem, já estaríeis morta e eu morreria consciente de que teria derrubado um poderoso senhor das fileiras do inimigo. Mas de onde eu vim, é uma vergonha um homem fazer mal a uma mulher. Por isso, vou soltar-vos. Podeis chamar os vossos guardas e eles poderão espancar-me ou matar-me. Mas temos um ditado em Zun: «Podeis matar-me, mas não podeis comer-me.» Lembrai-vos disso, quando me virdes morrer pendurado numa árvore. Não interessa o que fareis com o meu corpo, pois a minha alma e o meu coração são livres. Lembrai-vos que vos permiti que me matásseis. Permitted que vivésseis porque a minha honra assim o exige. Deste dia em diante, cada um dos vossos fôlegos é uma dádiva de um escravo. — Sacudiu-a pela última vez e libertou-a. — A minha dádiva.

Profundamente humilhada por um escravo se ter atrevido a pousar as mãos nela e ameaçá-la com a mais vergonhosa das mortes, Mara tomou fôlego para chamar os seus guerreiros. Bastaria um gesto para sujeitar aquele escravo ruivo a uma dúzia de tormentos diferentes. Era um escravo, não tinha alma nem honra, e, no entanto, lenta e dignamente, voltou a sentar-se no chão defronte dos coxins dele; Kevin mantinha um olhar de gozo enquanto esperava que ela decidisse o seu destino. Uma repugnância não sentida desde que se deitara indefesa sob o bruto do marido agitou-lhe todas as fibras do seu ser e gritou-lhe para que aquele bárbaro fosse levado a sofrer pelo insulto que a obrigara a suportar.

Mas o que ele disse fê-la pensar. O comportamento dele desafiou-a. «Chamai os vossos guardas», parecia dizer a tensão dele. «Deixai que eles vejam as marcas dos dedos na vossa carne.» Mara cerrou os dentes para conter um grito de pura raiva. Os soldados perceberiam que aquele bárbaro tivera o destino dela nas suas mãos e que optara por a libertar. Quer ordenasse que ele fosse açoitado ou executado, a vitória seria dele; poderia ter apertado o pescoço dela tão facilmente como se fosse o de um passarinho apanhado numa armadilha e, em vez disso, optara por salvaguardar a honra, tal como a entendia. E morreria com essa honra incólume, como se tivesse sido derrubado no campo de batalha pela lâmina de um inimigo.

Mara tinha perante si um conceito tão estranho que até lhe provocou pele de galinha. Subjugar aquele homem fazendo-se valer da sua posição

superior serviria apenas para a inferiorizar, e ser envergonhada por um ato de um escravo era algo impensável. Caíra na sua própria armadilha e ele estava ciente disso. A pose insolente ao sentar-se à espera que Mara agisse revelava que adivinhara bem que caminho seguiria o pensamento dela, e depois depositou a própria vida nas mãos dela. Fora uma jogada fantástica para um bárbaro. Mara tomou nota do resultado. De novo apanhada por um arrepio, mas suficientemente tsurani para o ocultar, esforçou-se por manter a compostura. Com uma voz ainda mais rouca do que pretendia, disse:

— Ganhastes este assalto, escravo. Ao regateardes a única coisa que tendes a arriscar, a vosso própria vida e qualquer ténue esperança de ascenderdes na Roda na próxima vida, deixastes-me numa posição onde teria de vos destruir ou suportar esta vergonha. — A expressão dela alterou-se de uma raiva a custo contida para ponderação. — Há uma lição a reter em tudo isto. Não desperdiçarei tal saber apenas pelo prazer de vos ver morto, por muito que essa opção neste momento me pareça apetecível. — Ela chamou um escravo. — Levai este escravo de novo para os aposentos dele. Instruí os guardas que não lhe deve ser permitido sair com os trabalhadores. — Antes de prosseguir, fitou Kevin. — Trazei-o cá amanhã depois da refeição da noite.

Kevin troçou dela com uma vénia obsequiosa, que não representava a subserviência devida por um escravo. A sua postura muito ereta e a passada confiante ao percorrer o corredor obrigaram Mara a admirá-lo. Assim que se fechou a porta do seu estúdio, Mara regressou aos seus coxins, tentando lidar com o caos que se instalara dentro de si. Abalada por uma série de emoções inesperadas, manteve os olhos cerrados e ordenou a si própria que inspirasse profundamente, inalando pelo nariz e expirando pela boca. Evocou uma imagem do seu círculo de meditação pessoal, um ritual que começara a praticar durante o tempo que servira no templo. Concentrou-se no padrão mandala e afastou todas as recordações do poderoso bárbaro quando ele a tivera à sua mercê. O medo e a raiva escoaram-se, assim como outras sensações estranhamente excitantes. Quando por fim sentiu o seu corpo relaxado, abriu outra vez os olhos.

Renovada, como sempre, com este exercício, refletiu sobre os acontecimentos da noite. Algo poderia ser obtido daquele estranho homem quando tudo estivesse assimilado. E então, foi tomada por outro assomo de fúria. *Daquele escravo!* Mais uma vez, recorreu ao exercício para acalmar a mente, mas uma sensação estranha e inquietante imiscuiu-se nas suas entranhas. Nitidamente, o balanço da noite não trazia nada de tranquilizador. Porque é que lhe era tão difícil encontrar a sua paz interior? A não ser pelo orgulho ferido, ela saíra incólume. Bem cedo na sua vida, aprendera que o orgulho

era uma forma de encurralar inimigos. Talvez, pensou, até ela tivesse um orgulho que desconhecia.

E então, inesperadamente, soltou um risinho abafado. «Podeis matar-me, mas não podeis comer-me», dissera o bárbaro. Que expressão estranha, mas bastante reveladora. Dominada por um riso cada vez mais intenso, Mara pensou: *Irei comer-vos, Kevin de Zun. Irei pegar na vossa alma e coração livres e atá-los a mim mais do que aquilo que o vosso corpo alguma vez esteve amarrado.* E então o riso tornou-se um soluçar entrecortado e lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Ultraje e humilhação subjugaram-na até ela se agitar assolada por espasmos. Tal dor trouxe outras emoções, igualmente perturbadoras, e Mara cruzou os braços para se segurar com força, como se assim conseguisse manter imóvel o seu corpo. Reconquistou com muita dificuldade o controlo, recorrendo novamente aos exercícios mentais.

Quando finalmente recuperou a compostura, expirou demoradamente. Nunca havia necessitado de recorrer por três vezes àquele exercício. Com um esforçado — Maldito homem! —, chamou os criados para lhe prepararem o banho. Levantou-se e acrescentou: — E maldita seja a sua teimosia presunçosa! — Ao ouvir o burburinho da criadagem a correr para cumprir a sua ordem, corrigiu-se: — Maldita seja toda a teimosia presunçosa!

Mara observou o forasteiro, novamente sob a luz rubra do pôr do Sol. O calor tomou conta do estúdio, mesmo com os biombos abertos para o jardim, que deixavam entrar as débeis correntes de ar noturnas, mas Kevin estava ainda mais descontraído do que antes. Os dedos brincavam com as franjas do coxim, um hábito que nenhum tsurani permitiria. Obviamente, as implicações de lhe ser permitido viver tinham finalmente sido assimiladas pelo forasteiro. Ele observou Mara com tanta atenção quanta a que ela lhe votava.

Aquele escravo estranho e, de uma forma invulgar, atraente, forçara-a a reequacionar crenças enraizadas e pusera de parte certas «verdades». Em jeito de balanço da noite anterior, e durante a maior parte do dia, Mara organizara ideias, emoções e pensamentos. Por duas vezes irritara-se de tal forma com essa necessidade que se sentira tentada a enviar soldados para espancar o homem, ou até matar, mas reconheceu que o impulso tinha origem na sua frustração pessoal e optara por não culpar o mensageiro pela mensagem. E a lição era muito clara: as coisas não são o que aparentam.

Por alguma razão estranha, ela teve vontade de jogar com aquele homem uma versão íntima do Grande Jogo. O desafio fora lançado no momento em que ele a obrigara a submeter-se às suas regras. *Muito bem*, pensou ela, ao fitá-lo, *estabeleceste as regras, mas ainda assim sairás derrotado.* Não percebeu por que razão era tão importante vergar aquele escravo, mas

a pretensão de o fazer equivalia ao desejo dela de ver os Minwanabi caídos em desgraça. Kevin tinha de se subjugar perante ela de todas as formas, obedecendo-lhe de modo inquestionável como qualquer outro membro da casa senhorial.

Kevin estava defronte dela há já uns dez minutos, aguardando em silêncio que ela terminasse a leitura de relatórios. Dando início ao seu Jogo, ela perguntou:

— Desejais beber algo?

A pergunta poderia ter segundas intenções.

Ele pesou as palavras o suficiente para perceber que não estava a oferecer tréguas, após o que abanou a cabeça.

— No vosso mundo é possível a um escravo conquistar a liberdade? — questionou ela após mais um momento de silêncio.

Kevin exibiu um sorriso contrafeito e irónico. Os dedos dele deram um piparote e as franjas espalharam-se devido àquele acesso de frustração mal contida. — No Reino, não, pois apenas criminosos com castigos perpétuos são vendidos como escravos. Mas em Kesh e Queg, um escravo que caia nas graças do seu amo pode conquistar a liberdade como recompensa. Ou pode fugir e tentar a sua sorte para lá das fronteiras. Acontece.

Mara observou as mãos dele, que deram vários piparotes, com um dedo atrás do outro a açoitarem as franjas; era possível ler as emoções dele como se estivessem escritas num rolo de pergaminho. Distraída com a franqueza dele, a senhora debateu-se para não se desviar da sua linha de pensamento, para explorar um pouco mais a sua suposição improvável.

— E uma vez do outro lado da fronteira, esse fugitivo pode acumular riqueza e viver em honra entre outros homens?

— Sim. — Kevin bateu ruidosamente com as palmas nos joelhos e recostou-se, apoiando-se descontraidamente sobre um cotovelo, pronto a acrescentar algo mais, mas Mara interrompeu-o.

— Então, acreditais que se descobrisseis um caminho de regresso ao vosso mundo através da Brecha, poderíeis reconquistar a vossa posição, a vossa honra e o vosso título?

— Senhora — disse Kevin com um sorriso condescendente —, não só reclamaria a minha antiga posição, como seria condecorado, por conseguir escapar dos meus inimigos, e mais uma vez iria para o terreno para o enfrentar, de modo a dar esperança a futuros cativos que também poderiam almejar a liberdade. Na minha nação, fugir é o dever de um... soldado capturado.

Mara ergueu as sobrancelhas. Mais uma vez foi forçada a reequacionar os seus conceitos de honra e lealdade e o que entendia por melhores interesses de alguém. As palavras do bárbaro faziam sentido, de uma for-

ma estranhamente preocupante. Aquelas pessoas não eram intratáveis, ou estúpidas, regiam-se, isso sim, segundo princípios culturais estranhos; ela debateu-se teimosamente com aquele conceito. Se, na sociedade de Kevin, o despeito dele fosse encarado como heroico, o seu comportamento, de uma forma perversa, faria sentido. Liderar para dar o exemplo era um ideal familiar aos Tsurani. Mas suportar a humilhação... a degradação... para que essa pessoa um dia regressasse e mais uma vez lutasse contra o inimigo... A cabeça dela fervilhou com ideias que, até então, considerara profundamente conflituosas.

Fez uma pausa para sorver sumo fresco de fruta. Perigosamente fascinada, como uma criança a observar ritos proibidos numa câmara recolhida de um templo, Mara avaliou factos tão afiados quanto espadas: em Midkemia, os homens honrados não magoavam mulheres e a honra não percia com o aprisionamento. Escravos poderiam aspirar a ser algo mais além de escravos. Assim sendo, o que decretariam os deuses para os homens que perdiam a alma em vida? Que posição poderia negar a honra de outra forma que não fosse a escravatura? No contexto da cultura daquele homem, a honra era obtida através do encorajamento dos estranhos códigos deles e a posição era encarada mais como uma situação do que como um modo de vida. Kevin comportava-se como um homem livre por não se encarar como um escravo, mas sim como um prisioneiro. Mara deu um jeito às suas vestes, escondendo o turbilhão provocado por uma «lógica» que em Kelewan roçava a heresia.

Aqueles bárbaros eram mais perigosos do que até Arakasi imaginara, pois havia coisas que assumiam como inevitáveis que poderiam virar a sociedade tsurani de pernas para o ar. Mara acreditava convictamente que seria mais seguro para o seu povo se mandasse executar todos os bárbaros. Mas, mais cedo ou mais tarde, alguém iria explorar essas ideias perigosas e seria uma loucura deixar que tal oportunidade caísse nas mãos de um inimigo. Mara afastou a sua inquietação com uma rude tentativa de fazer humor. — Do que dissestes sobre as mulheres serem sacrossantas, então as esposas dos vossos senhores devem tomar as decisões. É assim?

Kevin observara todos os movimentos dela quando alisara as suas sedas. Atraído pela bem visível fenda entre os seios de Mara, ele, com pena, desviou o olhar e começou a rir-se. — Em parte, é o que acontece, minha senhora. Mas nunca abertamente, e não de acordo com a lei. A influência delas é exercida essencialmente a partir do quarto. — Ele suspirou, como que recordando algo que lhe era querido, e o seu olhar pairou sobre o peito exposto no alto da túnica dela e na grande porção de perna que se estendia sob o debrum.

Mara arqueou as sobrancelhas. Consciente de que estava a corar, recolheu instintivamente as pernas para debaixo dela e fechou a parte de cima

da sua reduzida túnica. Por um momento algo estranho, deu por si a olhar para tudo naquela divisão menos para o corpo quase nu do escravo. *Basta!*, repreendeu-se a si própria. Numa cultura onde a nudez era vulgar, porque é que ela de repente se sentia desconfortável?

Aborrecida com o seu próprio erro, fixou diretamente os olhos de Kevin. O que quer que aquele homem pudesse pensar, não deixara de ser propriedade dela; poderia ordenar a morte dele ou que se deitasse com ela e as consequências seriam as mesmas, pois não passava de uma coisa. Depois, espantou-se consigo própria e interrogou-se por que razão teria a sua mente incidido no quarto de dormir. Espantada com a sua inesperada reação irada face a tais tontices, inspirou profundamente e desviou o rumo da conversa dos assuntos remotamente pessoais. Rapidamente deu por si envolvida numa exploração de senhores e senhoras e nas respetivas responsabilidades nas terras para lá da Brecha. Tal como na noite prévia, um assunto levantava mais uma série de perguntas e respostas, e Mara começou a ensinar a Kevin as palavras de que ele necessitava para corporizar a descrição da sua nação, o Reino das Ilhas.

Sendo um homem sagaz, necessitou de escassa orientação. Mara ficou impressionada com a capacidade dele para falar de tantos assuntos. A divisão foi escurecendo conforme a candeia se extinguia; Mara estava demasiado distraída para chamar um criado para compor o pavio. A Lua ergueu-se por detrás do biombo aberto, projetando no chão um brilho dourado e acobreado e lançando tudo o resto na escuridão. A chama ardeu ainda menos intensamente. Mara recostou-se nos seus coxins, tensa e ainda sem disposição para dormir. Por detrás do fascínio dela pelo mundo de Kevin, ainda germinava a raiva. A recordação do toque físico dele — o primeiro homem a tocar na sua pele desde a morte do marido — ameaçava por vezes turvar-lhe a concentração. Nesses momentos, necessitou de deitar a mão a toda a sua força de vontade para se manter focada em qualquer que fosse o assunto que o bárbaro estivesse a abordar.

Kevin acabou de descrever os poderes de um nobre intitulado barão e fez uma pausa para beber. A luz da candeia brilhou sobre a pele dele. Sobre o rebordo da taça, com o olhar seguiu os contornos do corpo dela através da fina túnica de seda.

Mara foi percorrida por uma aversão instintiva e sentiu as faces a ruborizar. Pegando no leque, manteve o rosto inexpressivo enquanto se refrescava. Amargamente, compreendeu que as novidades apenas a conseguiam distrair temporariamente das suas preocupações.

As informações trazidas por Arakasi tinham servido mais para a perturbar do que para a reconfortar e o facto de os seus inimigos não serem uma ameaça imediata deixou-a na dúvida relativamente ao flanco que de-

veria vigiar. Os recursos dela eram escassos, dispunha de poucos homens para guardar tão amplo território, enquanto tentava descobrir uma estratégia útil. Deu por si a desgastar-se continuamente a pensar no que seria menos prejudicial perder, este armazém ou aquela quinta remota. A temerária vitória obtida às custas de Jingu não a cegara para a realidade. Os Acoma continuavam vulneráveis. Ela poderia ter obtido prestígio, mas a quantidade de soldados nas suas guarnições não se alterara. Quando os inimigos decidissem atacar em força, uma má escolha seria perigosa, quiçá fatal.

A cultura de Kevin oferecia conceitos estranhos, como um lenitivo para o sofrimento constante provocado pelo medo. Ocorreu a Mara que deveria manter o bárbaro à mão, tanto para o dominar como para recolher benefícios daquele perturbante cofre-forte de ideias que ele transportava.

Já mais ao corrente do modo de estar dos escravos, julgou mais seguro que o cabecilha fosse mantido longe deles. Sem Kevin, o responsável pelos escravos informou que os bárbaros eram menos propensos a resmungar e a mostrarem-se indolentes. Se Kevin estava ao lado dela durante a maior parte das atividades diárias, a observação direta da alta cultura tsurani poderia permitir-lhe aplicar a sua sabedoria nos problemas dela — dar-lhe uma perspectiva preciosa. Com esse objetivo, Mara decidiu permitir que ele soubesse o que estava em jogo. Ela deveria revelar-lhe quem era o seu inimigo e deixá-lo descobrir o que perderia caso Desio dos Minwanabi triunfasse sobre os Acoma.

Da vez seguinte que Kevin lançou uma questão pessoal, Mara baixou as guardas para dar a imagem de uma rapariga prestes a revelar um segredo. Depois, esperando ter agido corretamente no contexto da estranha cultura dele, ela disfarçou muito bem. — Não deveríeis esperar que eu respondesse a isso.

Alguma da ingenuidade que deixou transparecer era genuína e o resultado atingiu Kevin em cheio. Ela não era distante, ou fria, mas sim uma jovem que lutara para erguer um império financeiro em expansão e para comandar milhares de guerreiros. Mara respondeu ao silêncio desconcertado dele com uma crueldade pérfida. — Devereis comportar-vos como meu escravo pessoal — anunciou. — Portanto, devereis acompanhar-me a todo o lado e podereis observar as respostas ao que perguntais a vós próprio.

Kevin ficou completamente alerta. Apercebera-se das maquinações por detrás da astúcia dela, compreendeu Mara, e não achara grande graça a isso. O facto de ser separado dos seus companheiros era algo que o incomodava, assim como o não conseguir perceber as motivações dela. Distraidamente, os seus dedos puseram-se a remexer as franjas novamente. Desta feita, o cordão separou-se em linhas nas suas mãos. Mara observou por debaixo das suas pálpebras baixadas: ele estava de novo a revoltar-se. Em vez de se arriscar a que se atirasse a ela outra vez, bateu palmas para chamar

um criado homem. O padrão utilizado serviu igualmente para alertar os guardas colocados atrás da porta e eles abriram o biombo, para espreitarem para o interior do quarto.

— Levai o escravo para os aposentos dele — instruiu ao criado que lhe fazia uma vénia. — De manhã, quero que lhe tirem as medidas para lhe fazerem túnicas da casa. Depois de vestido, passará a ter os deveres de criado pessoal.

Kevin eriçou-se quando o criado lhe pegou pelo ombro. Não esqueceu a vigilância dos guardas e com um derradeiro e rancoroso olhar para Mara, permitiu que o levassem dali. O criado era mais baixo do que ele cerca de uma cabeça e ele, irritado, alargou a passada até que o homenzinho teve de começar a correr para o conseguir acompanhar.

Junto à entrada, Lujan empurrou o seu elmo para trás, libertando a testa. — Senhora, isso será sensato? Mal conseguis manter esse bárbaro civilizado sem o dominar com uma trela. Seja qual for o vosso estratagema, mesmo alguém tão pouco inteligente como eu percebe que ele está ciente do vosso jogo.

Mara empinou o queixo. — Também vós? — A sua postura rígida não disfarçou o seu divertimento. — A Nacoya já me deu ontem uma lição sobre aprender o mal com os demónios. O Arakasi disse que os bárbaros têm um modo de pensar tão retorcido quanto correntes revoltas num pântano e o Keyoke, que por norma é sensato, nada disse, o que reflete a sua desaprovação.

— Deixastes de fora o Jican — realçou Lujan em tom jocoso.

Mara sorriu e com o maior dos tatos soltou um suspiro. — O sofredor Jican apostou tudo com o pessoal da cozinha que a minha matilha de midkemianos se chacinarão uns aos outros até à próxima estação. Não importa que as árvores para os prados das *needra* não sejam derrubadas e que passemos a comer crias, como as aves *jiga*, para manter baixo o custo dos cereais.

— Ou seremos mendigos — acrescentou Lujan num tom uma oitava mais agudo do que o habitual, numa malévola imitação da timidez irritante do *hadonra*.

Foi recompensado com um arquejo de riso da sua senhora. — Sois muito malvado, Lujan. E se não fôsseis tão bom a divertir-me, já há muito que vos teria enviado para os pântanos, para tomar conta dos alpendres infestados de insetos. Deixai-me e ide descansar.

— Dormi bem, minha senhora. — Ele fez deslizar suavemente o biombo, o suficiente para lhe dar alguma privacidade, mas deixou uma abertura para que ajuda armada pudesse chegar junto dela assim que a chamasse. Mara suspirou ao ver que Lujan assumira a posição de guarda em frente

à porta, em vez de se retirar para ir dormir. Pensou por quanto tempo poderiam os Acoma permitir-se a ter um Líder de Ataques com plumas de honra de plantão como um vulgar guerreiro no exterior dos aposentos dela.

Desio, se soubesse disso, ficaria perversamente satisfeito.

Ayaki deitou a mão a um punhado de cabelo ruivo. — Au! — gritou Kevin simulando dor. Esticou a mão para o rapaz que abriu muito as pernas em cima dos seus ombros e fez cócegas nas suas costelas cobertas por seda. O jovem herdeiro dos Acoma reagiu com um grito enérgico de gargalhadas que levou metade dos soldados da escolta de Mara a reprimir um estremecimento.

As cortinas da liteira abriram-se de repente para o lado e Mara chamou por entre a ranhura. — Será que as crianças se poderiam acalmar?

Kevin sorriu-lhe e deu um derradeiro beliscão ao dedo do pé de Ayaki. O rapazinho guinchou e desatou a rir. — Estamos a divertir-nos — explicou o bárbaro. — O facto de o Desio vos desejar ver morta não é motivo para desperdiçar um dia perfeito.

Mara fez um esforço para suavizar o ar carrancudo. O facto de Ayaki e Kevin terem visitado pela primeira vez a colmeia cho-ja com o séquito dela era o suficiente para animar os espíritos. Mas o que um era demasiado novo para perceber, e o outro demasiado inexperiente, era que um mensageiro enviado para a chamar de volta da colmeia indiciava algo de uma importância inquietante. Se as novidades fossem boas, inevitavelmente poderiam ter esperado pelo regresso dela à casa senhorial.

Mara suspirou ao acomodar-se de novo nos seus coxins. A luz do Sol espalhou-se pelo seu colo e o ar húmido fê-la transpirar. Tinha chovido durante toda a noite, pois a época das chuvas estava no seu início. O solo onde os soldados marchavam estava recoberto por uma fina camada de lama e nos recantos mais escuros da estrada brilhavam charcos em tudo semelhantes a joias. A humidade intensa levou a que até as plantas mais comuns florescessem e o ar apresentava-se opressivo devido à quantidade de aromas. Mara sentiu uma dor de cabeça a aproximar-se. O mês anterior desgastara-lhe os nervos, enquanto aguardava que os Minwanabi, sob as ordens de Desio, estabelecessem algum padrão previsível. Até então, a única coisa concreta que a rede de espíões de Arakasi descobrira era que Desio informara o Senhor da Guerra de que o seu primo Tasaio era preciso em casa. Isso só por si era sinistro. Logo para começar, a inteligência de Tasaio quase levara os Acoma à ruína e a recuperação era demasiado recente para conseguir suportar mais um revés de grande dimensão.

Quando a liteira fez a derradeira curva na aproximação à casa senhorial, Mara sentiu-se preocupada com a eventualidade de aquela chamada

por parte do seu Comandante das Forças Armadas resultar de um movimento instigado por Tasaio. O homem era demasiado bom, demasiado subtil e demasiado ambicioso para se deixar ficar no papel de jogador secundário entre as fileiras dos inimigos dela. Se ela fosse Desio, teria colocado todo o conflito com os Acoma nas mãos de Tasaio.

— O que foi que vistes que vos deixou tão maravilhado? — perguntou Kevin a Ayaki. Os dois tinham-se tornado instantaneamente amigos desde a manhã em que o rapaz tentara ensinar ao enorme bárbaro a maneira correta de apertar sandálias tsurani, embora na realidade ele também não o soubesse fazer. O facto de o bárbaro ter conquistado o rapaz proporcionara-lhe uma proteção acrescida face à raiva de Mara por este lhe ter deitado a mão. Conforme foi conhecendo Kevin, deu por si a desenvolver por ele algo parecido com afeto, apesar do comportamento ultrajante dele e de uma total falta de civismo.

— Que cheiro bonito! — gritou Ayaki, em quem o entusiasmo se media em decibéis.

— O cheiro não se vê — protestou Kevin. — Embora tenha de admitir que o buraco dos Cho-ja fedia como um barracão de moer especiarias.

— Porquê? — Ayaki bateu com o seu punho rechonchudo no braço de Kevin para dar mais ênfase. — Porquê?

Kevin pegou no rapaz pelos tornozelos e com uma cambalhota tirou-o de cima dos ombros. — Acho que é por serem insetos... bichos.

Ayaki, de pernas para o ar e já a ficar vermelho devido à excitação, disse:

— Os bichos não falam. Mordem. A ama esmaga-os. — Fez uma pausa, balançando as mãos para baixo e revirando os olhos. — Ela também me esmaga.

— Porque falais demasiado — sugeriu Kevin. — E os Cho-ja são inteligentes e fortes. Se tentásseis esmagar um, ele espremer-vos-ia.

Ayaki vociferou em negação, alegando que esmagaria qualquer cho-ja antes que conseguissem espreme-lo e depois gritou de novo quando Kevin o sacudiu outra vez para o depositar virado para cima nos braços da ama, que mostrava um ar de reprovação.

A comitiva chegara à casa senhorial. Os transportadores agacharam-se para baixar a liteira de Mara e os soldados que a acompanhavam mesmo nos passeios mais inócuos ficaram atentamente em alerta. Lujan apareceu no seu posto para ajudar a senhora a descer, enquanto Jican fazia uma grande vénia junto à entrada. — O Arakasi aguarda-vos no vosso estúdio na companhia do Keyoke, minha senhora.

Mara assentiu distraidamente, principalmente porque o ruído de fundo de Ayaki não lhe permitia prestar atenção. Apontou com a cabeça para o

transportador que carregava novas amostras de seda. — Vinde — ordenou. Depois, fez uma pausa, para refletir. Passado um bocado, olhou para Kevin. — Vós também.

O bárbaro conteve um impulso para perguntar qual seria o tópico da conversa. Desde que fora colocado na comitiva pessoal da senhora, conhecera a maioria dos conselheiros de Mara, mas o Mestre Espião era um desconhecido. Sempre que ele trazia informações, Mara atribuía ao seu criado pessoal alguma tarefa que o ocuparia noutra local. Curioso com o que a teria levado a mudar de ideias, Kevin já aprendera o suficiente sobre a política dos Acoma para presumir que a razão seria significativa, até ameaçadora. Quanto mais observou, melhor compreendeu que por detrás da postura de confiança da senhora jaziam medos que teriam feito desmoronar alguém com menos fibra. E apesar da raiva sentida por ser tratado como pouco mais de uma mascote com o dom da fala, ele, de má vontade, começara a admirar a sua dureza inflexível. Esquecendo a idade e o sexo, Mara era uma mulher notável, uma adversária a temer e uma líder a ser obedecida.

Kevin entrou no corredor pouco iluminado, seguindo a senhora. Discretamente, Lujan acompanhava-os, um passo à frente do escravo como era adequado. O Líder de Ataques montaria guarda à porta do estúdio durante a reunião, não só para proteger a sua senhora, como para assegurar que não haveria criados a vaguear pelo corredor para escutar algo às escondidas. Embora Arakasi tivesse escrutinado rigorosamente todo o pessoal doméstico de serviço à casa senhorial, ainda assim insistia com Mara para que tomasse precauções. Era sabido que servos aparentemente leais tinham perdido a honra e cedido a subornos e um governante desleixado em termos de hábitos de segurança era um convite à traição. Guerreiros que prestaram juramento e conselheiros de alto nível eram de confiança, mas aqueles que recolhiam fruta em pomares e tratavam das flores nos jardins poderiam servir um amo qualquer.

Os biombos do estúdio foram corridos e o ar ficou mais pesado. O elmo emplumado do Comandante das Forças Armadas parecia uma sombra na escuridão; Keyoke sentou-se perfeitamente imóvel nos coxins em frente ao biombo fechado. A sua arma embainhada estava pousada sobre os joelhos, um sinal seguro de que passara o tempo enquanto esperara pela sua senhora a inspecionar a lâmina à procura de falhas que apenas os seus olhos conseguiam distinguir — se não fossem devidamente tratadas, as lâminas tsurani de couro curtido poderiam laminar-se, deixando um guerreiro desarmado.

Mara assentiu com a cabeça para fazer uma pequena saudação, despojou-se da sua túnica exterior e soltou a faixa na cinta. Kevin tentou não olhar fixamente quando ela puxou a seda fina da túnica para a descolar da

sua pele pegajosa. Apesar do cuidado, a virilha avolumou-se em reação à visão do peito despido dela. Num embaraço sub-reptício, deu um safanão à desadequada libré de escravo para ocultar o resultado. Por muito que recordasse a si próprio que os conceitos de pudor eram diferentes ali dos da sua Midkemia natal, não conseguia habituar-se à descontraída nudez quase total adotada pelas mulheres de Kelewan devido ao clima. Estava tão envolvido em tentar controlar a reação involuntária do seu corpo que mal reparou nas palavras de Mara quando ela dispensou a sua aia e se sentou.

— O que tendes a relatar?

Keyoke inclinou a cabeça. — Houve um ataque, bastante pequeno, lançado pelos Minwanabi contra uma caravana de transporte de *thyza*.

Mara empurrou para trás uma madeixa solta de cabelo e manteve-se em silêncio por uns momentos. — Então o ataque deu-se tal como previra o agente do Arakasi? — acabou por dizer.

Keyoke voltou a inclinar a cabeça. — Até a quantidade de soldados bateu certa, senhora. Isto não me está a cheirar nada bem. Parece não ter qualquer interesse estratégico.

— E como vós odiais pontas soltas — concluiu Mara. — Presumo que os soldados minwanabi tenham sido derrotados?

— Todos mortos, sem exceção — realçou Keyoke. O seu tom seco refletiu pouco agrado pela vitória. — Menos uma companhia para saquear as nossas fronteiras, se Desio optar pela guerra. Mas é a inépcia do ataque que me incomoda. Os guerreiros pereceram como homens que teriam prestado juramento para um suicídio honrado, e não como se estivessem determinados em alcançar um objetivo.

Mara mordeu o lábio, com um ar cada vez mais preocupado. — O que vos parece? — perguntou ela, para as sombras.

Alguém se moveu lá em resposta e Kevin inclinou-se um pouco para a frente. Olhou mais de perto e discerniu a elegante silhueta sentada imóvel, com as mãos entrelaçadas. A imobilidade inquietante do sujeito levava a que Kevin, até então, não o tivesse vislumbrado. A voz dele era insípida, mas, de alguma forma, transmitiu a ênfase de uma expostulação bem audível. — Senhora, a perspetiva que tenho para vos oferecer é mínima, pois ainda não disponho de um agente que frequente as reuniões privadas do Desio. Ele discute as suas ideias unicamente com o Conselheiro Principal, Incomo, e com o primo Tasaio. O Conselheiro Principal, naturalmente, não é dado a mexericos ou à bebida, e o Tasaio não confia em ninguém, nem sequer no guerreiro que foi o seu mentor na infância. Dadas as circunstâncias, é de crer que os agentes de que dispomos estão a reportar com precisão.

— Então, qual é a vossa suspeição?

Arakasi manteve-se demoradamente em silêncio antes de responder. — Eu apostaria que é o Tasaio que está no comando. Tem uma mente do mais retorcido e penetrante que alguma vez conheci. Ele serviu muito bem o Senhor Jingu na eliminação dos Tuscai. — Todos, exceto Kevin, sabiam que a Casa tombada era aquela que Arakasi servira antes de entrar ao serviço de Mara. — O Tasaio é uma espada muito afiada nas mãos do seu amo... mas a trabalhar em seu próprio proveito... é difícil avaliar o que ele faria. Penso que o Tasaio anda a sondar. Pode ter sido ordenado aos seus guerreiros que se deixassem morrer para que pudesse testar algo em relação à Casa dos Acoma. Penso que será um stratagem.

— Com que fim?

— Se eu soubesse, senhora, estaríamos a planear contramedidas, em vez de a ponderar possibilidades.

Mara fez uma pausa coberta de tensão. — Arakasi, será possível termos um espião nas nossas fileiras?

Kevin observou com curiosidade quando o Mestre Espião dos Acoma assumiu mais uma vez uma postura de completa imobilidade. Um escrutínio intenso revelou que o homem tinha um talento para se arranjar de uma forma que lhe permitia misturar-se com o ambiente envolvente. — Senhora, desde o dia que prestei juramento no vosso *natami*, instiguei profundas verificações. Não tenho conhecimento de qualquer traidor entre nós.

A senhora esboçou um gesto de frustração. — Mas porquê atacar uma caravana de *thyza* entre a herdade e Sulan-Qu, a não ser que alguém adivinhasse os planos que temos em marcha? Arakasi, o nosso próximo embarque de cereais serve para dissimular as nossas amostras de seda. Se era essa a informação que os Minwanabi procuravam, os nossos problemas podem efetivamente ser bastante graves. A nossa seda cho-ja deve apanhar os mercados de surpresa nos leilões. A receita e a reputação estarão perdidas se o nosso segredo for descoberto antecipadamente.

Arakasi inclinou a cabeça, tanto para concordar como para a tranquilizar. — O ataque por parte dos soldados do Desio pode não ter passado de uma coincidência, mas concordo convosco. Não devemos partir desse princípio. O mais provável é ele andar a sondar para descobrir por que razão as nossas caravanas andam tão bem guardadas.

— E porque não despistá-lo com uma manobra de diversão? — propôs Kevin.

— Manobra de diversão? — atirou Keyoke com impaciência. Por esta altura, o Comandante das Forças Armadas de Mara já se resignara aos comentários despropositados do bárbaro; ele podia não ter sido feito para pensar como um escravo e a senhora, a dada altura, e por razões que só ela poderia explicar, decidira não seguir à letra o protocolo. Mas Arakasi e

o midkemiano nunca se haviam encontrado antes e aquela impertinência revelara-se surpreendente.

Os olhos do Mestre Espião brilharam nas sombras quando ele fitou o homem alto que estava atrás do ombro de Mara. Não sendo alguém dado a emaranhar-se em preconceitos, ignorou a posição e a insolência do homem, encarando-as como irrelevantes, e demonstrou rapidamente um interesse quase assustador no conceito por detrás da sugestão de Kevin. — Isto não tem nada de divertido, mas as palavras que usais implicam algo bem diferente.

— Uma série de artimanhas. — Kevin acompanhou a sua explicação com o seu habitual gesticular expansivo. — Se há algo para esconder no carregamento de *thyza*, confundi o inimigo enfiando embrulhos selados em todas as carroças de transportes de bens. O inimigo terá então de dispersar e debilitar as suas forças e interceptar todas as caravanas em movimento e, conseqüentemente, revelar as suas intenções ou desistir da abordagem.

Arakasi pestanejou intensamente, como um falcão. O seu raciocínio foi ainda mais rápido. — E as amostras de seda não iriam em nenhum desses carregamentos — concluiu —, mas antes dissimuladas noutra local qualquer, talvez à vista de todos, onde por norma seria de esperar que se vissem sedas.

O olhar de Kevin iluminou-se. — Precisamente. Talvez as pudésseis coser como forro de túnicas ou talvez até transportá-las como um carregamento independente de lenços.

— A ideia faz sentido — disse Mara, e Arakasi assentiu em concordância. — Podemos até fazer com que a criadagem use sobretúnicas de seda de excelência por debaixo das suas habituais túnicas de viagem.

Naquele momento, alguém no exterior bateu insistentemente ao biombo. Arakasi, instintivamente, refugiou-se na sombra e Mara perguntou de quem se tratava.

O biombo abriu-se repentinamente para deixar entrar a desgrenhada Conselheira Principal dos Acoma com a face ruborizada devido à agitação. Keyoke recostou-se nos seus coxins e largou o punho da espada que apertava intensamente quando Nacoya se dirigiu à sua senhora, dando-lhe uma descompostura mesmo enquanto fazia a obrigatória vénia.

— Minha senhora, olhai para as vossas roupas! — A antiga aia revirou os olhos em sinal de desespero.

Surpreendida, Mara olhou para a sua túnica solta, aberta devido ao calor e exibindo pó na gola, acumulado aquando da sua visita à colmeia cho-ja.

— E o vosso cabelo! — ralhou Nacoya, agora a agitar em sinal de reprovação o dedo engelhado. — Um caos. Todo ensarilhado, quando deve-

ria estar a brilhar e perfumado. Vamos precisar, no mínimo, de uma dúzia de aias. — Depois, parecendo aperceber-se, em simultâneo, da presença de Keyoke e Arakasi, ela cacarejou, ainda mais afrontada. — Fora! — gritou. — A vossa senhora deve pôr-se rapidamente apresentável.

— Nacoya! — atirou Mara. — O que vos leva a interromper a minha reunião privada e a dar ordem de saída aos meus oficiais como se não passassem de pessoal doméstico? E porque é que de repente o meu aspeto se tornou tão vital?

Nacoya endireitou-se como uma ave *jiga* aguilhada. — Pelo que há de mais sagrado em Lashima, senhora, como pudestes esquecer? Como?

— Esquecer? — Mara, genuinamente baralhada, afastou para trás uma madeixa solta de cabelo. — Esquecer o quê?

Nacoya ficou muda de irritação. Arakasi interveio com delicadeza e respondeu por ela. — A pequena avó quererá referir-se a Hokanu dos Shinzawai, cujo séquito ultrapassei na estrada que vem de Sulan-Qu.

A Conselheira Principal dos Acoma recuperou a compostura e falou com azedume. — A carta do jovem cavalheiro a pedir permissão para uma visita já há uma semana que está pousada na vossa secretária, minha senhora. Respondestes-lhe aceitando a visita e agora ides insultá-lo não estando pronta para o receber.

Mara usou uma palavra completamente desadequada à sua posição. Isso originou mais um guincho de Nacoya e um sorriso franco de Kevin, cujo domínio das obscenidades do tsurani fora obtido com a ajuda de um condutor de escravos particularmente animado, continuando a constituir o seu vocabulário mais completo.

Nacoya libertou a sua frustração batendo intempestivamente palmas para que entrassem as criadas que iriam ajudar Mara a banhar-se. Por entre o caos criado quando entraram as escravas com bacias e toalhas, e montes de roupa de excelência ornamentada com joias, Mara dispensou o seu Comandante das Forças Armadas. Enquanto três pares de mãos lhe retiravam a roupa, ela libertou um punho a custo e apontou para a trouxa de amostras de seda trazida da colmeia dos Cho-ja. — Arakasi, decidi o que fazer com isso. O Jican indicar-vos-á quando é suposto chegarem a Jamar. Tratai de arranjar os esquemas para que lá cheguem sem que sejam notadas.

O Mestre Espião reagiu com uma vénia discreta e saiu com a trouxa. Kevin permaneceu. Esquecido no seu lugar atrás dos coxins da sua senhora, passou o minuto seguinte perturbado com a visão de Mara de pé na sua tina enquanto as criadas despejavam água quente sobre o seu corpo ágil. A seguir, ela sentou-se lenta e graciosamente. Enquanto permanecia na tina, com as criadas a ensaboá-la e a passar-lhe água, Kevin vislumbrou repetidamente porções do corpo nu. Imóvel no canto,

amaldiçoou interiormente o facto de o seu reduzido traje tsurani pouco lhe cobrir o corpo, pois a visão da sua bela e jovem senhora estava a provocar uma ereção na sua masculinidade. Tal como um envergonhado moço de recados da cozinha, tapou a virilha com ambas as mãos e tentou focar-se em pensamentos desagradáveis para voltar a dominar o seu corpo desobediente.

Quando a Senhora dos Acoma emergiu e se libertou apressadamente das atenções das suas aias e criadas de banho, Kevin seguiu-a no seu lugar habitual, principalmente porque ninguém com autoridade se dera ao trabalho de lhe ordenar algo em contrário. Repleta de joias, arranjada e vestida com uma bela sobretúnica com pérolas e esmeraldas aplicadas, Mara estava demasiado agitada para reparar no escravo bárbaro que já há quase um mês fazia parte do seu séquito. Percorreu os pátios com a pele ligeiramente enrugada entre as sobranceiras. Kevin, cada vez mais habituado a reconhecer o estado de espírito dela, concluiu que a visita do tal Hokanu dos Shinzawai era algo mais do que um ato meramente social. Era notório que Mara preferia discussões financeiras com o seu *hadonra* do que atender às obrigações sociais com que se deparava enquanto governante de uma honrada Casa dos Tsurani.

Nacoya chamou furiosamente a atenção a Mara e esta abrandou o passo antes de entrar no pátio fechado, que àquela hora era o lugar mais fresco onde um hóspede poderia sentir-se confortável. A Conselheira Principal afagou o pulso da sua senhora e prestou-lhe as derradeiras instruções. — Sede encantadora com este homem, filha do meu coração, mas não subestimeis a perspicácia dele. Não é um rapaz incómodo como o pobre Bruli, para se deixar levar pelas tolices do amor, e por certo que o ofendestes ao deixá-lo à espera.

Mara anuiu distraidamente e livrou-se da protetiva Nacoya. Com Kevin ainda nos seus calcanhares, saiu para a sombra irregular do pátio.

Tinham sido colocados coxins junto à fonte, assim como uma bandeja com uma refeição ligeira lá perto. Tudo permanecia com um ar intocado. Quando Mara entrou, um homem magro e musculado deteve-se entre degraus naquela que deveria ser a derradeira de uma dúzia de voltas agitadas pelos carreiros ajardinados. Estava vestido de seda azul com topázios e rubis incrustados, vestes obviamente talhadas para um filho de uma família poderosa. Já mais experiente a ler a inescrutabilidade dos Tsurani, Kevin não olhou para o atraente mas inexpressivo rosto para se elucidar; em vez disso, observou as mãos, que eram bem formadas e pejudadas de calosidades devido ao manejo de espadas. Reparou na leve alteração nas passadas quando o jovem se voltou para cumprimentar a

senhora, assim como notou a tensão patente que sem dúvida era indicadora de aborrecimento. Ainda assim, a voz revelou-se agradavelmente calma. — Senhora Mara, que prazer. Estais bem?

Mara brindou-o com uma vénia, e as suas joias refletiram salpicos irregulares de luz solar por entre as folhas. — Hokanu dos Shinzawai, estou suficientemente bem para me aperceber da realidade. Estais irritado com a minha demora e face a isso não tenho como desculpar-me. — Deixou-se ficar muito direita, o alto da cabeça dela mal lhe dando pelo queixo. Para enfrentar os olhos escuros dele, teve de inclinar a cabeça para trás de um modo que a deixou, com toda a naturalidade, absolutamente espantosa. — O que mais resta aos Acoma além de pedir perdão? — Mara silenciou-se e exibiu um desarmante sorriso embaraçado. — Pura e simplesmente, esqueci-me a quantas estava.

Por segundos, Hokanu pareceu ofendido. Depois, cedendo evidentemente à súplica da senhora, e desarmado pelo facto de ela não lhe ter mentido, os dentes dele brilharam numa erupção de riso sincero. — Baralhais-me! Se fôsseis um guerreiro, já estaria de espada empunhada a lutar convosco. Desta forma, resta-me apenas fazer notar que estais em dívida para comigo. Para ser recompensado, exijo a vossa companhia.

Mara avançou um passo e permitiu-lhe um breve abraço formal. — Talvez eu devesse ter ido receber-vos à porta com a minha túnica amarrada que estava a usar na reunião — sugeriu, num tom malicioso.

Hokanu não largou a mão dela, de uma forma que Kevin interpretou como possessiva. A capacidade do jovem para conter a sua ânsia perante uma fachada de espantosa graciosidade importunou o escravo midkemiano, embora ele não tivesse percebido porquê. Quando o nobre reagiu ao dito espirituoso da senhora com uma outra gargalhada, dizendo: — Para a próxima, fazei isso —, Kevin deu por si mal-humorado.

Por norma, Mara era astuta e assertiva ao lidar com os homens do seu pessoal e com estes raros visitantes de Estado que Kevin observara durante o seu serviço como criado pessoal. Com Hokanu, a inteligência dela tornara-se menos mordaz e o engenho que ele de má vontade começara a admirar desaparecera face a uma insegurança inexplicável. Mara pareceu-lhe reservada em mostrar prazer quando permitiu ao jovem guerreiro que a instalasse nos coxins; nitidamente, sentia-se agradada com a companhia do jovem. Com uma cortesia submissa, chamou Kevin para que servisse comida e bebidas. Hokanu aceitou um prato de frutos embebidos em licor e um cálice de vinho de *sã*. Os seus olhos escuros incidiram com interesse sobre o midkemiano. Kevin sentiu-se por momentos escrutinado de alto a baixo, como se fosse uma mercadoria; a seguir, o nobre dirigiu-se em tom jocoso a Mara.

— Constató que domastes admiravelmente este bárbaro que mais pa-

recia um *sarcat*. Ele, mais do que quaisquer outros da sua espécie, parece ter aprendido o seu lugar.

Mara escondeu o seu divertimento por detrás do rebordo da sua taça de *chocha* enquanto sorvia um pequeno trago. — Assim parece ser — disse ela tranquilamente. — Encontrastes os escravos que o vosso pai necessitava nos pântanos ngaggi?

Os olhos de Hokanu tremeluziram quando inclinou a cabeça. — O assunto resolveu-se de modo satisfatório. — Depois, como que consciente de que Mara se revelara tão reticente consigo quanto ele com ela em relação ao interesse mútuo mas não declarado em midkemianos, fez incidir a conversa nos atributos físicos de Kevin, como se o midkemiano ruivo não estivesse presente e a ouvi-los.

— Ele parece tão forte quanto uma *needra* macho e deve fazer um bom trabalho a limpar a terra para as pastagens.

Pouco habituado a que falassem dele como se fosse um animal, Kevin abriu a boca ciente de que preferia defender-se com uma luta corpo a corpo. Antes de conseguir mostrar-se suficientemente audacioso para desafiar o elegante guerreiro shinzawai, o rosto de Mara ficou de repente lívido. Com uma precisão extremamente rápida, ela antecipou o que estava para suceder. — Escravo! Já não sois preciso aqui. Dizei à Misa para nos vir servir. A seguir, ide para o pátio e ajudai o Jican a verificar as necessidades da caravana do Hokanu.

O lábio de Kevin virou-se ousadamente num meio-sorriso quando fez a sua vénia de escravo, ainda assim menos vincada do que exige a tradição, para profunda irritação de Mara. Depois, olhando de relance para Hokanu, de um modo quase rancoroso, girou sobre os calcanhares e saiu. A única lacuna na sua atuação foi o facto de o curto traje tsurani lhe assentar de modo ridículo, um pormenor que não passou despercebido a Hokanu.

O comentário que Kevin escutou de passagem ao atravessar o biombo para o corredor foi quase indecente, tendo em conta a presença de uma senhora. Com um súbito acesso de raiva, Kevin desejou poder desafiá-lo para uma luta, mas depois, com uma candura equivalentemente surpreendente, percebeu que estava com ciúmes. — Maldito seja ele, e maldita seja ela, também — murmurou para si próprio. Pensar sequer numa paixão por Mara era um convite garantido para ser pendurado pelo pescoço na árvore *ulo* mais próxima, provavelmente com a cabeça virada para baixo sobre uma fogueira. Se pretendia obter algo da parte daquela mulher, não seria por via do galanteio. De alguma forma, contra todas as expectativas e tradições, iria maquirar uma forma de se tornar outra vez livre.

O pátio exterior estava todo empoeirado, como se a chuva da noite anterior não tivesse passado de um sonho dissipado pela luz do Sol. *Needra*

e carroças enchiam o recinto cercado; os gritos dos condutores e o resfolegar de machos capados sobrepunham-se à confusão enquanto escravos corriam de um lado para o outro com forragem, taças de *thyza* e tinas de água. Kevin dirigiu-se para o meio do rebuliço ainda preocupado com o seu despeito e quase tropeçou em Jican.

O pequeno *hadonra* berrou, com a afronta, e saltou para trás para evitar ser derrubado. Olhou para cima, avaliou o enorme peito musculado de Kevin que a reduzida túnica não conseguia tapar e franziu o sobrolho, com uma fúria que a sua senhora nunca lhe vira. — Não tendes o que fazer? — atirou ele.

Kevin ergueu as sobrancelhas de um modo desarmante. — Estava a dar uma volta.

A expressão de Jican tornou-se ameaçadora. — Pois, mas isso agora acabou. Ide buscar uma tina e trazei água para os escravos da caravana. Sede rápido e nada de ofender qualquer elemento da comitiva dos Shinzawai, ou, juro pelos deuses, farei com que sejais pendurado e espancado.

Kevin observou o minúsculo *hadonra* que, na presença da senhora, sempre se revelara tímido como uma mosca. Embora fosse mais de uma cabeça mais baixo, Jican fincou pé. Tirou uma tina de um escravo que ia a passar e encostou o rebordo à cintura de Kevin. — Ao trabalho.

O homem maior resmungou algo ao expirar e saltou para trás quando sentiu água fria a encharcar-lhe a virilha. — Raios — resmungou ao deitar a mão ao recipiente de madeira antes que este caísse e insultasse ainda mais permanentemente a sua masculinidade. Quando se endireitou, Jican já tinha partido. Tendo desperdiçado a sua oportunidade de se esgueirar sub-repticiamente por entre a multidão, Kevin localizou o rapaz da água e encheu obedientemente a sua tina. Transportou o seu conteúdo oscilante através do pandemónio empoeirado e deu de beber a dois escravos esguios e queimados pelo sol que estavam empoleirados à vontade na traseira de uma carroça de mercadoria.

— Ei, sois do Reino — comentou o mais alto, que era louro e ostentava duas crostas a descascar no rosto. — Quem sois vós? Quando fostes capturado?

Os três escravos apresentaram-se enquanto Kevin passava a tina ao mais magro e de cabelo escuro, que tinha a mão direita enfaixada e cuja expressão, no olhar, era estranhamente fria. Aquele homem era um escudeiro de Crydee e Kevin não o conhecia, mas o outro, que se chamava Laurie, pareceu-lhe familiar.

— Será possível que já nos tenhamos cruzado antes? — perguntou Kevin quando voltou a pegar na tina, entregue pelo escudeiro Pug. — O louro encolheu os ombros com uma simpatia instintivamente teatral. — Quem

sabe? Corri o Reino como menestrel e cantei na corte de Zun por mais de uma vez. — Laurie estreitou os olhos. — Olha, sois o barão...

— Silêncio — avisou Kevin. Olhou rapidamente para ambos os lados, assegurando-se de que nenhum dos soldados conseguia ouvir. — Uma palavra sobre a minha posição e estou morto. Eles matam os oficiais, lembrais-vos?

Consciente do quanto os seus compatriotas estavam magros e desgastados, Kevin questionou-os quanto ao que lhes sucedera depois de terem sido capturados.

O homem mais sombrio e enigmático, chamado Pug, fitou-o com dureza. — Sois bom a avaliar as situações. Sou um escudeiro, e se eles tivessem descoberto que isso equivalia a uma nobreza menor, teria sido morto logo no primeiro dia. Assim, não deram importância à minha posição. Disse-lhes que servia o Duque e entenderam isso como se fosse um servo. — Olhou em redor para os apressados escravos acoma, que se moviam com o propósito único de obedecer às instruções do *hadonra*. — Sois novo nisto da escravatura, Kevin. Fazíeis bem em lembrar-vos de que estes tsurani podem matar-vos sem qualquer problema de consciência, pois estão plenamente convictos de que um escravo não tem honra. Kevin de Zun, sede muito discreto, pois se lhes der na veneta, a vossa sorte pode alterar-se.

— Raios — exclamou Kevin em voz baixa —, então não nos oferecem concubinas por bom comportamento?

Laurie arregalou os olhos por uns momentos e depois as suas bem audíveis gargalhadas despertaram a atenção de um dos guerreiros shinzawai. A sua cabeça emplumada voltou-se na direção deles e instantaneamente os dois midkemianos da carroça mostraram-se inexpressivos. Quando o soldado se virou para o outro lado, Laurie suspirou discretamente. — Pelo menos não nos tiraram o nosso sentido de humor.

— Quando se perde a vontade de rir, é porque estamos mortos — comentou Kevin.

Laurie limpou a cara com um trapo que enfiara na tina que Kevin segurava e disse:

— Como já disse muitas vezes aqui ao meu pequeno amigo.

Pug fitou Laurie com um misto de afeto e irritação. — Isto vindo de um louco que quase se matou para me salvar a vida. — Suspirou. — Se aquele jovem nobre shinzawai não tivesse estado nos pântanos... — Deixou o pensamento por concluir e depois o seu tom de voz tornou-se mais melancólico. — Todos os homens que foram capturados comigo no primeiro ano de guerra estão mortos, Kevin. Aprendei a adaptar-vos. Os Tsurani têm um conceito de isolamento, aquele lugar perfeito dentro do qual ninguém

vos pode chegar. — Pousou o dedo no peito de Kevin. — Aqui. Aprendei a viver aqui dentro e aprendereis a viver cá fora.

O ruivo assentiu com a cabeça e depois, consciente de que Jican estava de olho em si, pegou na tina para a voltar a encher. Dirigindo um aceno pesaroso a Laurie e Pug, passou à carroça seguinte na fila. Se pudesse, ausentar-se-ia dos aposentos dos escravos à noite para ir passar algum tempo com aqueles dois. Trocar informações poderia não ser de grande utilidade, mas serviria para aliviar um pouco a dor gerada pelas saudades de casa.

Mas com o decorrer da noite, foi-lhe sendo atribuído mais trabalho, até que, exausto, foi conduzido de novo à casa principal para que dormisse na divisão que lhe fora destinada. Um guarda do lado de fora da porta impossibilitou qualquer pretensão de visita aos seus conterrâneos. Contudo, à noite ouviu vozes ao longe, a proferir palavras que mal conseguia escutar, mas que tinham um sotaque que lhe era bem conhecido.

Suspirando de frustração, percebeu que os seus companheiros estavam a conviver com os dois insulares da caravana dos Shinzawai. Iria saber dos mexericos em segunda mão quando voltasse a ter oportunidade de falar com Patrick ou qualquer outro dos seus homens. No entanto, a falta de contacto direto causou-lhe as mais intensas saudades de casa desde que fora capturado. — Maldita seja aquela cabra — sussurrou para a sua dura almofada. — Maldita seja.